

# 3º Diagnóstico de Processos de Ensino-Aprendizagem Remotos em Período de Pandemia da Covid-19



FOTO: DARLENE ANDRADE

## A educação remota emergencial

EXPECTATIVAS DE RETORNO:  
PRESENCIAL, SEMIPRESENCIAL  
E REMOTO

CURSOS BÁSICOS

CURSOS EXTENSIVOS E TÉCNICO

LABORATÓRIOS DE PESQUISA

ATELIÊS DE PRODUÇÃO

FORMAÇÃO EM ACESSIBILIDADE



## O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia

Autoria de Cristiane Faustino, Franciscana Souza e Beatriz Fernandes (Instituto Terramar)

## Gráficos do Perfil Socioeconômico (Por Matrícula)

Matrículas do Contrato de Gestão 2020 e FECOP (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## Cartas ao Grande Bom Jardim

Cartas de Kelly Enne Saldanha, Livia de Paiva Rodrigues, Jéssica Teixeira, Nayana Santos, Diego Furtado Rodrigues e Marcello de Souza.

**3º Diagnóstico de Processos de Ensino-Aprendizagem**  
**Remoto, Presencial e Semipresencial em Período de Pandemia da Covid-19**  
**Janeiro a Março/2021**

Escola de Cultura e Artes

Centro Cultural Bom Jardim

Fortaleza-CE

Maio de 2021



**Diagnóstico de Processos de Ensino-Aprendizagem**  
**Remoto, Presencial e Semipresencial em Período de Pandemia da Covid-19**

Equipe da Escola de Cultura e Artes - CCBJ

**Joaquim José Correia de Araújo**

Gerente de Formação Artística

**Kelly Enne Saldanha**

Coordenação de Teatro

**Lívia de Paiva Rodrigues**

Coordenação de Audiovisual

**Eric Barbosa**

Coordenação de Música

**João Paulo Barros**

Coordenação de Dança

**Diêgo de Lima Barros**

Supervisão de Cultura Digital

**Jéssica Carvalho Teixeira**

Formação em Acessibilidade

**Henrique Gonzaga**

Supervisão de Ateliê

**Mel Andrade**

Assistente Pedagógica Teatro

**Suyanne Oliveira**

Assistente Pedagógica Dança

**Diego Furtado**

Assistente Pedagógico Música

**Nayana Santos**

Assistente Pedagógica Audiovisual

**Paloma Bezerra**

Assistente Pedagógica Cultura Digital

**Ana Patricia Silva**

Secretária Escolar

**Vanda Rodrigues**

Auxiliar de Secretaria Escolar

Contribuíram para esta edição:

*Texto "O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia"*

**Cristiane Faustino, Franciscana Souza e Beatriz Fernandes**

Instituto Terramar



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 EXPECTATIVAS DE RETORNO - PRESENCIAL, SEMIPRESENCIAL E REMOTO</b>	<b>10</b>
<b>3 CURSOS BÁSICOS</b>	<b>13</b>
3.1 FORMAÇÃO BÁSICA EM DANÇA	13
3.2 FORMAÇÃO BÁSICA EM TEATRO	19
3.3 FORMAÇÃO BÁSICA EM AUDIOVISUAL	25
3.4 FORMAÇÃO BÁSICA EM MÚSICA	31
3.5 FORMAÇÃO BÁSICA EM CULTURA DIGITAL	36
3.6 FORMAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	50
3.7 O CAMPO AMBIENTAL COMO PAUTA CULTURAL E A FORMAÇÃO COMO ALIADA À LUTA POR DIREITOS	52
<b>4. CURSOS EXTENSIVOS E TÉCNICO</b>	<b>61</b>
4.1 CURSO TÉCNICO EM DANÇA	62
4.2 CURSO DE EXTENSÃO EM TEATRO	66
4.3 CURSO DE EXTENSÃO EM AUDIOVISUAL	69
4.4 CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA	74
<b>5 LABORATÓRIOS DE PESQUISA</b>	<b>79</b>
5.1 PROJETO “E AÍ, POPULAÇÃO?”	81
5.2 PROJETO “QUANTOS SILÊNCIOS COMPÕEM UM CORPO DE GUERRA?”	82
5.3 PROJETO “ABAYOMI: POÉTICAS POSSÍVEIS DE UMA REALIDADE PRESENTE”	83
5.4 PROJETO “TEATRO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS”	86
5.5 PROJETO “ACROBACIA NA PALMA DA MÃO: EU, TU E NÓS”	89
5.6 PROJETO “IMAGEM”	91
5.7 PROJETO “LIBERTA”	93
5.8 PROJETO “QUESTÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO E DO CONSUMO DE IMAGENS DE CORPOS NEGROS NO CINEMA BRASILEIRO”	94
5.9 PROJETO “ARTE AFRO-PRESENTE”	95
5.10 PROJETO “MULHER, CONTA TUA HISTÓRIA”	96
5.11 PROGRAMA DE PESQUISAS COLABORATIVAS VIRTUAIS DO MUSEU DOS KANINDÉ: 25 ANOS EDUCANDO GERAÇÕES	99



UFC

FECOP

CONSEJO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO



INSTITUTO  
DRAGÃO  
DOMAR

ceará  
cultura  
SECULT



CEARÁ  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DE CULTURA

5.12 CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS PERIFÉRICAS DAS JUVENTUDES DO GRANDE BOM JARDIM	109
5.13 SEMANA DE CULMINÂNCIA DO 3º LABORATÓRIO DE PESQUISA DO CCBJ	112
<b>6 ATELIÊS DE PRODUÇÃO</b>	<b>116</b>
6.1 OS ATELIÊS DE PRODUÇÃO DO CCBJ E SUAS EXPERIÊNCIAS	119
6.1.1 Assistência de Câmera	119
6.1.2 Iluminação Cênica	121
6.1.3 Produção Sustentável em Moda	123
6.1.4 Produção Cultural para as Artes Cênicas	124
6.1.5 Montagem e Manutenção de Computadores	125
6.2 GRÁFICOS DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ALUNAS E ALUNOS DOS ATELIÊS DE PRODUÇÃO DO CCBJ 2020/2021	127
<b>7 FORMAÇÃO EM ACESSIBILIDADE</b>	<b>131</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO I</b>	<b>137</b>
<b>O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia</b> <b>Autoria de Cristiane Faustino, Franciscana Souza e Beatriz Fernandes (Instituto Terramar)</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO II</b>	<b>151</b>
<b>Gráficos do Perfil Socioeconômico (Por Matrícula)</b>	<b>151</b>
<b>Matrículas do Contrato de Gestão 2020 e FECOP (Janeiro 2020 a Março de 2021)</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO III</b>	<b>158</b>
<b>Cartas ao Grande Bom Jardim</b> <b>Cartas de Kelly Enne Saldanha, Lívia de Paiva Rodrigues, Jéssica Teixeira, Nayana Santos, Diego Furtado Rodrigues e Marcello de Souza.</b>	<b>158</b>

## Apresentação

O Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) é uma política pública que se constitui em centro cultural de base comunitária, vinculado à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult), gerido pela Organização Social Instituto Dragão do Mar (IDM). O equipamento cultural nasce da luta popular, em 2006 e mantém como diretriz o acesso e a democratização no campo das artes, culturas e Direitos Humanos. Foi construído e é mantido com recursos do Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP) e Contrato de Gestão pactuado com o IDM e SECULT. Hoje é considerado um marco nas políticas culturais cearenses.

O Centro Cultural Bom Jardim é um exemplo potencial de iniciativa que vem transformando a realidade do território do Grande Bom Jardim (GBJ) há mais de uma década, composto pelos bairros Canindezinho, Granja Lisboa, Bom Jardim, Granja Portugal e Siqueira. Em 2021, completa 15 anos de atuação, impactando muitas vidas através de suas ações formativas, difusão e atenção social.

O território do GBJ reúne muitos talentos, artistas, iniciativas comunitárias e o CCBJ está à disposição da comunidade visando potencializar as boas práticas no campo das artes, culturas e dos direitos humanos. O Centro tem mantido um diálogo intenso com a população do bairro, despertando vínculos afetivos com



muitas gerações e famílias. Conta com a participação de agentes da cultura e representantes das comunidades em seu entorno, para partilha de avaliações, sugestões e debates sobre suas atividades, por meio de encontros mensais de Gestão Compartilhada, que acontecem a cada segunda quarta-feira do mês.

O CCBJ é o primeiro equipamento cultural público da cidade de Fortaleza, localizado na periferia, fora do corredor turístico e cultural do Ceará, e vem se posicionando, cada vez mais, como um pólo de democratização ao acesso à cultura, principalmente das minorias que entornam um território de inúmeras vulnerabilidades sociais: baixa renda, alto índice de violência, analfabetismo, trabalho informal, precarização do estigma negativo, por parte da sociedade em relação à área do GBJ, dentre outros fatores que intervêm na realidade dos moradores do território .

O Centro Cultural Bom Jardim torna-se um espaço voltado para formação artística, por meio da Escola de Cultura e Artes, com seus cinco programas (Audiovisual, Dança, Música, Teatro e Cultura Digital), fruição e difusão artística com a Ação Cultural e sua programação diversificada e, desde 2017, o equipamento assume sua posição como um órgão de atenção social, por meio do Núcleo de Articulação Técnica e Especializada (NArTE) e seus eixos de atuação: Educação Social, Cultura e Infância, Articulação Comunitária, Psicologia e Serviço Social.

Nos últimos anos, o CCBJ passa a receber a ampliação dos incentivos, que resulta na quantidade das ações, atividades e público beneficiado. Somente no Ciclo de 2020, o CCBJ realizou mais de 133 mil atendimentos (virtuais e presenciais), unindo seus pilares de atuação: no eixo formativo, a Escola de Cultura e Artes, no



eixo atenção social, o Núcleo de Articulação Técnica e Especializada (NArTE) e no eixo da difusão, a Ação Cultural. O CCBJ esteve presente, somente neste ciclo, em 14 estados brasileiros, fora o Ceará. Destes, teve alcance em 39 municípios, sendo 18 cearenses e 21 em outros estados. Na capital cearense chegou a 96 bairros dos 121 e em grande maioria em comunidades periféricas, com baixo IDH e altos índices de violência.

Em 2020, a Escola de Cultura e Artes CCBJ por meio de seus Eixos Formativos e seus Programas de Formação realizou 229 atividades formativas, em mais de 12 mil horas /aula, envolvendo 214 professores, mais de 8 mil alunos em diversos pontos do país, dentre eles 2.143 bolsistas. A Escola realizou 171 produtos, 13 atividades de acessibilidade e 45 ações formativas complementares. Ao final do Ciclo alcançou 32.612 pessoas, incluindo os atendimentos gerais de pessoas alcançadas indiretamente.

Em 2021, o CCBJ registra a entrada de **R\$ 6.900.000,00 (seis milhões e novecentos mil reais)**, recursos do Contrato de Gestão 2021 e do Fundo de Combate à Pobreza (FECOP), no início de maio é dado início a um novo ciclo de ações e com ele novas oportunidades para diversos públicos CCBJ.

A Escola de Cultura e Artes (ECA/CCBJ) como uma das frentes de atuação do CCBJ tem planejado um cronograma de atividades formativas nos seus eixos (Laboratório de Pesquisas, Cursos Básicos, Cursos Extensivos e Ateliês). Além disso, como resultado do acompanhamento de suas ações, no período pandêmico, a ECA apresenta a 3ª edição do Diagnóstico .



## 1 INTRODUÇÃO

Chegamos ao terceiro diagnóstico. E se pudéssemos nomear os escritos deste processo, poderíamos chamá-lo de “*sankofa*”. Na tradição africana, *sankofa* parte de um conjunto de ideogramas chamados de *adinkra*, que é representado por um pássaro que volta sua cabeça para a cauda. A tradução do símbolo pode ser apresentada como: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Partindo deste princípio, olhamos para trás, um ano antes, quando em meados de março de 2020 Fortaleza começava a fechar suas portas para conter o avanço do vírus da covid-19. E agora, chegando nesta terceira edição, podemos apresentar os caminhos percorridos pela Equipe Pedagógica da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim (ECA/CCBJ) durante esse tempo, mas principalmente para falarmos de **sensibilidade**.

Não seria possível desenvolver qualquer tipo de abordagem educacional, metodologias de ensino, acompanhamento de desenvolvimento e envolvimento artístico se não houvesse uma imensurável sensibilidade da equipe técnica e especializada da Escola de Cultura e Artes do CCBJ. Sempre foi necessário que houvesse sensibilidade dos profissionais envolvidos, afinal desenvolvemos nosso trabalho em um território cheio de fragilidades, mas este último ano foi ainda mais crucial.

Olhamos para trás e é quase impossível não termos o sentimento de perda. E de fato perdemos muito. A humanidade tem perdido muito e cada vez mais. Mas o que é possível construir apesar da perda? O que é possível realizar apesar da dor? Esse foi um dos principais desafios encontrados neste processo de ensino e aprendizado. E como respostas a esses questionamentos, é possível dizer que construímos espaços de respiro. Esses lugares, em determinados momentos, foram uma suspensão do tempo e, muitas vezes, da dor. A arte tem dessas habilidades. E por mais que este seja um documento que fala, às vezes, burocraticamente sobre o “ensino” remoto de arte e cultura, é sobre ARTE que estamos falando, vivenciando, experimentando, descobrindo e sentindo.

Depois de um ano de um trabalho incansável e obstinado de uma equipe de quinze pessoas que compõem a Escola, estamos cansados. Importante deixar explícito esse fato, pois nós, em muitos momentos, também nos perguntamos o que era possível de construir apesar da dor, da perda, do cansaço. E a resposta que encontramos, na verdade construímos, foram os mesmos espaços de respiro, de suspensão... O fôlego se refletia nas palavras generosas de professores, vindas em forma de abraços virtuais, ou no áudio de uma criança dizendo que sentiria saudades das aulas. Na finalização de um curso ou na apresentação de um experimento cênico... Esses momentos e muito mais foram espaços que essas quinze pessoas da ECA/CCBJ puderam respirar um pouco para continuar.

E é esta continuidade, janeiro a março de 2021, que será apresentado neste diagnóstico realizado por esta equipe pedagógica, apresentando a finalização de dois contratos: Contrato de Gestão 2020 e Tempos de Cultura 2020. A finalização dos Cursos de Extensão em Audiovisual e Música, além da finalização da maioria dos Cursos Básicos e dos Ateliês de Produção. Em continuidade, ainda haverão os



Cursos Básicos de Teatro e Dança com os professores com vínculo CLT<sup>1</sup>. Ainda em conformidade com os decretos estaduais, apresentamos quais cursos tiveram retorno para encontros presenciais, semipresenciais e quais se mantiveram em modo totalmente remoto.

Das dificuldades, erros e acertos que foram apresentados nos primeiro e segundo diagnósticos, neste apresentamos quais caminhos foram percorridos a partir da experiência de ensino e aprendizagem desenvolvida pela Escola de Cultura e Artes, ininterruptamente desde março de 2020. Seguimos olhando para trás, mas ressignificando o presente e mirando nos próximos passos.

## 2 EXPECTATIVAS DE RETORNO - PRESENCIAL, SEMIPRESENCIAL E REMOTO

Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro. (Albert Camus<sup>2</sup>)

Um novo ano se inicia e, com ele, as expectativas pelo controle da situação pandêmica em que estamos imersos são renovadas. Ainda motivados pelas flexibilizações experimentadas no final de 2020, começamos 2021 com o desejo do encontro, reencontro, reiterados. Se em 2020 tínhamos esperança na retomada de atividades presenciais, neste primeiro trimestre de 2021 experimentamos com maior veemência um retorno às práticas coletivas em presença, ainda seguindo

---

<sup>1</sup> Vínculo empregatício regido pela Consolidação das Leis do Trabalho.

<sup>2</sup> Albert Camus foi um escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta franco-argelino. Ele também atuou como jornalista militante envolvido na Resistência Francesa, situando-se próximo das correntes libertárias durante as batalhas morais no período pós-guerra.

todas as normativas técnicas apontadas pelos órgãos mundiais de saúde e pelos decretos do Governo do Estado do Ceará para garantia da biossegurança sanitária das pessoas envolvidas com as atividades letivas dos Programas da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim- ECA/CCBJ.

Esse desejo e motivação pelo retorno ao modelo presencial são explicadas pelos meses de confinamento e isolamento, mas principalmente porque a arte, assim como a vida, precisa do encontro. Como diz Vinícius de Moraes<sup>3</sup>: “A vida é a arte do encontro”, e por mais que o ano de 2020 fosse de intensas descobertas de uso de ferramentas tecnológicas digitais, o tradicional contato físico ainda deixa os artistas/estudantes saudosos de um tempo que não volta mais. E assim, além das aulas semipresenciais já aplicadas nos extensivos e técnicos no final do ano passado, pudemos realizar aulas totalmente presenciais para os ateliês de produção.

Todavia, as atividades presenciais foram rapidamente canceladas e a perspectiva sobre a continuidade de nossas atividades formativas em modelo presencial foram definitivamente abortadas. O avanço para a “segunda onda” da pandemia se confirmava cada vez mais e em março era decretada mais uma vez a política de isolamento social rígido<sup>4</sup> como medida de enfrentamento à covid-19. Com isso, todas as atividades formativas tiveram a mudança imediata do modelo semipresencial e presencial para o formato totalmente remoto. A alteração foi aplicada principalmente para os cursos técnico em dança, extensão em audiovisual

---

<sup>3</sup> Vinicius de Moraes foi um poeta, dramaturgo, escritor, compositor e diplomata brasileiro. É autor de “Soneto de Fidelidade”, uma das mais importantes obras da literatura Brasileira, da peça “Orfeu da Conceição”, e ainda, um dos precursores da Bossa Nova no Brasil.

<sup>4</sup> <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/DO20210304p01.pdf>

e música, além dos ateliês de produção, previstos para terem alguns encontros presenciais a depender da situação sanitária.

Com esse movimento, todos os Programas (Audiovisual, Dança, Teatro, Dança, Cultura Digital) passaram a adotar nova compreensão sobre as atividades remotas: se antes os processos eram seguidos sempre almejando um futuro retorno ao presencial, agora os processos são iniciados e mantidos com total foco em um sistema efetivamente remoto. Essa mudança de perspectiva traz outra dimensão para as práticas pedagógicas, para além dos elementos técnicos e materiais de apoio ao trabalho dos professores e professoras. Precisamos agora considerar também uma outra relação de alunes com seus processos formativos, compreendendo esses “novos” aspectos como potencializadores na formação em artes, sem ônus por não terem os encontros presenciais. Sendo artistas, somos movidos a nos adaptar aos contextos nos quais estamos inseridos. Como diz Bertold Brecht<sup>5</sup> “Não aceiteis o habitual como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.”<sup>6</sup>

Apesar de avanços com o início da vacinação, o contexto sanitário vigente apresenta-se ainda como um grande perigo às atividades presenciais, com número de mortes e contaminações batendo recordes do ano anterior. Faz parte da responsabilidade social do CCBJ estimular o distanciamento social e assegurar aos seus alunes o direito ao acesso à educação de qualidade, e assim manter as

---

<sup>5</sup> Eugen Bertholt Friedrich Brecht foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX.

<sup>6</sup> BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982

atividades de maneira estritamente remota. E agora, em um contexto no qual esse retorno parece ainda mais longínquo e alunes já não têm o apoio, psico-afetivo que a esperança pelo retorno às atividades presenciais lhes traziam, surgem importantes questões: Como continuar, fortalecer os laços e compromissos, e construir o entendimento de que o processo de ensino remoto não pode ser vivenciado/dimensionado às luzes de um modelo presencial? Como se apropriar da tecnologia e agregar as possibilidades que ela nos traz à práxis pedagógica?

A sensibilidade de dimensionar os impactos que sofremos com essa pandemia, tanto na formação em artes como na produção artística é importante para que o modelo de ensino remoto não seja compreendido como um recurso que nos provoque preocupação, mas que possa ser potencializador de processos. A seguir apresentamos como os Programas de Dança, Teatro, Música, Audiovisual e Cultura Digital desenvolveram, nos meses de janeiro a março de 2021, os eixos técnico/extensivos, de formação básica e finalização dos laboratórios. Apresentamos também o desenvolvimento dos cinco ateliês de produção e cursos em múltiplas linguagens, que perspectivaram a questão ambiental como pauta cultural e a formação em acessibilidade. Os relatos a seguir são respostas às dificuldades apresentadas no ano de 2020, e continuidade dos processos assertivos.

### **3 CURSOS BÁSICOS**

#### **3.1 FORMAÇÃO BÁSICA EM DANÇA**



Para o eixo de formação básica, em janeiro de 2021 foram planejados dois tipos de categorização das atividades: cursos de continuidade e cursos novos. Os cursos de continuidade foram cursos que apresentaram bom desempenho na participação dos(as) estudantes, com atuação estudantil efetiva na maioria de cada turma. Dentro dessa categoria, o Programa de Dança seguiu com apenas um curso, direcionado à capoeira, que contou com a orientação da professora Carla Mara (Mestra Carla) e estudantes vinculados à Associação Zumbi Capoeira. As demais turmas foram lançadas ao público geral, sem que houvesse necessariamente continuidade para com as turmas realizadas em 2020.

Ao todo, o Programa de Dança contou com 2 (dois) Professores Residentes Temporários, cada um(a) ministrando 2 (dois) cursos livres de curta duração nas áreas de Danças Urbanas e Capoeira. Os cursos realizados foram:

### **3.1.1 Capoeira para Mulheres (40 h/a) - Turma Mestra Vanda**

Professora: Carla Mara (Mestra Carla)

Ementa: *Voltado para a iniciação e sensibilização, o curso trabalhará as movimentações da capoeira, sua corporeidade, ginga e musicalidade, bem como os fundamentos da Roda de Capoeira e seus instrumentos. Para tanto, abordará também a ancestralidade e a historicidade da capoeira no estado do Ceará, passando pela capoeira Angola e capoeira Regional e traçando um panorama sobre a capoeira de Fortaleza, exaltando a participação da mulher na capoeira.*

Dias: Segundas e Quartas | Horário: 20h às 21h30 | Formato: Online

Pré-requisito: apenas para mulheres

### **3.1.2 Capoeira (40 h/a) - Turma Mestre Lula**



Professora: Carla Mara (Mestra Carla)

Ementa: Voltado para a iniciação e sensibilização, o curso trabalhará as movimentações da capoeira, sua corporeidade, ginga e musicalidade, bem como os fundamentos da Roda de Capoeira e seus instrumentos. Para tanto, abordará também a ancestralidade e a historicidade da capoeira no estado do Ceará, passando pela capoeira Angola e capoeira Regional e traçando um panorama sobre a capoeira de Fortaleza, exaltando a participação da mulher na capoeira.

Dias: Segundas e Quartas | Horário: 18h às 19h30 | Formato: Online

Pré-requisito: ter cursado a turma de capoeira no semestre letivo 2020.2.

### **3.1.3 Introdução às Danças Urbanas (40 h/a) - Turma Cindy Campbell**

Professor: Ezio Flor

Ementa: O curso introduzirá a prática dos fundamentos do Hip Hop Dance e das danças Afro-Estadunidenses com aspectos teóricos, abordando o contexto histórico destas danças desde o surgimento até os dias atuais. Durante as aulas, os(as) alunos(as) aprenderão exercícios corporais de alongamento e aquecimento, passos básicos, técnicas sistemáticas de linhas, utilização de braços e pernas e de Steps das escolas do Hip Hop, como Old School, Middle e New School Hip Hop. Dentro desse processo de iniciação, o aluno aprenderá ferramentas fundamentais para tornar-se um ser dançante, livre para criar, montar e desenvolver sua dança.

Dias: Terça-feira e Quinta-feira | Horário: 16h às 17h30 | Formato: Online

Pré-requisitos: Idade a partir dos 14 anos

### **3.1.4 Introdução às Danças Urbanas (40 h/a) - Turma Buddha Stretch**

Professor: Ezio Flor



Ementa: O curso introduzirá a prática dos fundamentos do Hip Hop Dance e das danças Afro-Estadunidenses com aspectos teóricos, abordando o contexto histórico destas danças desde o surgimento até os dias atuais. Durante as aulas, os(as) alunos(as) aprenderão exercícios corporais de alongamento e aquecimento, passos básicos, técnicas sistemáticas de linhas, utilização de braços e pernas e de Steps das escolas do Hip Hop, como Old School, Middle e New School Hip Hop. Dentro desse processo de iniciação, o aluno aprenderá ferramentas fundamentais para tornar-se um ser dançante, livre para criar, montar e desenvolver sua dança.

Dias: Segunda-feira e Quarta-feira | Horário: 16h às 17h30 | Formato: Online

Pré-requisitos: Idade a partir dos 14 anos

As duas turmas de capoeira construíram um percurso de participação efetiva de seus estudantes. A primeira, composta por estudantes advindos(as) de uma turma anterior, realizada no ciclo 2020.2, tentou um início de maneira presencial nas dependências da Associação Zumbi Capoeira (AZC), porém logo desarticulado e transferido para atuação de maneira remota pela plataforma de videoconferência *Google Meet*. Com a transição, apresentou-se certa dificuldade pela qualidade de acesso por parte de alguns participantes, porém as dificuldades foram vencidas com ânimo e colaboração com a professora Mestre Carla e com os integrantes da própria associação parceira. Já a turma voltada ao público feminino teve suas ações inteiramente apresentadas de maneira remota, também pelo *Google Meet*, construindo, além das atividades corporais práticas, discussões e discursos sobre o corpo feminino na capoeira, realizando debates necessários sobre machismo, feminismo e empoderamento de mulheres periféricas.



Já para as turmas de Danças Urbanas, as dificuldades começaram a surgir desde o período de inscrição para as atividades. Lançamos inicialmente duas turmas, uma voltada ao público infantil e outra ao público juvenil, com apenas a segunda turma atingindo inscrições suficientes.<sup>7</sup> Uma das questões apontadas para falta de adesão às turmas foi o não destinação de bolsas de auxílio financeiro para essas ações. Surgiram casos de candidatos nas redes sociais do CCBJ indagando sobre a falta de bolsas para esses cursos. Com isso, fechamos, inicialmente, apenas uma das turmas, já que não haviam inscrições suficientes para a segunda. Com o início das atividades, alguns alunos abandonaram o processo ou solicitaram desligamento ao confirmarem o não direcionamento de bolsas para o curso, gerando esvaziamento da turma.

Conseguimos remanejar recursos para conferir auxílio aos alunos e assim abrimos uma segunda turma, articulada em parceria com a Associação de Moradores do Bom Jardim (AMBJ). Por este motivo, esta segunda turma iniciou de maneira tardia, dada a necessidade do tempo de articulação e recolhimento dos documentos dos alunos para subsequentes matrículas.

Além dos cursos livres de curta duração, o eixo de formação básica do Programa de Dança contou com a retomada do Curso de Formação Básica de Longa Duração, que abriu inscrições apenas para alunas veteranas entre os dias 25 e 28 de janeiro.

---

<sup>7</sup> Em 27 de janeiro foram lançadas as inscrições para os cursos básicos de curta duração dos 5 (cinco) programas da Escola de Cultura e Artes do CCBJ (a saber: Audiovisual, Cultura Digital, Dança, Música e Teatro). Na ocasião, o programa de Dança apresentou ao público geral os cursos de Capoeira Mulheres, único curso do programa com auxílio financeiro aos alunos, para o qual obteve 38 inscrições válidas; Introdução às Danças Urbanas (a partir de 14 anos), para o qual recebeu 15 inscrições válidas; e Introdução às Danças Urbanas (9 a 13 anos), para o qual recebeu apenas 3 inscrições válidas. Por esse motivo o curso de Danças Urbanas voltado ao público infantil foi cancelado, e em seu lugar foi aberta nova turma com estudantes advindos da instituição parceira Associação dos Moradores do Bom Jardim (AMBJ).

Devido ao cenário pandêmico vigente, as turmas continuam com suas atividades ocorrendo de maneira remota, sendo direcionadas pelas professoras Doroteia Ferreira e Letícia Vasconcelos através de aulas online por aplicativos de videoconferência, além de orientações realizadas por meio de grupos de redes sociais e aplicativos de mensagens. Até que o contexto apresente uma segurança efetiva para a retomada de atividades presenciais, as aulas deste processo formativo permanecerão de maneira remota.

Em fevereiro, a Formação Básica de Longa Duração em Dança retomou suas atividades em confluência com aquelas realizadas no ciclo de 2020.2, sendo uma extensão do citado ciclo. Assim sendo, optamos pela não matrícula de alunas(os) novatas(os), pois o período letivo, sendo continuidade do ciclo passado, foi planejado para uma duração de apenas dois meses (fevereiro e março), com perspectivas para ingresso de novas(os) alunas(os), a partir de abril, ocasião em que estávamos esperando a chegada do novo contrato de gestão.

Fevereiro iniciou com a recepção das alunas e familiares a partir de reunião online realizada em 06/02, através da plataforma *Google Meet*, na qual foi dada as boas vindas ao ano de 2021 e explicada a metodologia de continuidade das atividades até março, operando conforme ano anterior, no esquema de aulas remotas online. Foi também realizada nova apresentação da divisão de turmas, agora separadas entre manhã e tarde, para facilitar o acesso das alunas que tinham dificuldades no horário anterior. Assim, passamos a estabelecer uma rotina mais próxima àquela executada antes da pandemia.

As alunas foram designadas às suas turmas de acordo com a disponibilidade a partir dos horários em que estudam no ensino formal. Por esse motivo, alunas que

estudam no ensino formal em período matutino foram direcionadas às turmas de dança em período vespertino, e vice-versa. Optamos por esse novo redirecionamento atendendo às solicitações de parcela das mães e alunas, que falavam sobre o desejo de realizar mais aulas durante a semana.

### 3.2 FORMAÇÃO BÁSICA EM TEATRO

Em janeiro de 2021, tivemos uma pausa na continuidade das aulas dos cursos de formação básica, podendo haver dedicação ao planejamento. Enquanto o professor Pedro Gonçalves estava de férias e as contratações para novos professores não puderam ser efetivadas pelo atraso do recurso provisionado para segunda parte do Fundo de Combate a Pobreza, pudemos avaliar os cursos, turmas e professores que estiveram conosco no ano de 2020.

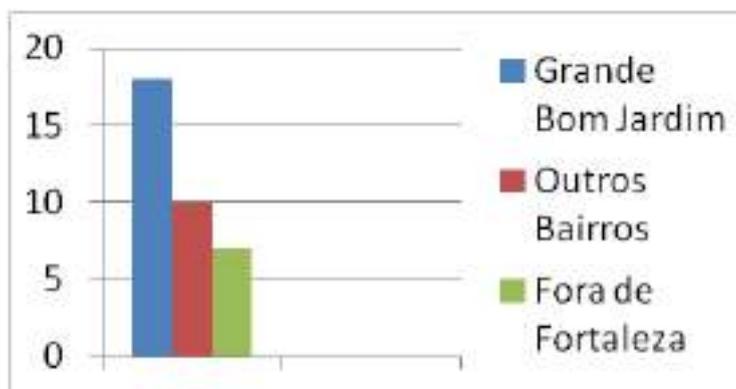
Das turmas que o programa de teatro acompanha, o curso de teatro e infância teve continuidade, com as duas turmas. Fizemos um levantamento dos participantes para saber o número de vagas a serem abertas, contabilizando os desistentes do ano anterior e as vagas foram ofertadas para as instituições do Grande Bom Jardim que atendem crianças na faixa etária, como a Associação Sociocultural Bom Jardim e o Conselho Comunitário Santa Cecília.

A professora de Teatro e Infância foi muito bem avaliada, tanto pelos pais e alunos das duas turmas, como pela equipe pedagógica da Escola de Cultura e Artes. O convite para continuar o trabalho iniciado em agosto de 2020 foi apresentado, e havendo disponibilidade e interesse em seguir, a professora aceitou. Ainda conforme avaliação, o curso de fundamentos básicos de teatro teve a convocação

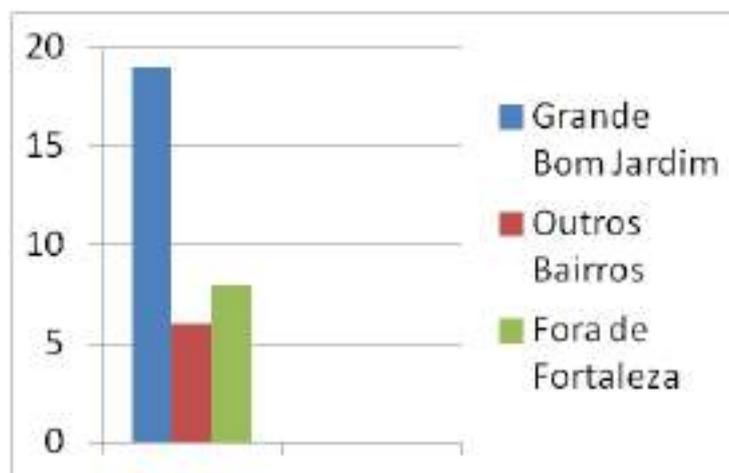


de outro professor para iniciar duas novas turmas, Edivaldo Batista. Sendo assim, o curso de fundamentos básicos de teatro teve inscrições abertas para terem início em fevereiro, junto com as turmas de teatro e infância.

Das inscrições que foram realizadas por meio de chamada aberta, tivemos para a primeira turma um total de 35 inscrições válidas para o curso de fundamentos básicos do teatro.



Já para a segunda turma, tivemos um total de 33 inscrições válidas.



Ainda realizando a avaliação dos cursos que aconteceram em 2020, os cursos de “Artesanato- Reciclando Vidas Através da Sustentabilidade Inclusiva” com a

professora Cristina, e o curso HIV/AIDS e outras IST's: Investigação Coletiva em Artes no Combate ao Preconceito, com o professor Rhamon Matarazzo. Os professores foram muito bem avaliados, tanto pelos alunos quanto pela equipe técnica pedagógica da Escola de Cultura e Arte. Porém, por conta da diminuição de recurso, tivemos que optar por apenas um curso de continuidade e por uma questão de documentação, o professor Rhamon apresentou disponibilidade para assumir a vaga temporária.

Assim, fechamos janeiro com o planejamento de termos nos meses de fevereiro e março, o início de cinco turmas acompanhadas pelo programa de teatro: Fundamentos Básicos de Teatro 01 e 02 (com turmas nomeadas de Quézia Souza e Ruth de Sousa), Teatro e Infância 01 e 02 (nomeadas de Baobá e Ananse) e uma turma de direitos humanos, arte e HIV. Respectivamente temos o acompanhamento dos professores Edivaldo Batista, Tatiane Sousa e Rhamon Matarazzo.

Para os cursos de teatro e infância e Fundamentos básicos do teatro, temos a frequência da turma 01- segundas e quartas de 18h às 19h30min (para teatro e infância) e 18h30min e 20h(para curso de fundamentos). O mesmo horário se repete para as turmas 02, que acontecem nas terças e quintas. Para o professor Matarazzo, o curso acontece sempre às segundas, quartas e sextas, de 18h as 21h. Todas as turmas têm uma quantidade mínima de 15 pessoas sendo atendidas com ajuda de custo de R\$200,00, que será paga ao final do curso, com previsão de encerramento para o mês de março.

O professor Pedro Gonçalves re ações de planejamento e formação no mês de fevereiro. Foi encaminhado como demanda de aperfeiçoamento de uso das ferramentas e linguagem, que este professor realizasse visitas às turmas do



professor Edivaldo e Tatiane para se apropriar ainda mais da tecnologia e ter contato com outras metodologias de uso da plataforma. Além disso, participou junto com a equipe de formação, do curso de utilização da nossa plataforma que será usada nos próximos meses para estudos e acompanhamentos, o *Moodle*.

Ainda como planejamento, o Professor Pedro assume pelo menos 40 discentes advindos do projeto integração, junto a Secretaria Municipal de Educação, com os estudantes atendidos pela Escola Lireda Facó. As turmas iniciaram em março, no período da manhã e tarde. Somando-se essas turmas, temos o total de sete turmas, com 105 discentes.

No mês de março finalizamos mais uma etapa, a segunda parte da execução do Projeto Tempos de Cultura, financiado pelo Fundo de Combate à Pobreza (FECOP). Neste período encerramos o acompanhamento de cinco turmas de cursos básicos, tais são: Duas de Fundamentos Básicos de Teatro, duas de Teatro e Infância e 01 de Direitos Humanos, voltados para portadores de HIV.

### **3.2.1 FUNDAMENTOS BÁSICOS DE TEATRO**

O curso de fundamentos básicos de teatro é uma ação curta, com duração de dois meses. Ministrada pelo professor Edivaldo Batista, as aulas permanecem de modo virtual, pelo *Google Meet*. Neste último mês, o curso foi voltado para estudos de “Teatro Épico”, “Teatro dramático”, além de abordagens sobre personagem e texto. Leituras de textos apresentando narrativas em primeira e terceira pessoa foram utilizadas para compreensão de determinadas diferenças entre épico e dramático.

A partir de temas pré-estabelecidos, os participantes tiveram a incumbência de realizar exercícios de criação individual. Esta foi a principal criação de finalização do



curso. Cada estudante teve que filmar um trecho de um texto teatral, pensando na criação de personagem, cenário e tipos de narrativas. Ao final, essas criações foram gravadas individualmente e transmitidas para o restante da turma como culminância. Excluindo os que excederam o número de faltas e desistências, as duas turmas tiveram um total de 24 concludentes, das 30 vagas possíveis.

### **Fundamentos Básicos do Teatro (Turma Quézia Sonza)**

Professor: Edivaldo Batista

Ementa: *O curso se propõe a desenvolver junto aos alunos Vivências Práticas e teóricas de noções Básicas de Teatro para iniciantes por meio de encontros virtuais. Nos encontros serão experienciados elementos cênicos que constituem a compreensão da linguagem Teatral por meio de noções básicas de Representação, Criação de Personagem, Intenção e Relação, Texto, Figurino, adereços, Câmera e Referências Cênicas.*

Dias: Segunda-feira e Quarta-feira | Horário: 18h30 às 20h | Formato: Online

Pré-requisitos: Idade a partir dos 14 anos

### **Fundamentos Básicos do Teatro (Turma Ruth de Souza)**

Professor: Edivaldo Batista

Ementa: *O curso se propõe a desenvolver junto aos alunos Vivências Práticas e teóricas de noções Básicas de Teatro para iniciantes por meio de encontros virtuais. Nos encontros serão experienciados elementos cênicos que constituem a compreensão da linguagem Teatral por meio de noções básicas de Representação, Criação de Personagem, Intenção e Relação, Texto, Figurino, adereços, Câmera e Referências Cênicas.*

Dias: Terça-feira e Quinta-feira | Horário: 18h30 às 20h | Formato: Online



Pré-requisitos: Idade a partir dos 14 anos

### 3.2.2 TEATRO E INFÂNCIA

O curso de teatro e infância, assim como o curso de fundamentos básicos de teatro, também teve a duração de apenas dois meses. Porém, diferentemente do anterior, este curso é de continuidade. Neste ano, o curso permanece sendo orientado pela professora Tatiane Sousa. As duas turmas orientadas pela Tati são as mesmas do ano passado, somente foram abertas novas vagas.

Sendo assim, a proposta do curso ainda tinha o objetivo de realizar jogos corporais com objetos, sensibilizar a percepção do espaço e do tempo, estimular a comunicação e expressividade, potencializar o trabalho coletivo e desenvolver a habilidade de criar narrativas. Na busca por atingir os objetivos, diversas foram as atividades. As práticas artísticas realizadas pelas duas turmas, geraram em dezembro de 2020 dois vídeos que foram publicados no YouTube do CCBJ e foram republicados na Mostra pela Vida, edição da mostra artística realizada pela ação cultural em março de 2021. Os vídeos intitulados de “Janelas Virtuais Abrem Possibilidades de Mundo” esteve na programação do dia 23 de março.

Os vídeos podem ser acessados no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=-BhuvtUKgE&list=PLW3xks63f5xE7SaPxGdA9IM7rtxYKQ9mW&index=11>

<https://www.youtube.com/watch?v=sZ2LFt4lCjg&list=PLW3xks63f5xE7SaPxGdA9IM7rtxYKQ9mW&index=12>

Das duas turmas, o total de 36 crianças concluíram o curso. Neste caso, as turmas tiveram o número total de 30 vagas, e a professora aceitou a participação de mais 6



crianças excedentes.

### **Teatro e Infância ( Turma Ananse)**

Professora: Tatiane Sousa

Ementa: *A partir de jogos corporais com objetos, sensibilizar a percepção do espaço e do tempo, estimular a comunicação e expressividade, potencializar o trabalho coletivo e desenvolver a habilidade de criar narrativas.*

Dias: Segunda-feira e Quarta-feira | Horário: 18h00 às 19h30 | Formato: Online

Pré-requisitos: Idade a partir dos 08 anos

### **Teatro e Infância ( Turma Baobá)**

Professora: Tatiane Sousa

Ementa: *A partir de jogos corporais com objetos, sensibilizar a percepção do espaço e do tempo, estimular a comunicação e expressividade, potencializar o trabalho coletivo e desenvolver a habilidade de criar narrativas.*

Dias: Terça-feira e Quinta-feira | Horário: 18h00 às 19h30 | Formato: Online

Pré-requisitos: Idade a partir dos 08 anos

## **3.3 FORMAÇÃO BÁSICA EM AUDIOVISUAL**

Iniciamos o ano de 2021 na Escola de Cultura e Artes avaliando o ciclo básico 2020, as potências e adversidades do ensino remoto nesse eixo totalmente planejado para tal, a partir das impressões coletadas das avaliações feitas no final do ano com alunes, professores, instituições parceiras e nossas impressões a partir da experiência. Uma vez observados os objetivos do programa básico e as potências de seu alcance pelo formato remoto, nos colocamos em planejamento do ciclo “fevereiro - março” com a perspectiva de continuar ou iniciar novas turmas.



O Programa de Audiovisual prosseguiu com apenas uma turma do ciclo anterior: a turma de *Narrativas de Cinema por Mulheres*, que teve a maior taxa de adesão (27 das 29 alunas concludentes), além da potência de formação de rede, empoderamento feminino, aproximação da linguagem pela primeira vez para muitas, ocasionando imersão criativa, auto-estima e vontade de prosseguimento manifesta mesmo se o curso não continuasse, por iniciativa própria da coletividade da turma. Essa aproximação dos princípios da linguagem, promovendo engajamento e discussões de mundo através de suas possibilidades de criação e sensibilidade são o cerne do eixo básico de formação artística de nossa Escola de Cultura e Artes, e foi com alegria que vimos a política pública se voltar para o empoderamento de mulheres acima de 30 anos - mães, donas de casa, profissionais autônomas, artesãs, cuidadoras, cozinheiras, criadoras do mundo - sendo 60% do território do Grande Bom Jardim.



Colagem feita pela professora Marina Holanda a partir do exercício de cada aluna imergir em suas memórias de prazer e evocá-las, por meio de três imagens, compartilhando-as com o grupo.

Nos colocamos, então, a vontade e desafio de olhar para outro público para quem o audiovisual também é formador de visão de mundo para, juntas, pensarmos e nos melhor formarmos em respeito a diversidade e desenvoltura social nesse mundo que compartilhamos: as crianças. Lançamos o curso “Os mundos pelas telas: Audiovisual e Infância”.

“Há sempre muita coisa para a gente aprender, mas a vida não pode ser só estudo. A gente também precisa brincar. Até quando a gente já está grande, como mamãe, papai, como eu que já estou ficando de barba branca, a gente precisa brincar. [...] tem gente grande que fica zangada quando os meninos querem brincar. Essa gente grande se esqueceu de quando era menino. Brincando a gente aprende muito.”<sup>8</sup>

A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha

Os demais cursos lançados perspectivam o audiovisual como repertório corporal, subjetivo e coletivo, bem como possibilitador de formas de expressão para os mais variados objetivos: trabalho, curanderia, brincadeira, documentação e memória, todos eles se valendo da linguagem como mais uma forma de contar as histórias que desejamos para esse mundo. Os cursos foram “Princípios básicos da Animação” e “Corpa e Audiovisualidades: encruzilhadas criativas de cura, cuidado e memória”.

### 3.3.1 Narrativas de Cinema por Mulheres: estudos continuados (40 h/a)

Professora: Marina Holanda

Ementa: *Iniciada a percepção e reflexão sobre a potência das narrativas auto-referenciadas, expressa no poder contido em contar as próprias histórias, damos continuidade a essa jornada, aprofundando o olhar sobre as imagens, os*

---

<sup>8</sup> LACERDA, Nathercia. A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: ZIT, 2016.

*sons; as composições audiovisuais que nos afetam e nos permeiam. Partindo da compreensão de que a vida pessoal é também política, e nossos gestos reverberam aquilo que sentimos e aprendemos do mundo a nossa volta, imergimos neste estudo coletivo sobre nossas próprias narrativas, afinando nossos repertórios, aafiando o pensamento crítico e se avizinhando cada vez mais da linguagem como ferramenta de intervenção nas realidades.*

Pré-requisito: Idade entre 8 a 12 anos

### **3.3.2 Os mundos pelas telas: Audiovisual e Infância (40 h/a)**

Professora: Marina Holanda

Ementa: *A partir de exibições de filmes, desenhos animados, seriados e vídeos de youtube, conversar sobre o mundo que está sendo representado pelas imagens e pelos sons que são consumidos. Trabalhar o compartilhamento de impressões e sensações através da fala, interação e debate com um grupo, estimular a escuta, o respeito à diferença e à diversidade de pessoas e expressões culturais que compõem nosso mundo.*

Pré-requisito: Idade entre 8 a 12 anos

### **3.3.3 Fundamentos da Animação (40 h/a)**

Professor: Clayton Bochecha

Ementa: *O curso aborda os fundamentos da animação, apresentando os diferentes tipos e técnicas de sua elaboração em produtos audiovisuais, a partir do compartilhamento de referências de animações em diferentes mídias e do emprego das técnicas caseiras como exercício criativo.*

Pré-requisito: Acima de 14 anos



### 3.3.4 CORPA E AUDIOVISUALIDADES: encruzilhadas criativas de cura, cuidado e memória (40 h/a)

Professora: Pedra Silva

Ementa: *Pensar questões que friccionam e encruzilham-se em nossas criações, como: estética macumbeira, a espiritualidade, nossa escrevivência como dramaturgias circulares, a corpa como lugar de memória, narrativas ancestrais como espaço-temporal epistêmico, estudos das temporalidades dA Terra. Os encontros se propõe acontecer na pesquisa de narrativas corp-orais e visuais negres-natives a partir dos mitos pessoais ancestrais, sendo assentada sobre três pilares: as memórias, a corpa e o chão. Tendo como estrutura basilar os nossos saberes, trançaremos durante essas semanas práticas de cura e cuidado com a corpa, encontros que façam fruir nossas rastros poéticas e a produção de imaginários emancipados - dispositivos para dismantelar o Alzheimer Colonial.*

Pré-requisito: A partir de 18 anos

Os cursos básicos do Programa de Audiovisual nesse ciclo tiveram uma adesão muito boa e destacamos como a metodologia voltada para o ensino remoto pensada desde o planejamento, a partir da experiência que acumulamos depois de um ano nessa modalidade, aliando aprendizado com o gesto de brincar, experimentar, suspender a dor e o tempo do que estamos atravessando com dificuldade em tempo de luto e resguardo, nos traduz uma potência da arte e de sua reinvenção. Nos faltou a presença, mas se fez presente a vontade de estar junto, de mergulhar para dentro, de repensar o fora, de fazer amigos, de recriar a casa, de contar história.

A turma *Narrativas de Cinema por Mulheres* fez ao fim do curso um grupo de whatsapp com vontade de continuar criando e se encontrando; a turma *Os mundos*



pelas telas criou um grupo de whatsapp chamado “Vamos fazer amigos” para manter os laços e as novidades sobre novos cursos para crianças no Centro Cultural Bom Jardim de modo que a turma voltasse a se encontrar; as duas turmas de *Fundamentos da Animação* tiveram trabalhos concluídos mesmo após o fim do curso, por meio do encontro de grupos que experimentaram a criação por meio de técnicas apresentados durante o curso; e as turmas de *Corpa e Audiovisualidades* terminaram apresentando pequenos vídeos na “Mostra Sonda Memorial”, em que deixavam mensagens que gostariam de lançar, se pudessem, para outro tempo, contendo o que consideravam importantes de guardar ali, curando, documentando e transformando esse mundo que recebe então essas mensagens. É a experiência do encontro, ainda que remoto, aliado à criação, à discussão do mundo, à nossa inserção nele com a reinvenção dos lugares para cada um(a) de nós, transformando o que estamos vivenciando nesta pandemia do COVID-19.

Outra avaliação importante de documentar no presente diagnóstico é a necessidade de apresentarmos a possibilidade de acompanhamento psicológico para alunes desde o início do percurso formativo, por meio do NARTE. Esse ponto foi destacado por uma das professoras em nossa avaliação final, pelo fato de os encontros muitas vezes transparecem fagulhas de adoecimento mental de algum(a) aluno(a), acentuado pelo contexto pandêmico, como já discorrido no presente texto. Destaco que esse foi um ponto comentado também por um grupo do Laboratório de Pesquisa em conversa de avaliação ao fim do processo. Reforço ainda que, mesmo findado esse contexto do isolamento social e pandemia do COVID-19, é importante que essa possibilidade de acolhimento e atendimento psicológico sejam elucidados para todes, bem como a apresentação de outros acompanhamentos sociais e encaminhamentos disponíveis pelo Centro Cultural Bom Jardim por meio de seu setor de atenção social.



### 3.4 FORMAÇÃO BÁSICA EM MÚSICA

O eixo de formação básica no mês de janeiro de 2021 teve como objetivo realizar encontros pedagógicos para construir uma avaliação sistêmica e educativa como base dos cursos realizados no ciclo anterior (semestre - 2020.2). As formações dos cursos básicos foram desenvolvidas em atividades de 03(três) a 04(quatro) meses. Formações, como: Canto Coral e Técnica Vocal ( infantil e adultos/idosos); Violão Básico (infantil e adultos) e Percussão Básica (criança e adultos). Nos encontros, nossa perspectiva culminou em uma avaliação qualitativa e de adesão, monitorando como fonte os diários escolares (preenchimento de aulas; cumprimento de ementas; indicações de disciplinas e módulos).

Nestes encontros reiteramos que o fator atraso (bolsa auxílio) surge como elemento de responsabilidade quanto à evasão (e que é necessário observar questões interseccionais) quanto ao uso e aplicação da mesma. Existem casos em que a bolsa é um elemento de supra importância para o auxílio de acompanhamento das aulas como subsídio financeiro (para auxílio financeiro) e em outras situações há um indicativo de não-participação das aulas independente de benefício financeiro. É importante um alinhamento e um planejamento mais consistente no pagamento, realização e monitoramento de bolsas de apoio financeiro e que não gere nenhum tipo de detrimento quanto às ações formativas que possam vir a ser criadas. Esta visão faz com que possamos criar um planejamento pedagógico anual (com atendimentos e direcionamentos de eixos educativos musicais); compreendendo períodos; beneficiários e um organograma de aplicação de ensino-aprendizagem, que realize a união salutar de benefício escolar e benefício financeiro.

Novos cursos básicos foram pensados em janeiro de 2021, porém com um curto prazo de execução e tempo em virtude da finitude do Contrato de Gestão (Centro

Cultural Bom Jardim / Recurso: Tesouro Estadual / FECOP) e que não foi possível uma extensão maior de amplitude de aulas/atividades por conta do encerramento deste contrato. Para isto, pensamos em módulos em que a gênese de vivência e de saber cultural compartilhado seja nossa potência de ensino. Desta forma, foram mantidas as aulas/atividades de continuidade com crianças e idosos e gerado novas atividades de iniciação básica.

Portanto, durante o mês de fevereiro, nossas ações fortaleceram por meio dos cursos que constituem o eixo formativo básico e que criamos e desenvolvemos, que são eles:

#### **3.4.1 Práticas Musicais: Violão Básico (Iniciação) - (40 h/a)**

Professor: Pedro Ernesto

Ementa: *Apresentar um estudo de violão aplicado ao estudo da música brasileira. O violão é um dos instrumentos mais populares e com eixo histórico. Neste curso vamos aprender sobre afinações, desenvolvimento de repertório, leituras de cifras e notas musicais e iniciação ao estudo (mão direita / mão esquerda). A disciplina abordará aspectos básicos teóricos e práticos, aprofundamento na leitura de partitura, teoria musical e a prática do instrumento violão.*

Pré-requisitos: crianças e adolescentes entre 12 à 15 anos. Prioridade para pessoas em situação de vulnerabilidade social e moradores do Grande Bom Jardim.

#### **3.4.2 Práticas Musicais: Percussão e Musicalização Básica (Iniciação) - (40 h/a)**

Professora: Flávia Soledade

Ementa: *O curso tem como intuito a musicalização com foco na prática percussiva. Criar e evoluir o desenvolvimento cognitivo e senso rítmico, consciência corporal,*



*ritmos populares e jogos musicais. Percepções rítmicas, apontando suas semelhanças para manifestação cultural e brasileira.*

Pré-requisitos: crianças e adolescentes entre 12 à 15 anos. Prioridade para pessoas em situação de vulnerabilidade social e moradores do Grande Bom Jardim.

### **3.4.3 Práticas Musicais: Percussão Instrumental Afro-Brasileira - (40 h/a)**

Professora: Flávia Soledade

Ementa: *Muitos são os registros da música negra e do povo afrodescendente. O curso analisa as influências da música afro-brasileira e o surgimento das expressões culturais, tendo como recorte a música percussiva e suas formas de manifestação. Fundamentados nos universos da música afro-brasileira, litúrgia rítmica africana e estilos popularmente brasileiros. No percurso formativo, gêneros, como: Congo, Jongo, Ijexá, Batuques e Cabula serão utilizados para aprofundamento didático priorizando sua transmissão por meio da oralidade incorporando a técnica como elemento para aprendizagem; sendo estudada com elementos que envolvem música tradicional, ancestral e popular.*

Pré-requisitos: a partir de 16 anos.

### **3.4.4 Práticas Musicais: Canto e Técnica Vocal para Adultos e Idosos - (40 h/a)**

Professora: Vera Barros

Ementa: *Cantar e desenvolver a musicalidade por meio da voz. O desenvolvimento e o senso vocal, consciência e técnica vocal, ritmos populares e jogos musicais. Um estudo que passará pelo cancionário popular brasileiro.*

Pré-requisitos: A partir de 45 anos



### 3.4.5 Práticas Musicais: Canto e Técnica Vocal Avançado para Crianças (40 h/a)

Professora: Vera Barros

Ementa: Cantar e desenvolver a musicalidade por meio da voz. O desenvolvimento vocal, consciência melódica e técnica vocal para crianças por meio de ritmos populares, repertório musical, interpretação e jogos musicais. Um estudo que passará pelo cancionário popular brasileiro.

Pré-requisitos: De 7 a 15 anos

Os cursos foram criados para o formato presencial (75% das turmas) e com isto, as investigações que seriam desenvolvidas pela turma nestas ações de aulas tinham como propósito de identificar as nuances na didática de ensino em formatos virtuais e presenciais.



Aula do Curso Percussão Instrumental Afro-brasileira (Inicialização) do Eixo Básico do Programa de Música, realizada no início do mês de fevereiro, ministrada pela Professora Flávia Soledade.

Como estratégia de metodologias, escolhemos uma formação e cursos que reforcem vínculos comunitários com o entorno (priorizando eixos de formação básicos e com aulas presenciais) ofertando instrumentos e condições sanitárias para tal situação. Como dito anteriormente, os índices de contágio nos forçaram a recuar e realizar as formações completamente em formato virtual. Desde já percebemos uma evasão de participação nas aulas, principalmente pela circunstâncias de esgotamento cognitivo das telas e dos formatos virtuais e de outras naturezas e contextos familiares. Outro fator que observamos sobre a não-adesão das aulas tem como mote o primeiro contato com as plataformas de conversação e imagem; existe uma familiaridade com as tecnologias específicas que ajudam bastante na percepção e compreensão de conteúdos.

No mês de março tivemos as finalizações acerca dos cursos básicos e dos processos realizados nas atividades formativas nos meses de fevereiro e março. As ações e ciclos de experiências se desenvolveram com metodologias e formas construtivas e de aprendizagem. O conteúdo das finalizações concluíram com eixos de potencialização de formas e ciclos. A experiência e o território de aprendizagem serviram como elementos de estabelecimento de vínculos sociais e afetivos com a comunidade participante que, mesmo diante de um contexto adverso, estabeleceu formas para criar e pensar continuidade nas vivências artísticas.

Importante reforçar e congratular as dedicações que os professores e professoras tiveram ao longo dos dias

e meses, pensando estratégias para um melhor ensino. As formas e as aulas gravadas, os conteúdos offline e o acompanhamento formativo destas novas epistemologias de ensino; composto por um bem estar social e de saúde.



### 3.5 FORMAÇÃO BÁSICA EM CULTURA DIGITAL

Após avaliação do Ciclo de Cursos Básicos anterior (setembro a dezembro/2020) e a partir das impressões coletadas nas reuniões feitas no final do ano com estudantes, professores e instituições parceiras do território do Grande Bom Jardim (GBJ) a equipe pedagógica responsável pelo Programa de Cultura Digital recebeu de muito bom grado as falas, tanto sobre as potências, quanto sobre as adversidades da metodologia de ensino remota que precisou ser aplicada durante o contexto pandêmico para a continuidade das ações da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim (ECA/CCBJ).

A partir desses diálogos, do processo de estudos dos *feedbacks* recebidos, da avaliação do ciclo anterior e entendendo quais cursos teriam mais potencialidades de serem ministrados no formato remoto, o Programa de Cultura Digital ofertou os seguintes cursos no período de fevereiro e março de 2021:

#### 3.5.1 Experimentos Digitais: Imagem e Som - 40 h/a (Turma Frida Khalo)

Professor: Marcello de Souza

Ementa: *O digital é capaz de tornar próximo o que está distante, é capaz de influenciar e provocar sensações. Imagem, áudio, animação e vídeo fazem parte da vida cotidiana de milhões de pessoas. A diferença é que hoje essas pessoas não apenas consomem esse conteúdo, mas são responsáveis diretos pela sua criação. A ideia do Curso de Experimentos Digitais: Imagem e Som, é dar ao participante a capacidade imediata de realização, usando para isso os recursos que ele tem a disposição, sejam eles um computador, smarthphone ou os dois. O Curso aborda teoria, prática e experimentação. Não é um curso para apenas assistir, seu valor está na execução das atividades e compartilhamento dos resultados.*



Dias: Quartas e Sextas | Horário: 16h às 17h30 | Formato: Online

Pré-requisito: Idade a partir de 15 anos. Acesso à Internet.

Essa turma contou com a presença de alunas e alunos do ciclo anterior (Set a Dez/2020) que fizeram parte dos cursos “Iniciação Digital” e “Design e Produção Multimídia” e que demonstraram interesse em continuar os estudos neste novo curso. As vagas remanescentes foram direcionadas para o Processo Seletivo dos Cursos Básicos (Ciclo Fev e Mar/2021). A turma estudou desde conceitos iniciais de computação (*bit, byte, pixel, tipos de resolução, frames, keyframes, ...*), passando pelas noções de roteiro, narrativas multimídia, animação digital até chegarem aos experimentos práticos de edição de áudio e de vídeo. Vale ressaltar que essa turma apresentou ao professor responsável o desafio de unir pessoas de várias gerações em um ambiente virtual de aprendizagem, desse modo, o ritmo de estudos e das atividades práticas foi se adequando ao ritmo da turma e também ao equipamentos disponíveis para o processo de experimentação das práticas de criação artística, na maioria das vezes aparelhos celulares.

Como a temática “Memórias e Trajetórias de Vida” as alunas e os alunos da turma “Experimentos Digitais: Imagem e Som” praticaram a construção de roteiro e a criação e edição de áudio e vídeo. Abaixo seguem os links para acesso a alguns vídeos produzidos pelos estudantes da turma nesse processo:

- Ivina Soares >> <https://www.youtube.com/watch?v=J4rqzqB1AH4>
- Keven Rocha <https://www.youtube.com/watch?v=K6rET7W-I3E>
- Eduardo Gomes >> <https://www.youtube.com/watch?v=ZSR021e-8S0>
- Bruno Alencar >> <https://www.youtube.com/watch?v=T7bgehq0EGY>
- Valdenia Alves >> <https://www.youtube.com/watch?v=lyDOB0UIP18>

### 3.5.2 Introdução ao Desenvolvimento Web - 40 h/a (Turma Tim Berners-Lee)



Professor: Marcello de Souza

Ementa: *A internet e suas facilidades estão tão integradas ao dia a dia da vida moderna que parece que elas sempre existiram, sempre estiveram ai e que funcionam de forma autônoma. No Curso de Introdução ao Desenvolvimento Web vamos tratar além do contexto histórico das tecnologias e recursos que tornam a web de hoje real, das técnicas e conhecimentos necessários para a criação e estilização de páginas para internet.*

*Durante o curso o participante será apresentado ao HTML, uma linguagem de marcação, ao CSS uma linguagem de estilo e uma breve e rápida introdução ao JavaScript, uma linguagem de script capaz de trazer interatividade para os documentos HTML. Para um melhor aproveitamento do curso é necessário que o participante utilize um computador para criar e testar seus documentos.*

Dias: Quartas e Sextas | Horário: 18h30 às 20h | Formato: Online

Pré-requisito: Idade a partir de 15 anos. Acesso à Internet.

Ofertar este curso à comunidade faz parte do projeto de médio/longo prazo do Programa de Cultura Digital da ECA/CCBJ na formação de programadores, *makers* e artistas digitais adeptos da cultura hacker, aqueles(as) que são abastecidos pela curiosidade e pelo desejo de experimentar em novas criações e em reinvenções artísticas na interface entre o mundo digital e o mundo físico. Os estudantes desta turma vieram do Processo Seletivo dos Cursos Básicos (Ciclo Fev e Mar/2021). Vale ressaltar que a busca por uma vaga nesse curso foi alta. Tivemos 70 inscritos(as) para 15 vagas de estudantes-bolsistas, o que deixa nítido a vontade da comunidade do Grande Bom Jardim (território de onde vieram 38 inscrições, ou seja, mais de 50% do total) em se aprofundar nos estudos desse campo do desenvolvimento web. Essa é uma área onde o mercado de trabalho já demandava uma grande quantidade de profissionais antes da pandemia da covid-19 e, após a migração para processos digitais tanto em escolas como em empresas, teve sua demanda por profissionais qualificados ampliada.



O aproveitamento da turma foi considerado muito bom, levando em conta o que foi proposto para o curso. No entanto, como o próprio expõe, o curso era de *Introdução* ao Desenvolvimento Web, devido a pouca quantidade de horas disponibilizadas (40h/a). Durante o período de aulas, a turma aprendeu conceitos importantes para a boa prática das linguagens de marcação HTML e CSS, além de verem uma pequena amostra do poder computacional da linguagem Javascript e, por fim, praticou esses conceitos iniciais na construção de uma página web simples. Por tudo que já foi dito anteriormente e pela experiência obtida com a oferta deste curso, chegamos à conclusão que o Programa de Cultura Digital da ECA/CCBJ deve continuar ofertando essa modalidade de cursos, porém com mais carga horária disponível. Por viés profissionalizante, o campo do desenvolvimento web se mostra como uma ótima opção para um futuro Ateliê de Produção.

### **3.5.3 Programação para Jogos Digitais - 40 h/a** (Turmas Ada Lovelace e Alan Turing)

Professor: Gabura

Ementa: *O curso propõe criar Jogos Digitais nessa aventura divertida pelo universo da programação. Os alunos e as alunas irão aprender conceitos fundamentais tendo como prática projetos de jogos para web, animações interativas e aplicativos de puzzle. Utilizaremos Scratch, Love2D e atividades no Roblox. A ideia é fortalecer um pensamento computacional com Programação Visual e depois aplicar com a Linguagem de Programação LUA, já utilizada em grandes games de sucesso como World of Warcraft, Angry Birds e Ragnarok Online.*

Dias e Horários: Terças e Quintas (09h30 às 11h e 17h às 18h30) Formato: Online

Pré-requisito: Idade de 10 a 14 anos. Acesso à Internet.

O curso Programação para Jogos Digitais ofertou à comunidade 2 turmas, ambas com foco no público infantil e pré-adolescente (10 a 14 anos). Essa decisão veio a



partir da boa avaliação obtida junto aos estudantes, às famílias e às instituições parceiras da ECA/CCBJ sobre a execução do curso “Criação de Jogos Digitais e Robótica”, ofertado no ciclo anterior para alunos(as) desta mesma faixa etária.

As 2 turmas totalizavam 30 estudantes-bolsistas, deste total cerca de 30% das vagas foram preenchidas por alunos(as) da turma do ciclo anterior que demonstraram interesse em continuar nos estudos de Programação para Jogos Digitais. O restante veio do Processo Seletivo dos Cursos Básicos (Ciclo Fev e Mar/2021). Durante as aulas, a turma praticou conceitos de matemática e lógica de forma lúdica por meio de plataformas de jogos digitais. Também experimentaram bastante na plataforma Scratch, a cada aprendizado de novos conceitos, a criação de personagens, cenários, animações, interações, obstáculos e recompensas que compõem um jogo digital. O nível de assiduidade das turmas na sala de videoconferência era muito bom e o que se percebe é que a maioria deles(as) continuam bastante instigados a continuar estudando e experimentando em criações artísticas aplicadas ao mundo dos jogos digitais.

Nas próximas páginas apresentamos algumas imagens de parte dos códigos feitos na plataforma educacional para o ensino de linguagem de programação Scratch:





Figura: Trecho de código de atividade prática do curso Programação para Jogos Digitais



Figura: Trecho de código e tela lateral direita com o resultado de atividade prática do curso Programação para Jogos Digitais



FECOP

FEDERAÇÃO DE FACULDADES DE CIÊNCIAS E LETRAS



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

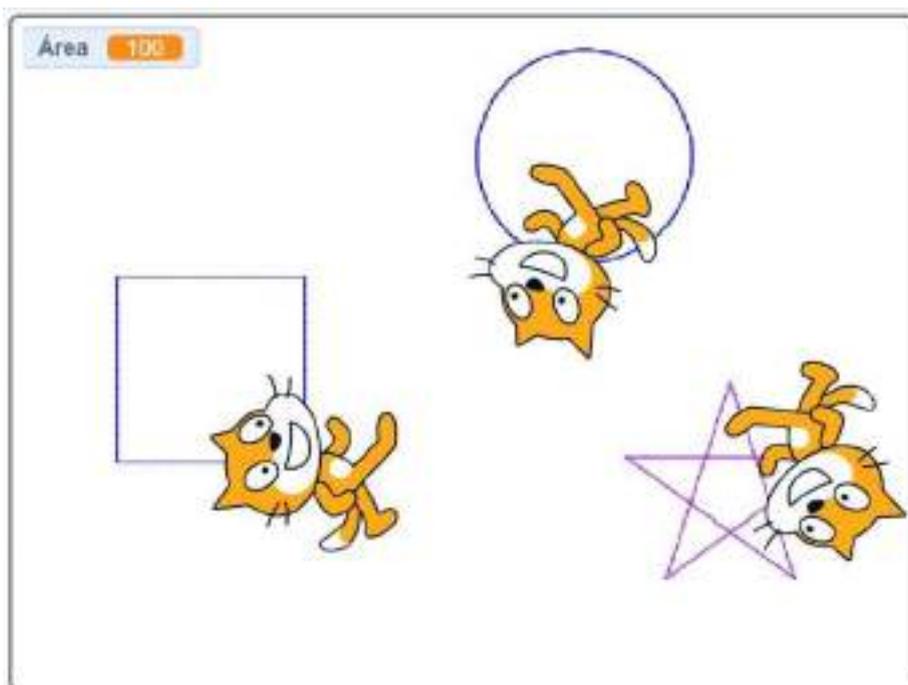


Figura: Resultado de atividade prática usando a linguagem de programação Scratch para o ensino de conceitos matemáticos de geometria.

### 3.5.4 Produção de Podcast - 40 h/a (Turma Isadora Ravena)

Professora: Dani Guerra

Ementa: *A mistura entre efeitos sonoros, palavra e silêncio encanta multidões desde o começo do século passado. As formas de veicular este áudio sofreram mudanças com o passar do tempo e assumiram novos formatos para internet. O curso Produção de Podcast propõe o estudo e a prática de conteúdo digital em áudio, partindo de conteúdos-base de comunicação e direitos humanos. Durante o curso vamos conhecer os processos de planejamento, produção, gravação e edição de conteúdo, além de compartilhamento de plataformas digitais e de tecnologias de transmissão.*

Dias: Segundas e Quartas | Horário: 09h30 às 11h | Formato: Online

Pré-requisito: Idade a partir de 16 anos. Acesso à Internet.

O curso Podcast e Rádio Web foi muito bem avaliado no ciclo passado (setembro a dezembro de 2020), onde a turma se dividiu em grupos e terminou com o processo de produção de 3 podcasts iniciados. Os episódios produzidos estão disponíveis em algumas plataformas digitais.



Figura: arte de divulgação do lançamento de Podcasts produzidos por estudantes do curso Podcast e Rádio e Rádio Web no ciclo setembro a dezembro de 2020.

O site do Centro Cultural Bom Jardim traz uma matéria bem interessante sobre esses lançamentos, que pode ser acessada por meio do link:

<http://centroculturalbomjardim.org.br/noticias/curso-de-podcast-e-webradio-lanca-podcasts-produzidos-por-alunos/>

Para a nova turma, a decisão foi abordar somente a parte de Produção de Podcast, mais uma vez devido a quantidade de carga-horária disponibilizada (40h/a). Todos os(as) estudantes desta nova turma vieram do Processo Seletivo dos Cursos Básicos (Ciclo Fev e Mar/2021). O curso foi disponibilizado à comunidade no período da manhã e a participação/assiduidade da turma foi considerada boa. A turma tinha um caráter bem heterogêneo em termos de faixas etárias, gêneros e vivências territoriais, o que favoreceu e enriqueceu bastante os debates de ideias durante as aulas. Mais uma vez a turma foi dividida em grupos, no sentido de se organizarem para a produção de podcasts, passando pelas etapas de estudos de conceitos iniciais de comunicação, pesquisa de temas, escrita de roteiro, técnicas de gravação e edição de áudios. No entanto, apesar de os projetos estarem todos escritos e preparados para a execução, os grupos não tiveram tempo hábil para gravar os episódios com o acompanhamento docente, pois, como já foi ressaltado, o curso dessa vez foi ofertado com uma carga horária reduzida.

A experiência de ofertar 2 cursos seguidos no campo da produção de podcasts deixou na Equipe Pedagógica do Programa de Cultura Digital o desejo de ofertar à comunidade do GBJ cursos com foco em Comunicação Popular com uma carga horária maior e cada vez com a aplicação de atividades práticas educacionais.

### **3.5.5 Educomunicação e Produção Textual - 40 h/a (Turma Patativa do Assaré)**

Professor: Artur Pires

Ementa: *O que é Comunicação? Teoria crítica dos meios de comunicação de massa. Fake News e suas consequências sociais. O que é Educomunicação? Educomunicação e comunicação popular. Comunicação como um direito humano. Interseccionalidade e problematização de questões sociais: gênero, classe e étnico-racial. Fazendo educomunicação. A escrita como ferramenta de*



*transformação social: escrita e memória; escrita e história; escrita e ação. Da leitura à escrita. O texto como construção artesanal. Produção textual em educomunicação. Técnicas de reportagem: seleção, pesquisa, entrevistas com fontes, redação e edição. Técnicas de entrevista em profundidade: estratégias e métodos de coleta. Escrita literária: caminhos para uma literatura popular. História sociopolítica da internet. Características e consequências da comunicação na era virtual.*

Dias: Segundas e Quartas | Horários: 18h às 19h30 | Formato: Online

Pré-requisito: Idade a partir de 16 anos. Acesso à Internet.

Ofertar um curso na área de Educomunicação e com foco em produção textual foi uma estratégia para fortalecer esse campo de produção artística, uma vez que se tem observado muitas produções educacionais em formatos de áudio e/ou vídeo. A turma partiu de estudos de textos de poetas e escritores cearenses e nordestinos em busca de inspiração para a escrita de suas produções próprias. Durante as aulas, vários conceitos de Comunicação Popular e Comunitária foram estudados de modo mais aprofundado. O curso foi concluído de forma muito bonita e poética com um Sarau Literário.





Figura: arte de divulgação do Sarau Literário Online produzido pelos estudantes do curso Educomunicação e Produção Textual.

### 3.5.6 Fundamentos Básicos de Desenho - 40 h/a (Turmas Ana Mendieta e Leonilson)

Professora: Raisa Christina

Ementa: Iniciando pelo conceito amplo de desenho, estudaremos a etimologia da palavra e concentraremos na observação e na prática da linha, do gesto, do traço, percebendo assim todo seu potencial expressivo. Com o desenho abstrato, estudaremos alguns fundamentos básicos da linguagem visual, como a forma, o plano, a textura, o volume, a composição. Em seguida, praticaremos uma série de exercícios dedicados ao desenho de observação, nos quais experimentaremos o tema da paisagem e principalmente do retrato. A figura humana será abordada por meio de propostas simples e objetivas que estimulam a compreensão intuitiva das proporções e do equilíbrio. Diversos recortes da história da arte serão

*apresentados no intuito de alargar as referências e o imaginário da turma. O objetivo é incentivar a criação artística em desenho de forma livre e gestual.*

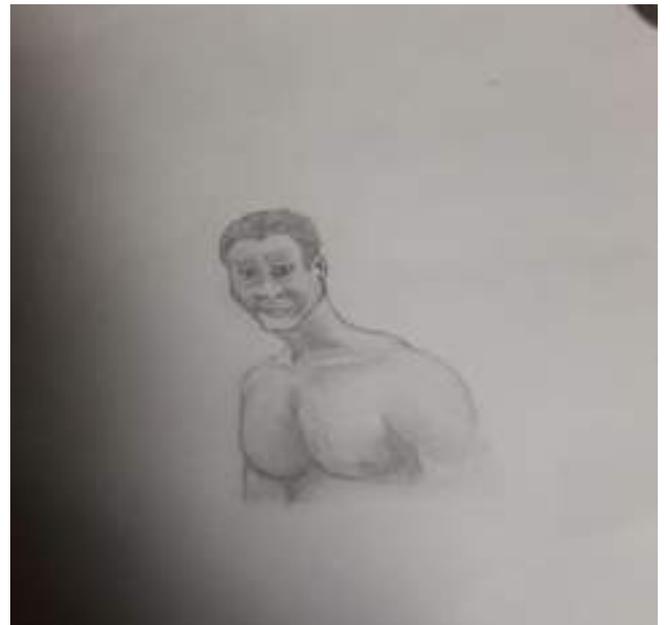
**Dias e Horários:** Terças e Sextas (10h às 11h30 e 17h ÀS 18h30) | **Formato:** Online

**Pré-requisito:** Idade de 12 a 16 anos. Acesso à Internet.

Este curso ofertou 2 turmas. Pode-se dizer que foi uma decisão bastante acertada, pois a comunidade do GBJ tem bastante interesse em cursos voltados aos estudos de desenho artístico.

Nas próximas páginas, somente para efeitos de exemplificação, apresentamos alguns poucos trabalhos produzidos a partir de atividades propostas aos estudantes da turma.





UFC

FECOP

Associação de Faculdades de Ciências e Letras



Centro Cultural Bom Jardim



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO



Figuras: Algumas atividades produzidas pelos(as) estudantes durante as aulas do curso Fundamentos Básicos de Desenho.



UFC

FECOP

FEDERAÇÃO DE FACULDADES DE CIÊNCIAS E LETRAS



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

## 3.6 FORMAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

### 3.6.1 HIV/AIDS e outras IST's: investigação coletiva em artes no combate ao preconceito

Orientado pelo Professor Rhamon Matarazzo, este curso, assim como os demais, teve apenas dois meses de duração e é também de continuidade. Em 2020 foi realizado em apenas um mês, entre novembro e dezembro, e retornou em 2021, para finalização deste projeto. O curso teve por objetivo provocar questionamentos estético-políticos com base no entendimento das IST's/AIDS tendo algumas linguagens artísticas e um pouco da linguagem biomédica como dispositivos que encarnam as dissidências, movendo-as para além das fronteiras historicamente impostas pelo *télos* da norma. O estudo se deu a partir de alguns teóricos no assunto, principalmente no recorte de artistas soropositivos que deixaram um legado que ultrapassam gerações, juntamente com uma investigação narrada pelos participantes e facilitador voltada a partir de uma poética que teve como compromisso a luta por igualdade. O combate ao racismo, machismo, misoginia, transfobia, homofobia, sorofobia, xenofobia e um trabalho de conscientização sobre prevenção combinada para HIV e outras IST'S foram falas abertas a púlpito para os participantes do curso. Das 15 vagas possíveis, o curso finaliza com 13 concludentes.



### 3.6.2 Estudos decoloniais no curso A Encruza Que Habito: Fugitividades Poéticas

Curso: **A Encruza Que Habito: Fugitividades Poéticas** (40h/a)

Professores: Rômulo Silva e Ma Mjanu

Ementa: *O curso propõe tecer e imaginar práticas anti e de(s)coloniais a partir do vivido. Em diálogo com pensadoras/es como Fred Moten, Beatriz Nascimento e Tatiana Nascimento transitaremos entre as noções de fugitividades, quilombo e cuírlombismo literário. Habitar um lugar não é o mesmo que pertencer a ele, embora a todo instante estejamos na mira das investidas fixadoras e hierarquizantes impostas pelo Mundo-Branco, isto é, lógicas coloniais-extrativista capitalista-cisheterosexistaspatriarcais. A presente proposta é, portanto, um convite para pensarmos possibilidades nos dias de destruição a partir das múltiplas espirais-encruzilhadas, trata-se de uma construção em-Comum que objetiva inventar táticas de proteção e encanto, isto é, poéticas do texto e da performance em vídeo que serão hospedadas no YouTube do Centro Cultural do Bom Jardim.*

Dias e Horários: Quintas (18h às 19h30 | 20h às 21h30)

e Sábados (14h às 15h30 e 16h às 17h30) | Formato: Online

Pré-requisito: A partir de 18 anos. Acesso à internet

### 3.7 O CAMPO AMBIENTAL COMO PAUTA CULTURAL E A FORMAÇÃO COMO ALIADA À LUTA POR DIREITOS

Apontamentos sobre o retrocesso brasileiro nas questões ambientais e a importância do Curso *Injustiça e Racismo Ambiental no campo e na cidade: estudos introdutórios* ofertado pelo CCBJ em parceria com o Instituto Terramar

Em novembro de 2020 tivemos uma reunião de planejamento das horas remanescentes dos cursos de extensão para aquele ano que não puderam ser executadas por conta do calendário adaptado para o contexto pandêmico e refletimos sobre quais eram as pautas naquele momento que se viam invisibilizadas diante do necessário foco midiático voltado para pandemia, mas que por conta dele acabavam não sendo abordadas e que eram agravadas pelo contexto sanitário e social, para podermos aprofundar esses debates em cursos complementares nas múltiplas linguagens. Nessa discussão uma das pontuações<sup>9</sup> que fizemos foi sobre a questão ambiental.

Terminamos o ano com os índices brasileiros de queimadas e desmatamento mais alarmantes em uma década<sup>10</sup>, com o desmonte da política fiscalizatória e protetiva estrategicamente acelerado<sup>11</sup> e para além do impacto global que esse cenário provoca, como mudança climática e extinção de espécies de fauna e flora, temos o impacto social de efeito imediato, visto que não podemos dissociar questões sociais da pauta ambiental. E o que a Escola de Cultura e Artes tem a ver ou a contribuir

---

<sup>9</sup> Elencamos a questão ambiental neste diagnóstico pelo fato de o curso *Injustiça e Racismo Ambientais no campo e na cidade: estudos introdutórios* ter sido realizado em 2021, mas outras pontuações fruto desse planejamento resultaram nos cursos complementares em múltiplas linguagens ocorridas ainda em 2020 descritas no 2º Diagnóstico de Ensino Remoto da Escola de Cultura e Artes do CCBJ.

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-encerra-2020-com-maior-número-de-focos-de-queimadas-em-uma-década/a-56119157>

<sup>11</sup>Fonte: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000632072100046X?dcid=raven\\_sd\\_aip\\_email#!](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000632072100046X?dcid=raven_sd_aip_email#!) Artigo comentado em

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noticias-da-floresta/2021/03/11/enquanto-milhares-morrem-na-pandemia-governo-e-nfraquece-leis-ambientais.htm>

com isso? Qual é a população diretamente impactada pela destruição ambiental e afrouxamento legal da fiscalização e proteção ambiental? Esse cenário tem impacto sobre o Bom Jardim?

As populações e seus modos de vida fazem parte do campo ambiental, não só porque, para sublinhar o óbvio, somos parte do meio ambiente, mas também pelo impacto que nossos modos de habitar o planeta operam sobre ele. Nesse sentido, se falamos de modos de habitar a terra, falamos de uma questão cultural: de como determinada comunidade vive, cultiva, se alimenta, produz e transmite saberes, manifesta suas crenças, etc. Discutir e promover cultura, seus modos de preservação, transmissão, fruição, partilha e reflexão, são objetivo de nossa Escola e do Centro Cultural Bom Jardim.

A destruição ambiental opera também e em grande parte conjugada com a violação dos territórios de comunidades tradicionais, logo sobre seus modos de vida, não apenas pela disputa das terras que historicamente pertencem a essas comunidades, mas também pela execução de projetos e obras vizinhas ou localizadas dentro de seus territórios, em nome de um pretenso desenvolvimento, sem estudo e diálogo sobre seu impacto negativo para aquela população e mesmo sobre o usufruto dos benefícios para essas comunidades diretamente implicadas. Se falamos de comunidades tradicionais para apontar sobre quem essa violação se impõe, é porque um dado fundamental para essa discussão precisa ser elucidado: o racismo. A invasão de terras, as operações de grilagem, ameaças de pistoleiros, assassinatos e imposição de obras públicas e privadas historicamente se dão em comunidades cujas pessoas já são fruto da exclusão e dizimação estruturais: pessoas pretas, pardas, indígenas ou não-brancas - para ressaltar a cor de a quem opera essas violações.



À violação adicionamos também o quadro de negligência à garantia de direitos assegurados pela Constituição Federal, tais como acesso à água potável, esgoto, moradia digna, saúde, educação, etc. Na regional V, onde o Grande Bom Jardim se insere, se concentra a maior parte da população de Fortaleza, é também a mais pobre da capital e onde se concentram os mais baixos IDHs de Fortaleza, dentre outros índices alarmantes, como o fato de que no Grande Bom Jardim apenas 40% das residências possuem acesso à rede de esgoto<sup>12</sup>. Segundo dados sobre o perfil demográfico e domiciliar do censo IBGE de 2010, 60% da população do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos) e, segundo dados do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência referentes a 2017, o Bom Jardim ocupa a 2ª posição no ranking de bairros que apresentam mais mortes violentas de adolescentes<sup>13</sup>. A poluição dos afluentes do Rio Maranguapinho, a falta de direitos como acesso a saneamento básico, moradia, educação e saúde, os altos índices de violência e os baixos indicadores socioeconômicos traduzem uma interligação do racismo ambiental com a negação do direito à cidade.

Para elaboração de um curso que então proporcionasse espaço de reflexão sobre as questões ambientais e discussão do impacto cultural e social frutos da injustiça ambiental, acentuado no ano de 2020, pensamos no Instituto Terramar, por meio de Cristiane Faustino<sup>14</sup>, que estendeu o convite às colegas e colaboradoras da Instituição, com destaque para Beatriz Fernandes<sup>15</sup> e Franciscana Souza<sup>16</sup>, que

---

<sup>12</sup>Fonte: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/metro/campanha-feita-por-moradores-e-lideres-da-regiao-o-pede-por-saneamento-basico-no-grande-bom-jardim-1.2962589>

<sup>13</sup> Disponível em <<[https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio\\_primeiro\\_semestre.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_primeiro_semestre.pdf)>>

<sup>14</sup> Membro da Coordenação Colegiada do Instituto Terramar. Presidenta do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Ceará (2019-2021). Conselheira da Justiça Global (RJ) e Membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

<sup>15</sup> Oceanógrafa Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC), Assessora de Campo do Instituto Terramar.

<sup>16</sup> Travesti negra. Bacharel em Humanidades (UNILAB). Pesquisadora na área dos estudos de gênero com uma perspectiva interseccional e Assessora de Processos Internos do Instituto Terramar.



estiveram próximas à Escola para o planejamento operacional e a execução do curso. A parceria foi firmada para tal no final do ano, mas devido às agendas, planejamos o curso para início de 2021. Foi o Instituto Terramar, com quem muito aprendemos, que trouxe a pauta e o nome Racismo Ambiental para o curso, conceito aprofundado por Cristiane, Beatriz e Franciscana no Anexo I deste diagnóstico.

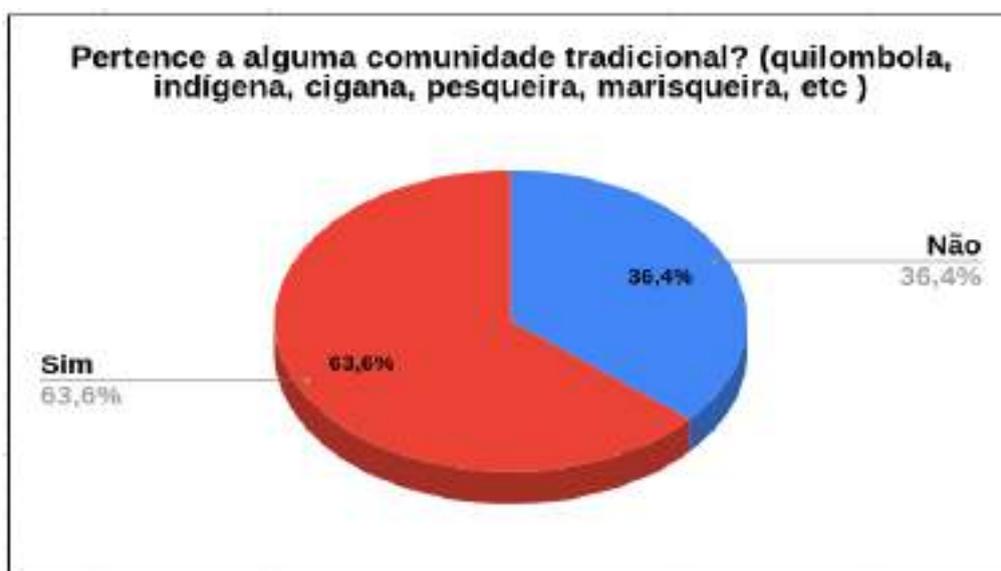
O Instituto Terramar é "uma Organização Não Governamental sem fins lucrativos de caráter socioambientalista. Seu objetivo social é contribuir para a Justiça Ambiental na Zona Costeira do Ceará. Sua atuação está voltada, principalmente, para a garantia de direitos coletivos e individuais de comunidades tradicionais costeiras do Ceará, em especial os direitos ao meio ambiente, ao território, à diversidade cultural, ao trabalho e ao exercício político."<sup>17</sup>

O curso proposto, então, em parceria entre as duas instituições, foi "Injustiça e Racismo Ambientais no Campo e na Cidade - Estudos Introdutórios", que abordou os conceitos de Justiça/injustiças Ambiental(ais) e Racismo Ambiental, perpassando pelas desigualdades estruturais socioeconômicas historicamente construídas, dialogando com a construção do socioambientalismo. O Curso discutiu as questões e os desafios para os direitos e seus vínculos com a questão ambiental e racial no campo e na cidade em contexto de violência; a importância das comunidades tradicionais e povos originários para a conservação dos ecossistemas em contrapartida às degradações; o agravamento das desigualdades sociais, assim como a cultura e os modos de viver dos povos originários, comunidades tradicionais e periféricas, trazendo a presença da ancestralidade histórica constitui esses territórios.

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://terramar.org.br/sobre-nos-2/quem-somos/>

O curso teve suas vagas voltadas para contemplar políticas afirmativas (mulheres, pessoas pretas ou pardas, indígenas, pessoas com deficiência - PcD, pessoas LGBTQIA+, povos originários, comunidades tradicionais, comunidades pesqueiras, quilombolas, comunidades periféricas e de áreas de baixos IDH - Índice de desenvolvimento humano, IVSF - Índice de Vulnerabilidade Sociofamiliar e de alto IVJ - Índice de Vulnerabilidade Juvenil) no intuito de fortalecimento das mesmas na luta pela garantia de seus direitos e da partilha de saberes. A seguir trazemos alguns dados referentes aos(às) 33 (trinta e três) alunes selecionades a partir das inscrições.



Respostas indicando qual comunidade tradicional de pertença: Povo de terreiro; povos do mar, Comunidade Pesqueira, Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde, Comunidade de Maceió em Itapipoca CE, Curral velho, Caetanos de Cima, Etnia Potyguara, Ilê Asé Omo Ayê, Povo kanindé de Aratuba, Indígena Pitaguary, Aldeia São José, Povo Tabajara, Kariri, Tupinambá, Kalabaça e Quilombo Brejão dos negros.



UFC

FECOP

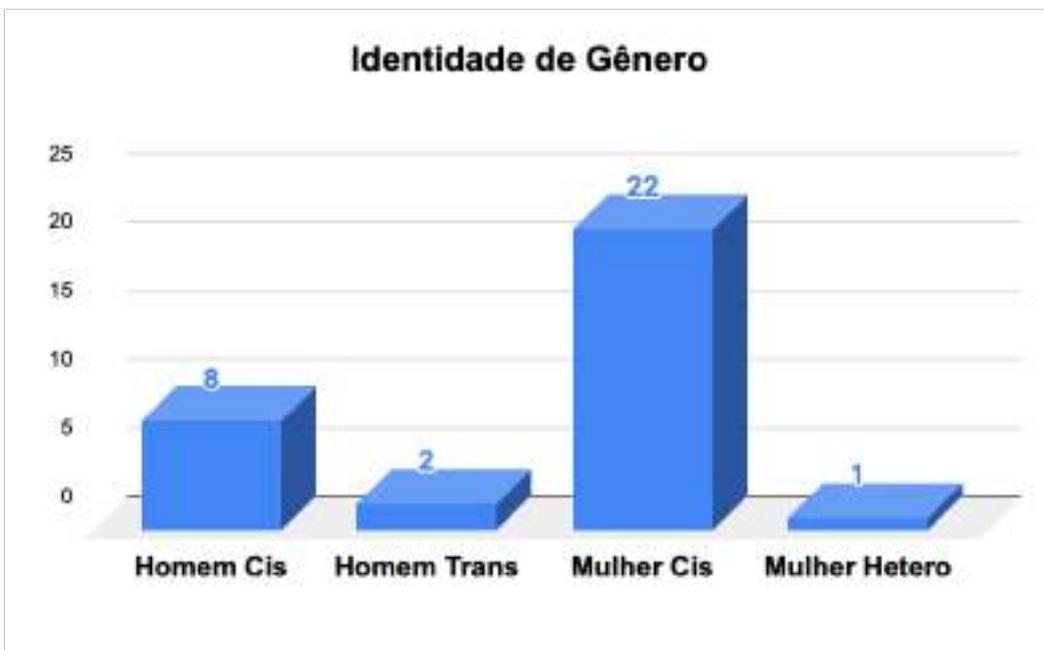
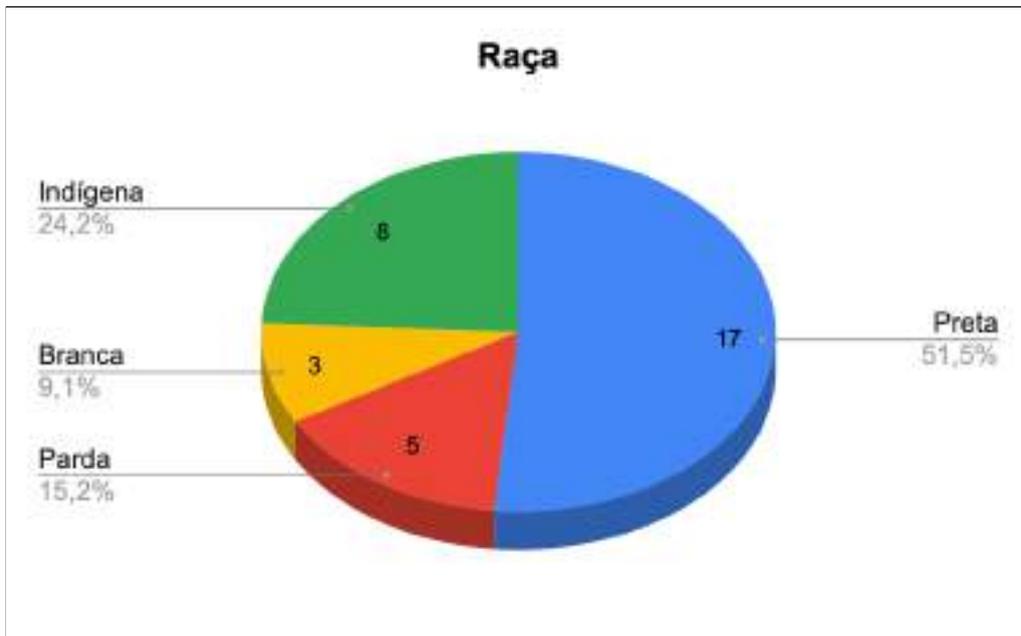
SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÔNIO



INSTITUTO  
DRAGÃO  
DOMAR



CEARÁ  
GOVERNO DO ESTADO



**FECOP**

FORÇA DE PESQUISA  
DE CULTURA  
E INOVAÇÃO

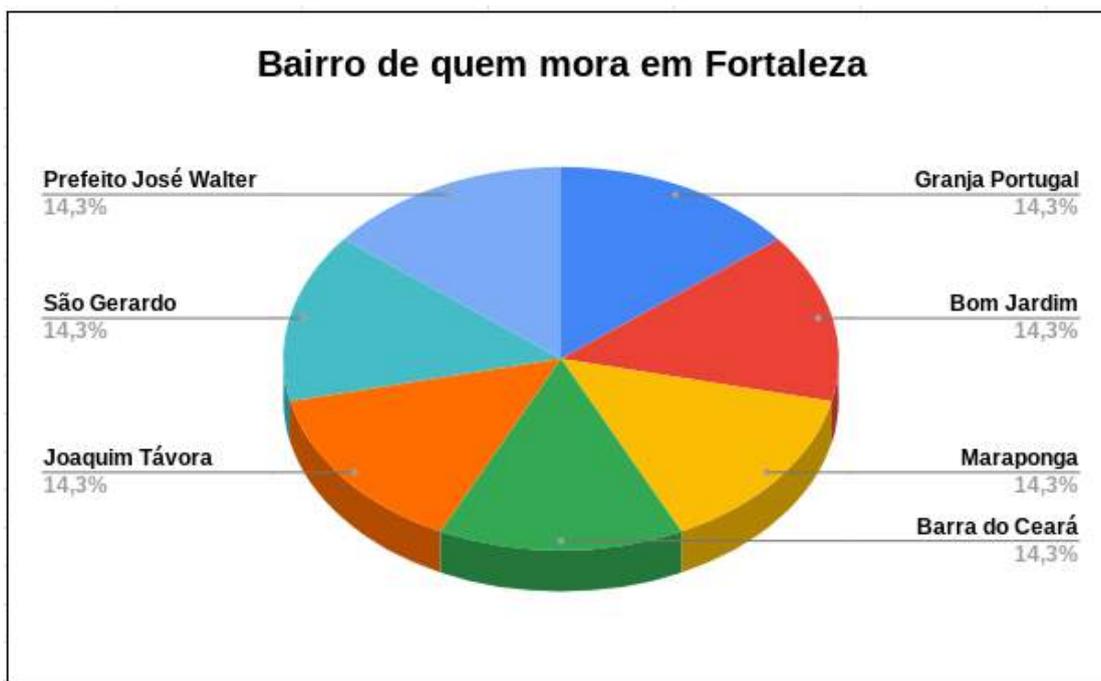


INSTITUTO  
**DRAGÃO  
DOMAR**



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DE CULTURA





Dentro da cidade tivemos alunos matriculados nos seguintes bairros: Barra do Ceará, Bom Jardim, Granja Portugal, Joaquim Távora, Maraponga, Prefeito José Walter e São Gerardo.

O curso teve 30h/a de carga-horária e ocorreu de 20 de março a 14 de abril na modalidade remota, pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem do CCBJ ([ava.centroculturalbomjardim.org.br](http://ava.centroculturalbomjardim.org.br)) e pela plataforma de videoconferência *Google-Meet*.

A cada aula, o Instituto Terramar convidava facilitadores(as) para elaborarem exposição sobre assunto sobre o qual tivessem acúmulo e atuação e, em seguida, abriam debate entre toda turma. Foram trabalhados os temas *O que são Justiça Ambiental e Racismo Ambiental e como esses conceitos podem ser estudados à luz da realidade brasileira* (convidades Rafaela Dornelas e Victor de Jesus); *Colonização, Desigualdades Estruturais e a Questão Ambiental no Brasil* (convidades Ana Eugênia da Silva e Erica Pontes); *A construção do socioambientalismo no Brasil e seus vínculos com as lutas por direito e democracia*

(por Cristiane Faustino e convidado João Alfredo); *Expansão da violência e suas relações com as injustiças socioambientais no campo e na cidade* (convidadas Andrea Camurça e Talita Maciel); *Mudanças climáticas, estratégias de enfrentamento e o racismo ambiental* (convidado Diosmar Filho); *As novas fronteiras da violência e os desafios da proteção/auto-proteção socioambientalista* (convidadas João do Cumbe e Sandra Carvalho); *Intercâmbio entre territorialidades: pedagogias de transformação social e política* (Instituto Terramar e Comunidades presentes); e *Modos de viver e resistir nos territórios ancestrais e originários* (convidadas Liana Cavalcante e Mãe Beth de Oxum).

O formulário de inscrições ficou aberto de 11 a 17 de março, tendo recebido 180 inscrições de todo Brasil, de todas as regiões. Ressaltamos esse dado para frisar a importância de uma formação nesse campo pelo contexto que atravessamos e pelas possibilidades de intercâmbio e fortalecimento de lutas que o ambiente virtual potencializa pelo encontro, sem desconsiderar a exclusão social inerente às tecnologias de acesso e fruição remotas e a necessidades de políticas públicas nessa instrumentalização - já largamente debatida nos diagnósticos anteriores.

Para finalizar esse trecho de nosso diagnóstico, pontuamos que as observações acima apontam para dados extremamente complexos para os quais precisamos nos ater e cada vez mais nos apropriar e aprofundar, reconhecendo a luta pela justiça ambiental como a todos nós. Para contribuir nessas reflexões sobre o contexto atual e para aprofundarmos como a pandemia atingiu e agravou o quadro social das populações vítimas do racismo ambiental, o CCBJ então convidou o Instituto Terramar a elaborar um texto, que convidamos todos a lerem, de título "**O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia**", de autoria de Cristiane Faustino, Franciscana Souza e Beatriz Fernandes, anexo à esse



diagnóstico, e que nos aponta ainda quais experiências podem nos trazer sinais de esperança diante de tudo isso.

Boa leitura!

#### 4. CURSOS EXTENSIVOS E TÉCNICO

Chegamos neste momento para falar sobre os cursos extensivos de teatro, audiovisual e música, e o técnico em dança. É um bom momento para resgatar a sankofa apresentada no início desse documento. É um bom momento para olharmos para trás e ver todo o percurso que estes estudantes fizeram. Impossível não romantizar esse momento e se emocionar com as finalizações construídas pelas turmas. Sabe aqueles questionamentos e momentos de respiro que falamos logo no começo? Pois é, aqui é um bom momento para lembrar. Apesar de todos os pesares, foi possível construir afetos, trajetórias, espaços de esperança e sensibilidade.

Neste terceiro diagnóstico apresentamos a finalização dos cursos de extensão em teatro, audiovisual e música e a continuidade do curso técnico em dança. Ciclos se findaram e agora olhamos para trás para planejar nossos próximos passos nessa caminhada que é a formação de artistas em nossa cidade. Mas antes disso, apresentamos a seguir como segue o técnico em dança.



## 4.1 CURSO TÉCNICO EM DANÇA

Em janeiro, o retorno às atividades da Formação Técnica em Dança do CCBJ deram-se de maneira atenta às questões sanitárias públicas concernentes ao momento de pandemia, sendo estruturada uma organização de presença que dividiu uma única turma em dois grupos, intercalando a ocupação do espaço em dias alternados. O objetivo dessa divisão foi o de evitar-se o contato entre os grupos, diminuindo a circulação de pessoas no CCBJ e garantindo maior distanciamento entre estudantes durante as atividades, que ocorreram na Praça Central, espaço aberto, amplo e bem arejado. Além dessa estrutura, também foram distribuídos aos(as) estudantes e professores(as) kits contendo álcool em gel e máscaras, além de haver álcool em gel em abundância nas instalações do Centro Cultural.

Em termos pedagógicos, a retomada se deu de maneira a reaver conceitos, conteúdos e práticas já apresentados aos(as) estudantes durante atividades remotas realizadas em 2020, sendo escolhidos, para tanto, os módulos “Estudos da Performance” (com Isadora Ravena) e “Elementos Da Música I” (com Lenina Silva), ambos reofertados como módulos de complementação às atividades remotas no intuito de revisar, consolidar e/ou recuperar os conteúdos anteriormente elaborados. Além dos módulos citados, foi realizada também a continuidade do módulo “Dança Clássica II” (com Joalano Paulino), iniciado em dezembro de 2020.

Apesar dos esforços para continuidade das atividades, foi possível notar um cansaço em grande parte dos alunos e alunas, que se instalou desde as atividades remotas. Parte da turma pareceu, inicialmente, animar-se bastante com o retorno



às atividades presenciais, entretanto foi notória a falta de participação plena em parcela da turma, desencadeando em faltas e atrasos às aulas ofertadas. Poderíamos supor que o tipo de atividades desenvolvidas nos módulos não fossem de interesse direto dos estudantes, todavia, os módulos realizados tinham diretrizes de conteúdo, metodologias e práticas distintas, o que põe por terra tal suposição. Uma possível falta de qualidade dos professores e professoras também é descartada, uma vez que nos chegam relatos dos estudantes reforçando a qualidade das aulas. Resta-nos, como possível resposta, o esgotamento psicofísico que vem acometendo grande parte da população mundial devido às agruras da Covid-19.

Além dos problemas diretos que a Sars-Cov-2 pode causar em pessoas contaminadas, é preciso ainda ressaltar os desdobramentos que ela causa na saúde mental da população. Segundo Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, as doenças mentais advindas da atual pandemia surgiriam como uma quarta onda, que apesar de ser enumerada como posterior às três ondas de contaminação que ocorreram ao redor do mundo, vem acontecendo concomitantemente com a contaminação desde as primeiras mortes que alarmaram a humanidade ainda no começo da pandemia. Silva ressalta que “Essa doença (covid-19) não vai ficar só na primeira onda, segunda onda e terceira onda. Nós vamos ter uma onda das doenças mentais, por vários motivos<sup>18</sup>”, e completa:

“É o momento em que começam as restrições de liberdade” (...) “As ondas dão uma subida e, depois, começam a cair, porém, a quarta

---

<sup>18</sup> Trecho retirado de matéria realizada pelo jornal *O Imparcial*, publicado em 06 de setembro de 2020. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/saude/2020/09/problemas-na-saude-mental-sao-a-4a-onda-da-pandemia/>

onda começa ali, ainda na primeira onda, quando começam as mortes, perdas e restrições; e continua subindo. Isso ocorre porque as doenças mentais, quando desencadeadas, permanecem por meses e, em alguns casos, por anos. Ela não vai cair, ela faz um platô e se mantém.”<sup>19</sup>

Como uma resposta ao momento, buscamos aproximar professores(as) com metodologias cada vez mais participativas, que busquem mobilizar os(as) estudantes de outras maneiras, no intuito de gerar outras energias e reativar os desejos dos(as) alunos(as). Iniciamos também uma retomada na aproximação com os alunos e alunas para conversas para além das atividades letivas do curso, a fim de entendermos se a desmotivação surgida se dá por questões diretamente ligadas à estrutura do curso (metodologias, conteúdos etc.) ou por outras relações psicossociais de adoecimento coletivo, uma vez que ainda nos encontramos dentro de uma pandemia que alterou completamente os rumos pessoais e coletivos de nossa sociedade.

Em fevereiro, o curso passou do modelo de atividades presenciais para o sistema online efetivamente. A princípio, o retorno ao sistema remoto foi operado por ter havido na turma um caso de aluna em convívio com familiar acometido pela Covid-19. Assim sendo, a turma foi posta em quarentena, sem atividades presenciais, para que houvesse observação da própria aluna, assim como de todos(as) os(as) demais estudantes que com ela tiveram contato.

A partir do processo inicial de afastamento das atividades presenciais e com o advento de um índice mais elevado de contaminações por Covid-19, bem como de mortes pela mesma doença na cidade de Fortaleza, assim como a intensificação

---

<sup>19</sup> ibidem

das medidas sanitárias protetivas contra a pandemia decretadas pelo Governador Camilo Santana, o Curso Técnico em Dança manteve suas atividades de maneira unicamente remota.

Os(as) estudantes, então, tiveram acesso a aulas de cunho prático, metodologicamente estruturadas para o ensino remoto, sendo aplicados os módulos de “Dança Contemporânea II” (com Fabiana Lima) e “Técnicas Alternativas II” (Loly Pop), esta segunda baseada nas técnicas de House Dance. Durante o período, o curso retomou seu calendário de atividades letivas diárias, passando de dois ou três encontros para cinco encontros semanais. Esta medida foi acordada com a turma vislumbrando diminuir a dilação do tempo que resta para a formatura, a fim de que a conclusão se dê antes do mês de dezembro de 2021.

Ainda visando a conclusão do Técnico em Dança, foi discutida e operacionalizada com a turma a sistematização do “Estágio Supervisionado”, que iniciou-se no mês de março sob acompanhamento das professoras Angela Souza e Isabel Botelho. Sob o título de “Vivências Estéticas - Teorias e Práticas no/do Fazer Dança”, o componente curricular estágio vem sendo desenvolvido com estratégias de realização e acompanhamento virtual de atividades desenvolvidas no âmbito da criação em dança em suas mais variadas possibilidades, devendo se estender até julho deste anos, para que os(as) estudantes consigam cumprir uma carga-horária de 160 h/a.

Também em Março, desenvolvemos os módulos “Elementos da Música II” (Lenina Silva) e “Dramaturgia da Dança II” (Honório Félix). Demos também início às atividades dos módulos “Dança e Tecnologia” (Caroline Holanda) e “Dança Clássica III” (Clarissa Costa).



Embora o diálogo com a turma e mudanças de estratégias metodológicas venham sendo constantes, a fim de tornar as atividades letivas mais adequadas ao contexto pandêmico, é perceptível a dificuldade dos alunos e alunas de se manterem presentes nas aulas, sendo identificado também o cansaço efetivo junto ao modelo de aulas online. As dificuldades envolvidas perpassam por questões materiais, sociais e psíquicas, indo desde adoecimento mental à necessidade de subsistência, bem como dificuldade de acesso à internet e equipamentos de qualidade para acesso e participação nas aulas.

A partir de uma análise mais aprofundada sobre o momento do curso e dos alunos, tentamos aplicar estratégias mais efetivas para o redirecionamento da turma. Entretanto, é importante lembrar que esse tipo de intervenção demanda tempo e acuidade, o que muitas vezes é dificultado pela intensa rotina de trabalho exercida pelos profissionais do CCBJ em geral, e neste caso em específico, pela equipe do programa de Dança. Uma vez que a quantidade de ações e atividades, sejam elas burocráticas ou pedagógicas, executadas a um mesmo tempo, dificulta o foco e direcionamento necessários para um acompanhamento com mais qualidade das turmas e projetos que o Programa de Dança abarca, a efetividade do acompanhamento de nossos(as) estudantes acaba sendo prejudicada.

## 4.2 CURSO DE EXTENSÃO EM TEATRO

Finalizamos o curso de Extensão em Teatro em parceria com a Universidade Federal do Ceará em dezembro de 2020, com a apresentação da montagem final “Como se Ainda Existíssemos”. A apresentação foi de forma virtual, através da



plataforma Zoom, transmitida pelo YouTube do Centro Cultural Bom Jardim. Porém, diante da pandemia e de termos tido todo o percurso das aulas em formato virtual no ano de 2020, entramos no ano de 2021 com a demanda de reforçar aqueles módulos que deveriam ser práticos, mas que tiveram de ser virtuais.

Essa responsabilidade de reforçar os módulos práticos vem com o intuito de garantir outras possibilidades de investigações cênicas, garantidas pela instituição, diferente das perspectivas realizadas dentro de suas casas. Dentre os módulos que analisamos que deveriam ter um desenvolvimento prático presencial, entendemos que os módulos de “Voz Falada” e “Teatro e Multimídia” precisariam ser realizados neste formato, dentre as atividades de retomada do CCBJ.

Cada módulo teve a duração de 20h e aconteceu durante uma semana cada. As aulas de “Voz Falada” tinham o objetivo de apresentar para o discente noções de aspectos relacionados com a produção vocal, assim como os ajustes saudáveis para uma automatização correta dos parâmetros vocais na prática da atuação. Além de levar o estudante a experimentar uma voz engajada, responsiva e longeva. Já para o módulo de “Teatro e Multimídia”, foram desenvolvidas noções de técnicas de projeção e software de interatividade para a cena, a partir de composição de dispositivos técnicos disponíveis. Nestes encontros havia a disponibilização de duas “ilhas” técnicas, que compreendia um computador de mesa, acesso a internet, webcam, câmera e projetor. Era utilizado ainda um programa chamado Isadora e com ele era possível desenvolver técnicas de projeção.

Estas aulas de reposição geraram certificados complementares, já que as 1000h/a horas do curso foram executadas durante os 18 meses, de julho de 2019 a



dezembro de 2020. Nos encontros presenciais foram disponibilizados para cada discente um kit contendo duas unidades de máscara de tecido, uma máscara de acrílico conhecida como *face shield* e 200ml de álcool em gel. Sem mencionar que todo o CCBJ estava equipado com totens de álcool em gel, orientações e marcações de distanciamento, verificação de temperatura dentre outras orientações dispostas nos decretos estaduais de combate ao covid-19.

Como já mencionado no início deste diagnóstico, o CCBJ segue as orientações dos decretos, o que trouxe mudanças repentinas no andamento das aulas de reforço. Os últimos dias tiveram suas aulas com encerramento com antecedência de uma hora, pois havia neste período um toque de recolher a partir das 21h. A lista dos nomes com os aprovados foi encaminhada para o coordenador de teatro na extensão da Universidade Federal do Ceará, Hector Briones, e está sendo encaminhada para a gráfica para a confecção.

Em fevereiro foi realizado um encontro de avaliação entre a gerência de formação, coordenação de teatro da Escola de Cultura e Artes do CCBJ e Hector Briones. Importante salientar que a segunda turma de Extensão em Teatro junto a UFC encerra-se com a participação de mais ou menos 15 estudantes, número considerado satisfatório. Consideramos ainda que todos os processos de acompanhamento pedagógicos que foram possíveis de serem realizados diante das condições sanitárias que enfrentamos ainda nos dias de hoje, foram empenhadas em manter não apenas o calendário de execução do curso, mas principalmente a atender a uma necessidade psicológica tanto em relação aos encaminhamentos ao núcleo de atenção social, quanto a própria ocupação desses estudantes, relatadas inúmeras vezes em reuniões e avaliações como positivas. Como pensar uma arte que precisa do encontro? Essa foi nossa principal questão.



De fato o encontro, a presença, a proximidade é primordial para a linguagem de teatro. Mas todo esse contexto nos faz ser movimento constante. O teatro é movimento. É constante. Se adequa, se adapta, se reinventa. Como diz Jean-Louis Barrault<sup>20</sup> “O teatro é o primeiro soro que o homem inventou para se proteger da doença da angústia”, e assim seguimos e buscamos na arte essa necessidade de cura, de mudança, de novas possibilidades. A segunda turma de extensão em teatro vivenciou na prática toda essa metamorfose.

### 4.3 CURSO DE EXTENSÃO EM AUDIOVISUAL

Finalizamos em março a primeira turma do eixo formativo extensivo em audiovisual no CCBJ. Conquista marcante de investimento público em longo prazo em formação artística em linguagem historicamente elitista e tão importante na formação de imaginário coletivo e pessoal, na construção de narrativas que passam a ser possibilidades de vida e reconhecimento de cada pessoa. Conquista também por esse acontecimento se dá em uma das maiores periferias de Fortaleza, em um equipamento que por muitos anos não teve verba suficiente para virar o ano e que, portanto, não poderia investir em cursos duradouros ou mesmo facilitar ajuda de custo para seus estudantes como ocorreu nesse eixo desde 2019. Essa conquista da comunidade, que forma artistas aptos a realizarem criações a partir do audiovisual, música e teatro, na verdade instrumentaliza coletividades a discutirem o mundo através de ferramentas desenvolvidas nesses quase dois anos.

O Audiovisual teve sua conclusão de fato em março. Como relatado no 2º diagnóstico de ensino remoto da Escola de Cultura e Artes do CCBJ, para nós, sempre considerando a necessidade preventiva diante da COVID-19, lidávamos

---

<sup>20</sup> Ator e encenador francês nascido em 1910, em Le Vésinet, e falecido a 22 de janeiro de 1994. Foi discípulo de Charles Dullin e, depois, ator na companhia teatral *L'Atelier*.

com a necessidade de aulas presenciais para treinamento com determinados equipamentos, a exemplo dos módulos *Fotografia para Audiovisual II: Iluminação para Audiovisual*, *Prática de Edição de Vídeo*, *Som para Audiovisual III: Edição e Mixagem de Som* e *Edição II: Correção de Cor e Finalização*. Esses, somados com o módulo *Direção de Arte II: Caracterização de Personagem*, ocorreram de novembro de 2020 a janeiro de 2021 na modalidade presencial, observados os protocolos de segurança, e encerraram nesse mês os módulos vinculados ao espaço de sala de aula, com horário fixo e atividades com a turma dos então catorze alunos em curso.

Os meses de fevereiro e março foram voltados para estágio da turma, nos quais tivemos a prática da realização audiovisual, supervisionado por uma professora, acompanhado pela equipe pedagógica do Centro Cultural Bom Jardim e em diálogo com a coordenação do projeto de extensão da UFC. Inicialmente pensado como o período de realização dos filmes ou obras audiovisuais que a turma tivesse vontade de produzir e elaborado como projeto ou desenvolvido roteiro nos módulos anteriores, acabamos por redesenhar a metodologia e objetivo de estágio. Em um contexto de acirramento da pandemia do COVID-19, altos índices de contágio no Ceará<sup>21</sup> em suspeita de uma nova variante do vírus e recorde de óbitos causados pela doença, sem perspectivas de vacinação, decidimos por manter a modalidade remota de encontros e criação. Estes poderiam se dar por duas vias, desde que sempre cumprindo uma carga-horária semanal acompanhada pela Escola e em diálogo com a professora supervisora do estágio: desenvolvimento de projetos de obras audiovisuais ou estágio em obras audiovisuais que estivessem em curso na cidade (desde que em respeito às medidas preventivas ao COVID-19).

---

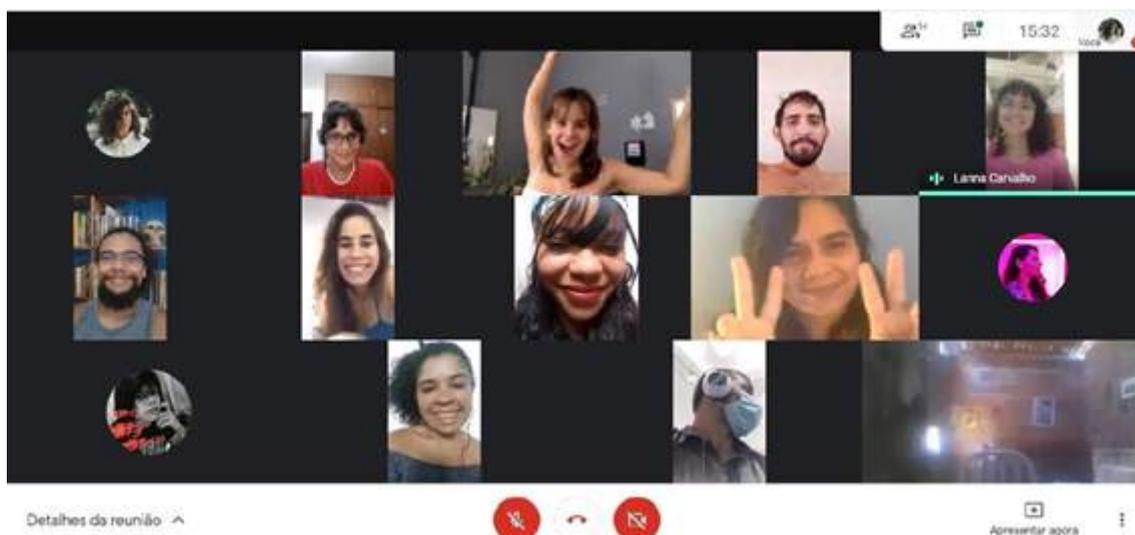
<sup>21</sup> Fontes <https://globoplav.globo.com/v/9250956/>,

<https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/02/com-casos-no-ceara--nova-variante-do-coronavirus-pode-causar-reinfeccao--aponta-estudo.html>

Para o primeiro desenho de percurso, implementamos a pesquisa de referências e de universo das obras, desenvolvimento de novos tratamentos de roteiro, elaboração de caderno de arte, escrita de projetos e pré-produção de cada obra dentro do que era possível, como construção de orçamento e reuniões de equipe, de modo que os grupos concluíssem o estágio aptos a inscrever os projetos em editais, captar recursos a partir de outras fontes ou mesmo realizar as obras com orçamento menor a partir do uso de equipamentos públicos das escolas e espaços culturais na cidade. Foram desenvolvidos coletivamente entre os membros da turma os seguintes projetos: “Alien TV”, “Correria”; e individualmente “XX7” e “E agora?”

No segundo desenho de percurso, cinco alunos estiveram envolvidos em projetos audiovisuais em realização na cidade, a maioria tendo por fonte de financiamento a Lei Aldir Blanc. A equipe da Escola de Cultura e Artes e a essencial contribuição do NArTE promoveram diálogo com algumas produtoras para estabelecer ponte com alunos do extensivo em audiovisual de modo que partilhassem vontades e possibilidades e assim os caminhos profissionais fossem desenhados. Importante destacarmos que tais alunos ainda assim participaram do primeiro desenho do percurso, compondo equipe dos filmes da própria turma, mas tendo também essa vivência profissional externa ao CCBJ de modo a expandir as possibilidades de criação e atuação dentro do campo do audiovisual.





Encontro da turma de extensão em audiovisual realizado em 11 de fevereiro, junto com Ticiano Augusto Lima, da Tardo Filmes, e Natasha Silva, da Bom Tempo Filmes.

A professora supervisora do estágio foi Clara Bastos, e tivemos como artistas orientadores do estágio<sup>22</sup> para o desenvolvimento dos projetos de filmes da turma André Novais, Lincoln Pércles e Isac Bento. Artistas maravilhosos que em uma etapa de finalização de um longo percurso, trouxeram ânimo e vontade de seguir, de cada um acreditar em si e no potencial coletivo da criação e do audiovisual como campo de sonho e atuação. Alguns delxs são profissionais advindos de periferias em suas cidades, de trajetória conhecida internacionalmente, e se colocarem de igual para igual a cada alune da turma traz a mensagem de que o audiovisual é sim possível, de que não podem deixar de sonhar ou se empenhar para fazer acontecer o que tanto querem, e se chegaram até aqui, vinte meses

---

<sup>22</sup> Mais informações sobre os professores e suas possíveis contribuições a partir de seu campo de trabalho em

<<<http://centroculturalbomjardim.org.br/noticias/ccbj-apresenta-professores-orientadores-do-estagio-do-curso-extensivo-em-audiovisual>  
>>

depois de tantos acontecimentos na vida, é porque essa paixão já é marca e vem aliada a muito repertório também.

Dentro desse tópico, destaco a importância da monitoria ter sido voltada exclusivamente para o eixo de formação do extensivo, pelo vínculo de contrapartida junto à Universidade Federal do Ceará. Tivemos na história dessa turma a contribuição fundamental de Benia Almeida, Robson Nascimento e Lanna Carvalho, que foram cruciais para manter contato com cada aluno quanto às demandas e lembretes do curso, relativas a atividades, agendamento de encontros e entrega de exercícios, além do suporte aos professores em tantas contribuições possíveis, desde o planejamento de atividades às readequações metodológicas.

Termos concluído um curso de mil horas-aula, inicialmente composto por vinte e dois alunos em 2019, vinte alunos em 2020, e catorze na reta final, atravessados por uma pandemia, é uma conquista tanto para o CCBJ quanto para cada alune que chega até aqui. A turma concluiu um percurso enorme de discussões, construção de coletividade, participação social na luta pelas políticas públicas (manutenção do CCBJ, pagamento das bolsas, participação no fórum de audiovisual, coletivos de juventude, dentre outros) e sobretudo, instrumentalizados e empoderados para construir narrativas por meio do audiovisual. Vida longa a esse eixo formativo e ao contato e acolhimento próximo a cada aluno, cada vida que decidir partilhar e cultivar seu sonho junto ao Centro Cultural Bom Jardim.

Não poderia deixar de fora desse diagnóstico como, diferente dos outros eixos, a extensão tem na equipe pedagógica referência de continuidade e vínculo com o equipamento, visto que o quadro de professores é rotativo, referente à expertise de cada módulo. Nesse sentido, seria interessante sonhar a longo prazo que o Centro



Cultural disponha de uma equipe (coordenação e assistência pedagógica) exclusiva para o projeto de extensão, que tem uma turma de segunda a sexta-feira com vínculo de extensa duração, e cuja proximidade com cada pessoa e acompanhamento ao professor são cruciais para qualificar essa formação. É assim que ocorre nas outras casas de formação em cultura e artes na cidade de Fortaleza, em que profissionais vinculados às formações artísticas são direcionados para eixos. Importante discutirmos futuramente necessidade de ampliação orçamentária não só para esse eixo ou para a Escola de Cultura e Artes, mas para o Centro Cultural Bom Jardim como um todo, através por exemplo de maior ajuda de custo a alunes, cachês para artistas e formalização dos profissionais da cultura que ali constroem história mas possuem vínculos temporários através de inúmeros contratos de prestação de serviço de curto prazo, renovando a cada 3 e 5 meses, o que dificulta o planejamento e execução de ações a longo prazo, com acúmulo de discussões, experiência e adaptações por cada contexto.

#### 4.4 CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA

O eixo de formação referente ao Curso Extensivo em Música seguiu em um processo de continuidade formativa no mês de janeiro, fevereiro e finalizando suas atividades, formando a primeira turma extensionista do Programa de Música, no mês de março de 2021. Durante o mês de janeiro, os seguintes módulos foram realizados: ***Instrumento Específico Violão III (Prof. Pedro Ernesto); Educação Musical (Prof. Pablo Garcia) e Informatização Musical e suas Tecnologias (Prof. Herlon Robson)***. Os conteúdos das aulas de Instrumentos Específico Violão III acolheram temáticas, como: harmonia, prática musical, teoria complementar e planejamentos de aula básica (em virtude que em fevereiro os mesmos alunos e



alunas dariam continuidade aos acompanhamentos das atividades em música nos Cursos Básicos.

No módulo Educação Musical (Prof. Pablo Garcia) pontuando conceitos de transmissão oral; referências indígenas; produção crítica e de aculturação no ensino musical brasileiro; produção simbólica escrita e os processo de música e cidadania (importante reforçar que são módulos que ampliam a formação de pensamento dos alunos/alunas) sob uma perspectiva de etnomusicologia e processos sociais (o professor deste módulo) é docente no Bacharelado e Licenciatura em Música na Universidade Estadual do Ceará/UECE.

Acreditamos que estas proximidades com docentes de instituições de ensino superior local/regional quebram certos estereótipos de reais vivências e compreensões deste ambiente acadêmico. Na sequência, realizamos o módulo: Informatização Musical e suas Tecnologias (Prof. Herlon Robson) - orientador com potente criação e ensino em metodologias e uso de tecnologias em música; estas aulas aconteceram em formato híbrido (*aulas assíncronas; aulas virtuais e aulas presenciais*); adotando as metodologias aplicadas em modos anteriores - focamos as aulas no uso de softwares livres de ensino em música e gravação/edição e manipulação em áudio (softwares livres como reaper, soundforge, supercollider) tornam-se presentes nos conteúdos programáticos do módulo. Em janeiro de 2021, foram encaminhadas as matrículas para efetivação e renovação dos extensionistas. Entretanto, a potencialização de atraso no pagamento das bolsas voltaram a ser um agravante e que prejudicou nossa manutenção formativa.

Foram realizadas durante esse período reuniões coletivas com os alunos e alunas, priorizando pautas, como: acompanhamento de aulas nos cursos básicos



(atividades práticas de estágio); atividade de conclusão de curso (reunião para traçar as ações de conclusão de curso no mês de março. 2021) atividade essa que foi pensada, produzida e desenvolvida pelos próprios alunos e alunas (e com eixo educativo/formativo na realização da Semana de Educação Musical do Centro Cultural Bom Jardim). Este mesmo alinhamento está com a co-orientação do coordenador do Curso de Música da Universidade Federal do Ceará/UFC (Prof. Felipe Ximenes) e que também é responsável pelo extensivo em música da instituição.

Em nossas ações no mês de fevereiro, desenvolvemos os acompanhamentos das disciplinas de estágio vinculadas ao processo formativo. No dia 08 de fevereiro de 2021 iniciamos os módulos dos cursos básicos (e com a participação dos alunos do curso extensivo em música - desenvolvendo as ações de estágio supervisionado). Este acompanhamento de orientações e de atividades pedagógicas - iniciaram nos meses de setembro, outubro e novembro de 2020 (juntamente com o professor Felipe Ximenes) que ampliou nas construções de ensino-aprendizagem formas de metodologias de pesquisa, ensino, eixo formativo e leitura de repertório para um processo de educação musical.

As aulas que constituem o eixo de cursos básicos são: Canto Coral e Técnica Vocal; Prática Musical: Percussão e Musicalização (Iniciação); Percussão Instrumental Afro-Brasileira e Prática Musical: Violão (Iniciação); os cursos foram criados para o formato presencial (75% das turmas) e com isto, as investigações que seriam desenvolvidas pela turma nestas ações de aulas, tendo como propósito de identificar as nuances na didática de ensino em formatos virtuais e presenciais. Os alunos(as) extensionistas acompanharam os processos de elaboração dos planos de aula e a orientação com a equipe de infra-estrutura do Centro Cultural Bom



Jardim - no tocante às condições sanitárias e de biossegurança para realização de atividades pedagógicas. Entretanto, a taxa de ascensão de contágio em função dos novos casos de Covid-19 no estado do Ceará nos forçou a reverter as aulas em todos os eixos de formato virtual; estas condições refletem que os desafios e caminhos são maiores para uma garantia e manutenção educativa.

Na continuidade dos módulos para o curso extensivo em música no mês de fevereiro, realizamos os módulos: **Instrumento Específico Teclado III (Prof. Ayrtton Pessoa); Educação Musical (Prof. Pablo Garcia); Instrumento Específico Percussão II ( Profa. Amanda Fidélis e Elane Fidélis) e Imersão Estudos Temáticos (Prof. Pablo Garcia)**. Estas aulas ampliaram novos olhares na turma; como uma instrumentalização de ações e caminhos para traçar os itinerários individuais de cada um(a). Neste período também iniciamos a pré-produção da Semana de Educação Musical do Centro Cultural Bom Jardim (atividade de conclusão de curso dos alunos(as); momentos para ressignificar as vivências e percursos formativos para conclusão do curso; como estratégia reuniões semanais de alinhamentos de GT`s (Grupos de Trabalho) afinam as construções da programação.

Nas proposições de conclusão do ciclo extensivo em música durante o mês de março de 2021, as ações foram concluídas com os módulos finais de realização do ciclo. Os módulos: **Música Nordestina: Influências, Ritmos, Transformações ao longo da História; (20h/aula ; Prof. Rodrigo Caçapa); Instrumento Específico Violão I/Revisão (26h/aula ; Prof. Theresa Rachel) e Instrumento Específico Teclado I/Revisão (26h/aula ; Prof. Roberta Kaya)**. Estas ações tiveram como guias e orientações ciclos estético-conceituais e de proposição de simulados para os alunos(as), desenvolverem habilidades educativas e didáticas, juntamente com



as proposições dos ciclos de acompanhamento de estágios. Por meio de evoluções e sistemáticas de trabalhos e práticas educativas.

A finalização e atividade de conclusão do Curso Extensivo em Música aconteceram com a Semana de Educação Musical do Centro Cultural Bom Jardim. Projeto de atividade de conclusão do Curso Extensivo em Música; composto por painéis de encontros, rodas de conversa e pocket-shows pelos próprios alunos(as).



Encontro de finalização do Curso de Extensão em Música realizado no dia 31 de março, junto com professores(as) e coordenação pedagógica que construíram o ciclo formativo 2019-2021 dessa primeira turma.



## 5 LABORATÓRIOS DE PESQUISA

Iniciados em outubro de 2020, os projetos contemplados com o Laboratório de Pesquisa 2020/2021, finalizaram seus percursos apresentando suas trajetórias e resultados na 3ª Semana de Culminância do Laboratório de Pesquisa CCBJ. Na reta final das pesquisas junto ao CCBJ, os processos foram avaliados e observados a partir da experiência construída neste tempo juntos. Os desafios de uma pesquisa em grupo, assim como os processos formativos foram cheios de percalços e descobertas.

É necessário reafirmar as dificuldades administrativas enfrentadas pelos projetos, como o atraso no pagamento das bolsas auxílio. Esse fato corriqueiro trouxe desgaste no acompanhamento pedagógico, não somente para os pesquisadores contemplados no laboratório, mas também para os professores mediadores que tiveram, em alguns casos, que esperar por meses o seu pagamento. Os grupos apresentaram, sem exceção, dificuldade de dedicação e imersão à pesquisa por conta desse atraso. No quarto mês de laboratório, ainda havia pessoas que só receberam uma parcela das três bolsas que já deveriam ter sido repassadas até então. Outra dificuldade para os encontros referente a esse período foi a execução da Lei Aldir Blanc, levando alguns dos alunos a alegarem falta de dedicação ao Laboratório pela quantidade de projetos ou pela necessidade de dedicação a eles vinculados à lei de incentivo à cultura em contexto emergencial, aliado ao atraso no pagamento das ajudas de custo.

Mas superando todas essas dificuldades, foram realizados doze projetos com muita dedicação e potência, o que resultou em sistematizações e apresentações de



processo com muita qualidade. Importante também salientar a potência que foi a reformulação do objeto da pesquisa por parte de alguns grupos contemplados pelo laboratório de pesquisa. Inicialmente traçados objetivos muito amplos, como por exemplo a análise da cinematografia de uma década, por um grupo do audiovisual, ou realização de entrevistas com um grupo focal, por outro grupo, passaram a se voltar para estudos históricos e teóricos, apostando assim na necessidade de aprofundamento e compreensão histórica para então adensar a análise dos filmes contemporâneos, no primeiro caso, e de uma ética na abordagem e estudo de campo, no segundo caso. Todas essas mudanças são possíveis pois a pesquisa é, assim como as artes, movimento. E além disso, nos move.

Por fim, chegamos à finalização do percurso da terceira edição do Laboratório de Pesquisa do CCBJ, e a primeira em que se redefine o objeto do Laboratório como voltado definitivamente para pesquisa, desatrelando um objetivo final como entrega de uma obra. Vemos a potência dessa aposta, para assim aprofundar, ampliar bagagem teórica, acumular repertório, poder experimentar com maior liberdade e desprendimento de finalidade. Documentamos, também, a importância do repasse da ajuda de custo em dia, e reiteramos que seja feito com antecedência (no início de cada mês), para que a bolsa viabilize dedicação e tempo de pesquisa, compreendendo principalmente sua realização por sujeitos(as) que historicamente se viram marginalizados no acesso e publicação de suas pesquisas, seus saberes e registros de suas vidas, para quem as políticas públicas devem ser destinadas na reversão desse quadro, na promoção de cidadania, renda, dignidade e mitigação da desigualdade social que forma o país.



A finalização dos laboratórios de pesquisa foram realizadas na Semana de Culminância do 3º Laboratório de Pesquisa do CCBJ, que será apresentado com mais detalhes neste documento. Abaixo segue o percurso final dos laboratórios de pesquisa do CCBJ 2020/2021.

### **5.1 PROJETO “E AÍ, POPULAÇÃO?”**

*Integrantes:* Anaya Ökùn, Ana Cláudia Moreira e William Angelo.

*Objetivo:* O projeto surge de uma inquietação, onde as Danças Urbanas-Periféricas são convocadas a partir de um processo em dança, para construir espaços de reflexões, e diálogos a partir de corpos/as periféricos/as dançantes sobre nossos modos de resistências e existências nos espaços por toda a cidade. Dançares periféricas e suas materialidades (escrita, sonoridade, oralidade, movimento), dando a ver a outros modos de pensar a dança, que dialoguem com nossas narrativas periféricas, de corpos/as periféricos/as.

*Finalização do Percurso:* O projeto passou por oficinas com artistas que ajudaram na qualificação das discussões e metodologias que envolviam a pesquisa, com trocas agenciadas da seguinte maneira:

- 12h/a de encontros com o artista, educador e pesquisador Gerson Moreno (Itapipoca/CE), realizados de maneira online;
- 8h/a de encontros presenciais realizados com a artista Pedra Silva (Fortaleza/CE)

Os materiais desenvolvidos nos âmbitos das pesquisas podem ser acessados por meio dos seguintes links:



- Relatório de sistematização do processo:  
[https://drive.google.com/file/d/1Vgikm85kmksNZV0t\\_KzAfRpVmm1DZzOs/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Vgikm85kmksNZV0t_KzAfRpVmm1DZzOs/view?usp=sharing)
- Vídeos-performance:  
<https://www.instagram.com/p/CLxkwUhlD50/>  
<https://www.instagram.com/p/CLwokaHI9eM/>  
[https://www.instagram.com/p/CLxJ9\\_YIEzf/](https://www.instagram.com/p/CLxJ9_YIEzf/)

## 5.2 PROJETO “QUANTOS SILÊNCIOS COMPÕEM UM CORPO DE GUERRA?”

*Integrantes:* Ana Carolina Mandu, Michelle da Silva e Lara Xerez.

*Objetivo:* Lançamos a seguinte pergunta como local e espaço de criação e movimento: como reverberam as memórias em nossos corpos pretos? A dança aqui floresce como uma representação simbólica de resgate de uma criação singular e coletiva, trazendo a tona o corpo como uma morada de manifestações, visando investigar que poéticas de corpo e locais de vida podem ser construídos quando a mulher preta se movimenta.

*Finalização do Percurso:* O projeto passou por oficinas com artistas que ajudaram na qualificação das discussões e metodologias que envolviam a pesquisa, com trocas agenciadas da seguinte maneira:

- 20h/a de encontros realizados com a artista e professora de Dança Nathália Freitas (São Paulo/SP-Belém/PA).

Neste caso, o grupo realizou ainda um encontro de 3 h/a aberto ao público, para o qual recebemos 24 inscrições advindas do Ceará, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais. No encontro, ocorreu uma proposta para aproximação de contatos entre o CCBJ e uma ONG de São Paulo, denominada Instituto Periferia Ativa.



Entretanto, não houve ainda tempo para maior contato e articulação.

Os materiais desenvolvidos nos âmbitos das pesquisas podem ser acessados por meio dos seguintes links:

- Site em processo: <https://descoreografias.hotglue.me/>
- Vídeo-performane: <https://www.youtube.com/watch?v=LLtaV2Aj8rQ>

### 5.3 PROJETO “ABAYOMI: POÉTICAS POSSÍVEIS DE UMA REALIDADE PRESENTE”

*Integrantes:* Carolina Feitosa Bomfim, Vic Nascimento e Anne Karoline Sampaio Martins.

*Objetivo:* Pesquisa teórica/prática por meio de encontros virtuais que pretende investigar através de oficinas e tutorias: técnicas e história do Teatro de Animação, Teatro Negro, composição dramatúrgica, e aspectos visuais e sonoros da cena, para a experimentação e produção de vídeo teatro como proposição para estudos. Sendo assim, será de natureza qualitativa, pois compreenderá em descrever os procedimentos dando um grau de objetivação do evento a ser pesquisado, e que, essas descrições podem ser produtivas e bem fundamentadas, o que leva o pesquisador a um maior grau de flexibilidade.

*Finalização do Percurso:* O laboratório de teatro “Abayomi: Poéticas possíveis de uma realidade presente” esteve na programação da Semana de Culminância do Terceiro Laboratório de Pesquisa do CCBJ, logo no primeiro dia. Neste dia o tema era “Visualidades da Cena” e propunha apresentar “Formas, poéticas, corpo e periferia numa miscelânea de afetos e atravessamentos.”



Todos os projetos tinham também como demanda de retorno para a comunidade, de realizar atividades voltadas como contrapartida para o território. Assim, o projeto “Abayomi” desenvolveu vídeos formativos para serem publicizados nas redes sociais.

#### *BREVES RELATOS DO PROCESSO: POR ELES MESMO*

“O presente estudo tem por objetivo investigar a criação cênica, sonora e audiovisual a partir do Teatro de Animação, a fim de esboçar uma poética afro-centrada, em que as questões étnico-raciais possam ser comunicadas através do lúdico. A pesquisa ocorreu no período de cinco meses, entre outubro de 2020 a fevereiro de 2021, o qual foi dividida em quatro módulos, sendo eles: Teatro de Bonecos, Teatro de Máscaras, Teatro de Sombras e Teatro de Objetos. Dentre esses módulos, tivemos a realização de duas oficinas: Teatro Negro e Teatro de Formas Animadas na Cena Expandida. Como resultados, percebemos que pensar as relações entre nossas corpos e as materialidades do Teatro de Formas Animadas, tem nos levado a caminhos e encruzilhadas que apontam para várias possibilidades de composição de afropoéticas e afroludicidades.” Sistematização do processo de pesquisa.



UFC

FECOP

SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÔNIO



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

“De modo geral, o percurso da pesquisa tem se mostrado muito provocante, uma vez que o grupo não possui grande experiência prévia na área do Teatro de Animação. Logo, tudo tem se mostrado muito novo e isso vem gerando muitas reflexões e apontamentos para o andamento do projeto. O estudo reverberou em nós o desejo de continuar com pesquisas relacionadas tanto aos módulos que passamos, proporcionando um melhor aprofundamento em cada temática, como também investigar novas proposições que abordam o Teatro de Animação. Devido aos atravessamentos surgidos no módulo do Teatro de Objetos, nos sentimos instigadas a dar continuidade na pesquisa com uma ação performática por meio das redes sociais criadas pelo grupo, onde pretendemos fazer um “museu” de fotografias relacionadas aos objetos que narram nossa ancestralidade, e que, além de haver nossas proposições, pretendemos incentivar a participação do público nessa ação performática, em que eles também poderão narrar suas histórias por meio de fotografias dos objetos. A pesquisa despertou em nós o anseio de nos encontrarmos novamente, porém de forma presencial, para que possamos construir vivências e experimentos cênicos com o Teatro de Objetos a partir da provocação proposta no museu. Concluímos que enquanto grupo, temos o desejo de dar outras camadas e continuar criando caminhos para o quê aqui nesse laboratório de pesquisa teatral se iniciou.” Sistematização do processo de pesquisa.



É possível acompanhar o relatório de sistematização completo do projeto através do link:

[https://drive.google.com/file/d/1ATFq6zbcOHZ8cB\\_Z3\\_kA75sT1-ORVR7g/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1ATFq6zbcOHZ8cB_Z3_kA75sT1-ORVR7g/view?usp=sharing)

#### **5.4 PROJETO “TEATRO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS”**

*Integrantes:* Daniele Teotônio Gomes Bastos, Rodrigo Franklin Salviano de Carvalho e Vinícius Teixeira Martins

*Objetivo:* Nossa pesquisa visa articular o debate entre aspectos étnico-raciais e o teatro infantil, com o objetivo de investigar as formas de construção e fortalecimento da identidade de crianças negras. Além de apontar estratégias de desmonte das formas estruturais de se fazer e criar dramaturgias, buscando expandir os padrões e referências de identidade e diversidade no teatro.

*Finalização do Percurso:* O laboratório de pesquisa em teatro “Teatro e o Fortalecimento da Identidade de Crianças Negras” esteve no terceiro dia da Semana, “Influência e Impactos de Produtos Culturais Sobre Educação e Identidade.” O terceiro dia do evento juntava projetos que trouxeram o debate sobre o entrelaçamento entre Identidade e Produtos Culturais, se implicando nas discussões sobre a força das operações conceituais e técnicas, produzidas por grupos socialmente minorizados, no combate a práticas racistas ainda vigentes em nossa época. Todos os projetos tinham também como demanda de retorno para a comunidade, de realizar atividades voltadas como contrapartida para o território. Assim, o projeto “Fortalecendo a identidade” realizou duas vivências nas turmas de teatro e infância da professora Tatiane Sousa.

#### *BREVES RELATOS DO PROCESSO: POR ELES MESMO*

“O Laboratório de Pesquisa em Teatro nos proporcionou um reencontro com as nossas memórias da infância. Investigar e refletir sobre o racismo vivenciado por crianças negras, suas marcas de violência e o teatro como ferramenta de afirmação dessa identidade negra, também nos reconectou com opressões vividas durante aquele período da vida, com consequências na fase adulta. Durante nossos encontros remotos para estudar teorias, conceitos e categorias sobre infâncias, racismo, identidade, teatro, também realizamos reencontros com nós mesmas. Os registros que carregamos na memória de situações de racismo, homofobia e outras opressões vividas na infância, rebrotaram em nossas mentes e corações. As dores, decepções e indignação perante tantas injustiças em alguns momentos nos inundaram os olhos, os rostos, as mãos.” Iara Fraga- Mediadora





“Dessa forma, escolher a mitologia dos orixás como uma das bases de nossa dramaturgia é trazer sabedorias do povo negro que em partes se perdeu com o tempo, tendo as religiões de matriz africana afrobrasileiras como defensoras dessa sabedoria e memória, dessa memória que é também a busca pela história, pela re-existência, pela afirmação das identidades de crianças negras e assim tentar resgatar o encantamento da vida, trazendo novos olhares e responsabilidades com os sujeitos e com o mundo que vivemos, já que os Orixás detêm axés vinculados à natureza. É uma forma também de desmistificar e dismantelar o preconceito e a intolerância religiosa que as religiões afro-brasileiras enfrentam no Brasil, mostrar para as crianças uma cultura que é delas por direito.” Sistematização do processo de pesquisa.



É possível acompanhar o relatório de sistematização completo do projeto através do [link: https://drive.google.com/file/d/1yJ44DzP\\_MMK-5FFuAZumGL7rPYBG546s/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1yJ44DzP_MMK-5FFuAZumGL7rPYBG546s/view?usp=sharing)

## 5.5 PROJETO "ACROBACIA NA PALMA DA MÃO: EU, TU E NÓS"

*Integrantes:* Beatriz dos Santos, Gersonio de Souza e Juscelino Ferreira.

*Objetivo:* Investigar a junção da acrobacia e malabares solo, dupla e trio.

*Finalização do Percurso:* Este projeto desenvolvido na linguagem de circo, também participou do primeiro dia de culminância, junto com as linguagens de teatro e dança. Essa intersecção de linguagens se deu pelos objetivos das pesquisas terem

diálogos de aproximação. Como contrapartida, o projeto “Na palma da mão” realizou duas lives sobre processo formativo nas suas redes sociais.

### *BREVES RELATOS DO PROCESSO: POR ELES MESMO*

“A pesquisa “Acrobacia na palma da mão: Eu, tu e nós” foi pensada para compreender a relação entre as acrobacias em duplas, trios e o malabares, Da convergência dessas duas modalidades objetivamos correlacionar as técnica e treino de um corpo acrobático a manipulação de objetos, materiais visuais e práticas corporais ao longo dos cinco meses de imersão.

Iniciamos com o compartilhamento de experiências e ideias entre os três artistas envolvidos no processo, observando os domínios técnicos comuns entre o trio nas modalidades sugeridas ao processo, surgindo assim, pontos de partida para as experimentações, identificação de valências físicas importantes a serem melhoradas e possibilidades de criação cênica.” Sistematização do processo de pesquisa.



É possível acompanhar o relatório de sistematização completo do projeto através do link:

<https://drive.google.com/file/d/1X4w6TxqEvertSTfxpbyNwOjllHrmgnvKq/view?usp=sharing>

## 5.6 PROJETO “IMARGEM”

*Integrantes:* Yuri Juatama, Caroline Sousa e Matheus Dias

*Objetivo:* A pesquisa tem por objetivo o estudo de fotógrafes que estão produzindo à margem do campo das artes. Entendendo como margem uma área expandida que aglomera múltiplos olhares sobre tais como a margem territorial, margem de gênero, raça, sexualidade.

*Finalização do Percurso:* Durante a realização do projeto, podemos destacar uma experiência bem interessante e potente do ponto de vista metodológico, que foi o Laboratório de Fotografia ter articulado sua pesquisa com a realização de uma exposição por meio da Lei Aldir Blanc cujo campo abordado dialogava com o que estavam desenvolvendo no Laboratório: a Exposição Corpo-Carça, realizada no site do CCBJ: <http://corpocarcaca.centroculturalbomjardim.org.br/>. A não separação entre pesquisa e criação, estimulada também pela professora mediadora Ana Lira, aprofundou a pesquisa de *Imargem*, bem como a individuação do entendimento pessoal e único de como cada pessoa habita a margem (dentre as várias margens possíveis de serem compreendidas) reverberaram na pesquisa na fotografia que cada um(a) do coletivo cação então experimentava e ali expunha por meio de Corpo-Carça. Se no início do processo o grupo se propunha a mapear fotógrafes que habitavam a margem na cidade de Fortaleza, olhando para o externo, a pesquisa passou a ser voltada para cada um(a) do coletivo, o interno, mergulhando



sobre suas questões subjetivas, criativas, afetivas que moviam a cada um. Do externo ao interno, ou como trouxe Ana Lira em sua conversa final sobre o processo de mediação, sem separação entre ambos, citando Denise Ferreira da Silva, visto que o individual contém a manifestação do todo.

Destacamos ainda que foi nesse ciclo final do Laboratório, nos meses de janeiro a março de 2021, que o grupo realizou a oficina prevista:

- Oficina: Oficina de Curadoria - CURAR A IMAGEM, CUIDAR DOS SENTIDOS – perspectivas curatoriais e práticas artísticas desobedientes.

Professora Oficineira: Aline Furtado

Linguagem: Fotografia

Período: 14 a 21 de fevereiro de 2021.

Pesquisa: "Imagem: a fotografia insurgente de Fortaleza"

Ementa: A oficina tem como objetivos estudar e ampliar repertórios sobre formas de expor e vivenciar a arte, focando, entretanto nas curadorias em disputas, estudos e práticas curatoriais de pessoas negras e indígenas (entendendo que essas autorias são marcadas por raça, classe social, gênero, relações de fricção étnico-raciais). Tem como ponto de partida as seguintes questões: para o quê uma curadoria? Quem faz curadoria hoje no Brasil? No Ceará? Como construir estratégias de aproximação sem repetir o gesto da pacificação canônica? Como realizar curadorias colaborativas e horizontais? Além disso, pode-se dizer que se é certo que a arte discursa, é preciso saber sobre o quê e para quem ela está construindo suas narrativas discursivas. As provocações são condutoras das leituras teóricas e imagéticas a serem abordadas nesta oficina. A partir de textos, trabalhos e práticas artísticas de grupos| coletivos| artistas de territorialidades distintas, olhar-se-á para a curadoria enquanto prática, pensamento e desobediência. Com carga-horária de 20h, distribuída em encontros online e apontamentos teóricos e práticos pelas|os participantes.

É possível acompanhar a sistematização da pesquisa do grupo no links a seguir:



Imargem (Fotografia): Podcast disponível em <http://bit.ly/Imargem>

## 5.7 PROJETO “LIBERTA”

*Integrantes:* Beatriz Cortez, Lara Nicolau e Lídia dos Anjos

*Objetivo:* O objeto de pesquisa para roteiro da obra audiovisual, “LIBERTA” é a experiência de mulheres que, em algum momento, precisaram reagir com violência para serem ouvidas. Casos reais onde a reação à violência contra a mulher é também violenta e criminalizada, a despeito da prerrogativa de legítima defesa.

*Finalização do Projeto:* Apesar de todas as dificuldades que foi a realização do projeto, pelos motivos já explanados, tivemos o desenvolvimento de projetos com muita potência. O “Liberta”, assim como outros projetos, também receberam sua oficina no mês de fevereiro.

Oficina: Como desenvolver pesquisa no campo da violência contra a mulher ?

Professora Oficineira: Instituto Negra do Ceará (Inegra) - Sarah Nobre

Linguagem: Audiovisual

Período: 10 a 16 de fevereiro de 2021.

Pesquisa: "Liberta"

*Ementa:* Apresentação do Instituto Negra do Ceará, a partir dos relatos das experiências, das vivências e afetações. Introdução do tema a partir da vivência do encarceramento e suas correlações com as temáticas raça e gênero, evoluindo para a questão do abandono, das violências e subjetividades, mostrando a necessidade de semear vínculos – regar afetos e colher confiança – para resgatar a perspectiva de humanidade das pessoas encarceradas e estabelecer possibilidades que



fomentem os processos de que as pessoas que lá vivem embora estejam custodiadas são sujeitas de suas vidas.

É possível acompanhar a sistematização da pesquisa do grupo no link a seguir:

Liberta (Audiovisual): Relatório do processo disponível em <http://bit.ly/LibertaCCBJ>

## **5.8 PROJETO “QUESTÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO E DO CONSUMO DE IMAGENS DE CORPOS NEGROS NO CINEMA BRASILEIRO”**

*Integrantes:* Tom Eveney, Beatriz Lizavieta e Leon Reis.

*Objetivo:* A presente pesquisa visa articular conceitos sobre as relações estabelecidas entre obra e espectador (identificação, sentimentos, sensações etc), percebendo como isso se dá a partir da forma e do fazer fílmicos (roteiro, direção, montagem). Ao mesmo tempo, busca discutir criativa, política e economicamente como o engajamento ou não de sujeitos/as negros/as influencia, direta ou indiretamente, na obra. Por fim, se propõe a trazer à tona narratividades não-hegemônicas advindas desses indivíduos.

*Finalização do Projeto:* Uma das últimas atividades em realização do projeto, a oficina aconteceu em março de 2021, como descrito abaixo:

- Oficina: Curadoria e representação de negros no cinema: aproximações conceituais, históricas e práticas

Professora Oficineira: Mariana Queen

Linguagem: Audiovisual

Período: 22 a 27 de março de 2021.

Pesquisa: "Questões acerca da construção e do consumo de imagens de corpos negros no cinema brasileiro"



Ementa: O que está em jogo nas formas de dar a ver e de ver personagens mulheres (e) negras em obras audiovisuais? Representação e representatividade em obras audiovisuais (e na realidade em que vivemos) são a mesma coisa? O que é imaginário? O que obras audiovisuais têm a ver com imaginários, identidades e a realidade em que vivemos? Até que ponto as obras audiovisuais implodem, recriam, refletem, refratam ou se acomodam aos significados das imagens-signos da realidade vivida por nós? Qual o histórico da circulação de imagens em movimento dentro dessa dinâmica? Qual o histórico papel dos curadores e da curadoria também dentro disso? Na tentativa de responder a essas questões, a oficina irá explorar a história da construção e circulação de corpos de pessoas negras no mundo ocidental e sua relação com a história do cinema. Serão propostas reflexões sobre a relação entre os históricos circuitos de produção e circulação de imagens cinematográficas que representaram corpos negros no ocidente e os estudos e pensamentos sobre curadoria cinematográfica e sobre o papel dos curadores na promoção de circulação de imagens em movimento.

É possível acompanhar a sistematização da pesquisa do grupo no link a seguir:

[Questões acerca da construção e do consumo de imagens de corpos negros no cinema brasileiro \(Audiovisual\): Sistematização da pesquisa disponível em <http://bit.ly/SistematizacaoLabAudiovisual>](http://bit.ly/SistematizacaoLabAudiovisual)

## 5.9 PROJETO “ARTE AFRO-PRESENTE”

*Integrantes:* Paula Paulino, Camila Rafael e Sereia.

*Objetivo:* Arte AfroPresente é uma pesquisa qualitativa que investiga as memórias que constituem a musicalidade negra-africana na diáspora cearense através de suas manifestações culturais.

*Finalização do Projeto:* Os projetos seguiram em desenvolvimento e com muita potência e de uma maturidade epistemológica. O projeto *Arte Afro-Presente*, no



mês de janeiro, encadeou uma série de entrevistas com elementos e agentes do foco de pesquisa; as pesquisadoras realizaram durante 02(duas) semanas os eixos imersivos com as oficinas de Roberta Kaya (Musicista/Arte Educadora) e Taylhanía Belmino (Educadora Afro-Comunitária). Estas formações atravessaram eixos de pesquisa com uso e manipulação de softwares, afro-futurismo, pontes criativas e escritas lítero-africanas. Os planos de trabalho destas ações criaram pontes de continuidade para uma aproximação entre os laboratórios e suas pesquisas.

Precisamos para as próximas edições; alinhar as questões administrativas e suas nuances para um suporte na realização dos vídeos de registro como documento institucional. Por mais que seja necessário uma autonomia das pesquisas para o desenvolvimento dos trabalhos. Porém, é interessante a instituição criar este arquivo e memória das produções desenvolvidas e produzir formas de escoamento destes bens simbólicos e culturais.

### **5.10 PROJETO “MULHER, CONTA TUA HISTÓRIA”**

*Integrantes:* Ligia Alves, Amanda Bessa e Amanda Fideles.

*Objetivo:* A música é um nicho vocacional do bairro Conjunto Palmeiras. E este, além de ser um celeiro de mulheres musicistas também é exportador de artistas. Assim, é preciso e urgente a produção de um conhecimento auto reflexivo, produzido por mulheres, sobre o potencial e a origem deste fenômeno, traçando trajetórias de vida de mulheres musicistas do bairro, como estratégia de verificação da hipótese levantada, de buscar pistas de entendimento acerca deste vetor recorte em gênero no meio cultural e artístico local e forma de valorização e de respeito às trajetórias de vida como resistências femininas.



**Finalização do Projeto:** Na ideia e construção de saberes coletivos e comunitários; o projeto de pesquisa *Mulher, conta tua história (Coletivo Batuque de Mulher)* desenvolveu uma pesquisa focada na invisibilização da história de mulheres musicistas e artistas do Conjunto Palmeiras (o projeto que conta com 15 mulheres). A fase de transcrição das entrevistas exigiu das pesquisadoras uma articulação e ofício que necessita de tempo e dedicação para um resultado de fichamento qualitativo. Nessa perspectiva, realizamos encontros com as orientadoras que nos elucidaram novas perspectivas da importância da continuidade de pesquisa quanto fator predominante de articulação comunitária de pesquisa. Criamos uma espécie de monitoramento de iniciativas e instituições que financiam pesquisas, fundos de financiamento cultural, convocatórias, projetos e editais. Com estes encontros, alinhamos os planos de trabalho para finalização/abertura de processo criativo da pesquisa e dos projetos que foram finalizados em fevereiro de 2021.

Durante o mês de fevereiro, os laboratórios de pesquisa do eixo de formativo do Centro Cultural Bom Jardim seguiram na tessitura e na realização de suas atividades finais de concretude da pesquisa. Os símbolos aplicados para estudos, compreensões, cosmologias e afetos aplicados para estes trabalhos de 05(cinco) meses revelaram fortalezas de pensamento e de um aprofundamento afro-gráfico documental e de cartografias de território e atuação de mulheres da cidade de Fortaleza (Ceará).

Os projetos: “*Mulher, conta tua história!*” e “*Arte-Afro Presente*” ambos distintos em seus processos criativos e de pesquisa revelaram construções simbólicas e criativas. Como relata, na apresentação: “...temos a experiência de nos formarmos como mulheres pesquisadoras como uma das ações previstas no projeto”. No



projeto “*Mulher, conta tua história!*”, as integrantes do grupo eram entrevistadoras e algumas inclusive viveram também o locus de entrevistadas. “Fortalecer a união e a ação coletiva é nosso profundo aprendizado até então”, relata Ligia, integrante do grupo de pesquisa, sobre a experiência do grupo durante o projeto. As ampliações do projeto seguiram nesse mês de fevereiro nos fechamentos das ações propostas; realizamos as leituras dos artigos e das observações produzidas em vídeo-documental (percebe-se um protagonismo territorial das produções e dos agentes pertencentes a estes espaços).

Em março, tivemos a formação de partilhas dos Laboratórios de Pesquisa em Música. 2020/2021 ; estas ações foram compostas por explanações dos ciclos de 05(cinco) meses das pesquisas e os projetos apresentaram em destaque os artigos científicos, cartografias e recortes dos percursos estabelecidos nas pesquisas. Neste último mês de ações, realizamos o Ciclo Cosmologia Africanas (edição: 02) com a pauta: Tecnologias Afro Referenciadas para a Pesquisa em Música; com as orientadoras Lu Ain-Zaila (Nova Iguaçu/RJ) e Patrícia Bittencourt (Fortaleza, Ceará). Com base em uma perspectiva de afrografias e de investigações afro históricas; o encontro realizado pelas 02(duas) pesquisadoras teve como propósito o desenvolvimento de referenciais epistemológicos e estratégias que passam pelo exercício da escrita; cartografias sociais; memória oral (cantos, toques e músicas); partilhas estéticas afro centradas e tecnologias ancestrais (na escrita e nos sons).

As artistas e pesquisadoras colaboraram no desenvolvimento e acompanhamento pedagógico como orientadoras dos projetos do Laboratório de Pesquisa em Música do Centro Cultural Bom Jardim/CCBJ. Neste encontro, foram apresentadas as metodologias e os diálogos aplicados nos dois processos de pesquisa.



## 5.11 PROGRAMA DE PESQUISAS COLABORATIVAS VIRTUAIS DO MUSEU DOS KANINDÉ: 25 ANOS EDUCANDO GERAÇÕES

*Integrantes:* Suzenalzon Kanindé, Nilton Kanindé e Samuel Gomes,

*Objetivo:* Identificação, desenvolvimento de práticas, metodologias e mecanismos voltados a sistematização e ao aperfeiçoamento metodológico, didático e pedagógico de um conjunto de ferramentas, estratégias e ações (analógicas e virtuais) que visem associar a gestão colaborativa digital de acervos indígenas à construção de narrativas transmídia, através da apropriação inovadora de ferramentas, práticas e conceitos inerentes a cultura digital a partir de conteúdos vinculados ao território, à memória e aos conhecimentos tradicionais, em diálogo com os processos museológicos e educacionais promovidos por meio de uma pesquisa colaborativa desenvolvida com integrantes da 3ª geração de monitores/as do Museu dos Kanindé junto à população indígena do Sítio Fernandes, zona rural de Aratuba, Ceará, com o objetivo de fomentar ações estruturantes para a criação do Núcleo de Tecnologia da Informação do Povo Kanindé (NUTIK);

### Finalização do Projeto:

Para comunicar melhor a dimensão do processo de finalização da pesquisa do Laboratório de Cultura Digital, abaixo será reproduzido na íntegra o último Relatório de Atividades do Professor Mediador Alexandre Oliveira Gomes.



<b>Curso:</b> Laboratório de Pesquisa em Cultura Digital	<b>Período:</b> Fevereiro/2021
<b>Professor:</b> Alexandre Oliveira Gomes	

<b>Relato da Ação</b>	<p>Este relatório parcial descreve as atividades finais de orientação desenvolvidas pelo professor-mediador Alexandre Oliveira Gomes durante o mês de Fevereiro de 2021, em âmbito do Projeto <b>“Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações”</b>, que compôs o Laboratório de Pesquisas do Centro Cultural Bom Jardim – CCBJ, ano 2020, na Linguagem Cultura Digital, cuja investigação foi realizada entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021.</p> <p>O mês de Fevereiro caracterizou-se pelo encerramento da pesquisa, constituindo a terceira e última etapa no processo de orientação da investigação em curso sobre gestão colaborativa de acervos indígenas em diálogo com a Cultura Digital e com as Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC’s).</p> <p>O povo Kanindé tem um histórico de décadas de mobilização junto a grupos populares rurais e indígenas no Estado do Ceará, protagonizando processos de auto-organização comunitária desde os anos sessenta. A experiência desenvolvida no âmbito da memória, da educação e da museologia indígena já possui 26 anos e o Museu dos Kanindé é hoje uma referência estadual e nacional no que se refere aos usos do patrimônio cultural em defesa do território e da afirmação étnica. Há dez anos desenvolvem processos formativos com jovens, por meio do Núcleo Educativo-Pedagógico do museu, criado em julho de 2011. Como participantes do grupo, estudantes da escola indígena vivenciam processos formativos contínuos como monitores/as do museu. Assim, o Museu Kanindé e a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, com perspectivas pedagógicas diferenciadas e contextualizadas cada qual a seu modo – atuando na alfabetização museológica e escolar, em parceria com a Associação Indígena Kanindé de Aratuba/AIKA, configuram o contexto local onde a pesquisa se desenvolveu.</p> <p>A pesquisa teve como foco principal a gestão colaborativa de acervos indígenas e o diálogo com a Cultura Digital e Tecnologias da Comunicação e Informação (Tic’s). Nesse período, identificamos e desenvolvemos práticas, ferramentas e mecanismos voltados à sistematização e ao aperfeiçoamento metodológico, didático e pedagógico de um conjunto de estratégias e ações, presenciais e virtuais, com tecnologias analógicas e digitais, que visam associar a gestão colaborativa digital de acervos indígenas à construção de narrativas transmídia. Pesquisamos conteúdos e acervos vinculados ao território, à memória e aos conhecimentos tradicionais, em diálogo com os processos museológicos e educacionais promovidos com integrantes da 3ª-geração de monitores/as do Museu dos Kanindé, com o objetivo de fomentar ações estruturantes</p>
-----------------------	---

para a criação do Núcleo de Tecnologia da Informação e Cultura Digital do Povo Kanindé (NUTIK) – apoiando diretamente o planejamento das ações do Programa de Formação Continuada de Monitores/as do Núcleo MUKA – Museologia Kanindé.

As atividades continuaram sendo realizadas de modo remoto, utilizando a conexão com a internet desde a qual os pesquisadores se comunicaram através de plataformas de troca instantânea de mensagens e de realização de videoconferências, principalmente o Google Meet, o Whats'App e o Telegram. As reuniões virtuais realizadas foram de dois tipos:

- i. Reunindo os integrantes da equipe, individualmente com o professor mediador e em grupo;
- ii. Reunindo os integrantes da equipe e os/as gestores/as do CCBJ.

Na reta final da pesquisa, demos andamento à discussão interna sobre a viabilidade de realização da agenda de atividades planejadas para o mês de fevereiro, conforme relatório anterior, referentes à agenda de pesquisas virtuais colaborativas desde a integração entre os 3 eixos de pesquisa, junto aos/às jovens monitores/as do Núcleo MUKA.

Considerando uma série de fatores, a partir de dois pressupostos: que os significativos avanços da pesquisa até fevereiro já foram satisfatórios para os objetivos do Laboratório; e a continuidade e agravamento do contexto pandêmico em curso; optamos por não realizar estas atividades em fevereiro. Além disso, o início das aulas na escola indígena e a confluência da execução de diversos projetos pelo povo Kanindé, principalmente os que foram aprovados em âmbito da Lei Aldir Blanc, propostos institucionalmente pelo Museu dos Kanindé e pela Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – nos quais membros da equipe estão diretamente envolvidos – obrigaram-nos a revermos nosso cronograma de ações para o mês de fevereiro.

Com esta decisão, a continuidade das ações do Programa de Pesquisas Virtuais Colaborativas do Museu dos Kanindé serão fundidas, de fato, nos meses seguintes, às atividades do Programa de Formação Continuada do Núcleo MUKA – Museologia Kanindé, que foram iniciadas formalmente no dia 10 de março de 2021.

### **Ações realizadas**

Assim, as ações realizadas em fevereiro tiveram ênfase no planejamento e execução das seguintes atividades:

- i. A ação formativa com a profa. oficinaira, a jornalista Daniele Melo, intitulada “Comunicação Comunitária e Tecnologias da Informação”, para a qual realizaram-se reuniões de trabalho dela com o grupo de pesquisadores e entre o grupo, a ministrante e os gestores do CCBJ;



ii. Preparação da equipe para a participação na “Semana de Culminância do 3o- Laboratório de Pesquisa em Artes do CCBJ/2020-2021”, que aconteceu entre 3 e 5 de março de 2021, transmitida pelo canal do youtube da instituição.

Nessa atividade que encerrou formalmente o laboratório, a equipe de pesquisadores compôs a programação da Cena 3, realizada no dia 4 de março às 19hs, intitulada “Influência e impacto de produtos culturais sobre educação e identidade”, junto a mais dois outros grupos de pesquisadores/as.

Com o objetivo de realizar a preparação para a participação nesta atividade, realizamos uma discussão coletiva através de mais um exercício metodológico colaborativo proposto pelo professor mediador, que objetivou sistematizar questões centrais da pesquisa, iniciar a avaliação do processo e sintetizar tópicos principais, a partir das perspectivas de cada pesquisador e a confluência entre estas - para serem apresentadas pelo grupo na live de encerramento do laboratório.

Este exercício metodológico foi realizado a partir das seguintes etapas:

i. Individualmente, cada pesquisador e também o professor mediador, apontamos os seguintes aspectos em relação ao desenvolvimento da pesquisa: pontos fortes, conquistas e desafios;

ii. Posteriormente, as questões postas individualmente foram sistematizadas em um quadro – que encontra-se em anexo e cujas questões apontadas também foram refletidas para a elaboração deste relatório, desde a perspectiva do professor mediador;

iii. A reorganização das questões e sua textualização, sendo este material utilizado como base para a apresentação oral na videoconferência.

Para representar o grupo, foi escolhido o pesquisador Nilton Kanindé, que juntamente com Samuel Gomes e Nalson Kanindé, participaram da live de encerramento.

De fato, o texto “**Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações - Detalhamento do Plano de Pesquisa por Eixo Temático**” (121 páginas, ilustrado, em formato PDF), finalizado ainda em janeiro, constitui o principal resultado da pesquisa, conforme descrito no relatório anterior, no qual ele constou como anexo.

O documento é constituído por uma parte inicial, na qual apresentamos o texto e discorremos sobre a plataforma digital “Aquilo é uma Coisa de Índio” e o “Núcleo de Tecnologia da Informação e Cultura Digital Kanindé/NUTIK”; as ações do “Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé” e o diálogo com o Centro de Cultura do Bom Jardim; Objeto de Pesquisa; Eixos temáticos, linhas de pesquisa e aspectos metodológicos gerais; Sujeitos, Territórios e

	<p>Instituições: entre os Kanindé de Aratuba e as populações do Grande Bom Jardim; Dinâmica e funcionamento da comunidade de aprendizagem do grupo de pesquisa; Comentários sobre o exercício metodológico para a construção coletiva do plano de pesquisa; e Orientações Finais.</p> <p>Na segunda parte do documento, constam os 3 planos de pesquisa na íntegra, por eixo temático. São eles:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Museu dos Kanindé: Narrativas da Memória e Consciência Étnica</b> - Plano de Pesquisa do Eixo Temático Museus Indígenas/Processos Museológicos Indígenas, Suzenilson da Silva Santos;</li> <li>• <b>Memórias, Narrativas e História da Educação Escolar Indígena Kanindé</b> - Plano de Pesquisa do Eixo Temático Escola Indígena/Processos de Escolarização Indígenas, Antonio Nilton Gomes dos Santos;</li> <li>• <b>Contracultura Digital, Gestão Virtual de Acervos Comunitários e Redes Comunitárias de Comunicação Autônomas</b> - Plano de Pesquisa do Eixo Temático Cultura Digital, Samuel Oliveira Gomes.</li> </ul> <p>O “Cronograma Conjunto” de ações, que não foi executado, será reelaborado e realizado em um período mais longo de tempo junto aos/às jovens integrantes da 3ª- geração de monitores/as do Museu dos Kanindé, como atividades integradas ao <b>“Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações”</b>.</p> <p>O documento estabelece uma ampla agenda de trabalhos e pesquisas que, além de fundamentado teórico-metodologicamente a partir da convergência de 3 projetos temáticos de investigação, resultou de um amplo processo de pesquisa interdisciplinar, cujo aspecto em comum são as questões da Cultura Digital e das Tecnologias de Informação e Comunicação. Além disso, o amadurecimento de um exercício metodológico colaborativo original, próprio e inovador, merece destaque nesse processo avaliativo do percurso desenvolvido junto à equipe de bolsistas-pesquisadores como integrantes do LAB Pesquisa em Artes CCBJ 2021.</p>
--	---

<p><b>O objetivo da ação foi alcançado? Justifique.</b></p>	<p>Sim, o objetivo da pesquisa foi plenamente alcançado.</p> <p>Como trata-se aqui do último relatório, procederemos a uma avaliação do processo de pesquisa, desde a ótica do professor mediador, com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento do Laboratório de Pesquisa em Artes do CCBJ, por parte dos gestores do equipamento público cultural desde a experiência desta investigação particular sobre Cultura Digital como campo artístico, efetuada desde uma equipe mista - 2 indígenas e 1 não-indígena</p>
---	---

– mas que voltou-se à uma pesquisa cujo escopo era um povo e um território étnicos no Estado do Ceará.

Entre os pontos fortes de nosso processo, destacamos os seguintes aspectos:

- Interdisciplinaridade, transitando pelos campos da Museologia, da História, das Artes, da Educação e da Cultura Digital, entre outros;
- Troca de experiências e saberes entre os integrantes da equipe;
- Amadurecimento individual e coletivo dos pesquisadores no curso do processo;
- A construção de uma proposta que será executada e maturada em médio/longo prazo, cujo resultado mais imediato é constituído de um material denso e complexo;
- A construção de espírito e sentimento de grupo/coletivo, que aconteceu ao longo do percurso da pesquisa, marcado pelo surgimento de laços de solidariedade que foram nutridos por meio da busca de compreensão das diferenças internas entre os membros do grupo.

Não há pontos fracos na pesquisa desenvolvida. As dificuldades foram encaradas como desafios, e dentre estes, destacamos os seguintes:

- Realizar a pesquisa em um contexto de pandemia;
- Articular os diferentes tempos e ritmos de pesquisa e maturação do processo investigativo de cada integrante, instituindo uma agenda comum de trabalhos, considerando a individualidade, as aptidões e habilidades de cada qual, mas sem perder de vista a necessária coletividade do percurso, em consonância com a proposta do LAB Pesquisa em Artes do CCBJ;
- Manter a continuidade/regularidade dos encontros virtuais e das ações de pesquisa, evitando a dispersão do grupo, em um momento de instabilidade em diferentes aspectos – políticos, econômicos, sociais e de saúde pública – que tiveram impacto direto na execução da investigação em diferentes aspectos, individual e coletivamente;
- Associar um percurso de pesquisa como parte de processos de formação dos bolsistas enquanto pesquisadores.

## Considerações Avaliativas Finais

O processo coletivo vivenciado pela equipe foi marcado por intensos 5 meses de pesquisa e ação cultural, artística e educativa, como participantes do laboratório de pesquisa do CCBJ.

Através da inserção em um contexto que vem consolidando um novo momento na apropriação de elementos das artes e culturas digitais no horizonte étnico dos Kanindé, surgiram as ideias que originaram o projeto “Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações”.

A contribuição deste percurso investigativo está para muito além de uma simples pesquisa. Nossa maior conquista relaciona-se com o fortalecimento do projeto de bem-viver dos povos indígena no Brasil e no mundo. Um projeto de vida, de vidas, de coletividades étnicas ancestrais cujas vivências remetem à história da presença da humanidade no planeta Terra. Um projeto de construção de sociedades globais diversas e plurais, mas que dentre essas diferenças um aspecto em comum seja a relação mais respeitosa com a natureza, a Mãe-Terra/Pachamama, com os seres vivos e com aqueles que habitam outras dimensões, no mundo espiritual.

Em 1995, o Museu dos Kanindé foi aberto à população do Sítio Fernandes, atuando no sentido de criar um novo mundo, a partir da narrativa de uma nova história. História que bebe na fonte da oralidade, desde a sabedoria de seu fundador, o Cacique Sotero, mestre da museologia indígena. O museu, portanto, como espaço de afirmação étnica, foi o ponto central de onde partiram nossas ações, que relacionaram museu, escola e cultura digital com a intenção de atuar na formação de jovens multiplicadores de saberes e conhecimentos.

Sem dúvidas, o maior desafio colocado nesse processo foi realizar a pesquisa frente a pandemia do coronavírus e em meio a uma política de um governo genocida, cujas investidas sobre os povos indígenas são flagrantes, descaradas e constituem sérios crimes contra a humanidade. A necropolítica em curso não atinge somente os povos indígenas, mas a toda a população brasileira, principalmente as classes populares e os grupos étnicos.

Como fazer arte, em um momento de crise planetária universal, dos valores e modos de vida da sociedade capitalista de mercado e em um país que vivencia uma grave crise política, econômica e social?

**Fazer arte, nesse contexto, é um ato de resistência.**

O caráter interdisciplinar, a troca de experiências e saberes entre os pesquisadores e destes com o professor mediador, o amadurecimento coletivo – que reflete também na intenção da proposta que construída ser executada e maturada em médio e longo prazo, destacaram-se em nossa percepção do processo.

Tivemos que nos readequar as novas rotinas e 'modos de fazer' remotos, com todos os cuidados necessários. Essas alterações e limitações, que abalaram todo o mundo, foram superadas devido ao entrosamento, o conhecimento e a compreensão mútua entre a equipe. Em determinados momentos, a mediação se deslocou da pesquisa para o terreno das relações interpessoais, o que permitiu uma mais profunda aproximação com cada pesquisador, desde seus pontos de vista, dificuldades, habilidades, potenciais e saberes.

O aspecto comum às pesquisas do CCBJ deste LAB foi acontecerem durante a pandemia. Como nos demais grupos, creio, constituiu um tempo de muitos aprendizados e desafios.

É necessário estabelecer uma relação mais direta entre ações culturais e ações educativas, considerando que a Cultura Digital permite possibilidades variadas à interdisciplinaridade e a infinita intersecção entre as várias linguagens artísticas e formas de expressão. O apoio do CCBJ, no sentido de continuidade desta parceria com a ação cultural-educativa do Museu dos Kanindé, é fundamental para o sucesso do Programa de Formação que iniciou-se.

Foi estabelecida uma ótima relação com o CCBJ, cuja interlocução se deu diretamente por meio do diálogo com o supervisor de Cultura Digital, Diêgo Barros, cujo apoio, dedicação, competência e presteza merecem destaque. Mas é preciso avançar nesse diálogo. O aporte institucional do CCBJ se deu por meio do acompanhamento e colaboração em todas as etapas do processo.

O sucesso da execução desta proposta, em nossa perspectiva, também fortalece a presença e participação indígena nos LAB's de Pesquisa do CCBJ. Essa participação indígena nos programas e projetos da instituição precisa se ampliar e diversificar, tendo em vista a importância e protagonismo indígena no campo artístico-cultural e a diminuta oferta de ações adaptadas às especificidades destas populações.

A pesquisa está em pleno curso, portanto, consideramos que ela não terminou com o fim do laboratório. Ela continua porque é parte da vida e do projeto étnico-político do povo Kanindé, materializando processos contínuos de reinvenção dos saberes herdados dos antepassados e se conectando com outros processos que vem sendo vivenciados desde julho de 2020, como a participação da mesma equipe no laboratório criativo junto a Vila das Artes e os projetos aprovados em âmbito da Lei Aldir Blanc – que estão sendo executados entre janeiro e março.

De maneira mais ampla, a pesquisa se insere com os processos museológicos autônomos surgidos entre o povo Kanindé, sob a liderança política do cacique Sotero e de seu irmão, Cícero Pereira, fazendo parte do processo histórico de mobilização, lutas e organização social do Povo Kanindé. Um dos avanços locais das ações foi a ampliação da importância da Cultura Digital nos processos de aprendizagem dos Kanindé. A pesquisa constituiu um alicerce vigoroso para o projeto de formação da nova geração do núcleo educativo.

	<p>O ato de pesquisar, em si, se constituiu como a grande conquista: a produção de conhecimento e arte desde a perspectiva indígena, avançando na construção de um projeto de uma investigação participativa desde metodologias articuladas às formas de vida Kanindé.</p> <p>Assim, com o material produzido é possível a constituição de materiais didáticos e ambientes virtuais com o intuito de explorar as ferramentas digitais como subsídios para as ações educativas no museu e na escola. É fato que não conseguimos realizar tudo o que planejamos, em especial, as pesquisas de campo na aldeia. Mas, ao contrário do que se pode pensar em um primeiro momento, isso nos permite avaliar de outro modo, acreditando que estamos no caminho certo: a pesquisa processual e a ação transformadora da arte são permanentes nessa realidade.</p> <p>Em relação aos avanços no campo da cultura digital, destacamos o amadurecimento em curso de processos de gestão colaborativa de acervos digitais em âmbitos comunitários, articulados a percursos criativos para a criação de narrativas por meio das quais se dá a apropriação tecnológica de ferramentas e a concepção de ambientes virtuais. Esse campo de pesquisa anuncia novas ações, em diálogo com outras experiências e sujeitos/coletividades, sobre as redes comunitárias de comunicação, tendo em vista a contracultura digital apropriada desde o horizonte indígena específico do povo Kanindé.</p> <p>Durante 5 meses, tendo em vista os desafios que superamos, construímos um espírito e sentimento coletivo de grupo, em que uma palavra pode ser usada para resumir o que foi preciso exercitar mais e mais a cada dia, frente as dificuldades que se impuseram em nosso caminho: solidariedade. Foi por meio da solidariedade e da ajuda mútua que o grupo conseguiu superar desafios aparentemente incontornáveis e buscar de compreensão das diferenças internas entre os integrantes.</p> <p>Os Kanindé, no LAB de Pesquisa em Artes do CCBJ representou a força da presença indígena, como protagonistas da história do Ceará e fazedores de arte e cultura.</p> <p>Como povo Kanindé, falaram em nome dos povos indígenas do Brasil e do mundo.</p>
--	---

<p><b>Observações/ Sugestões</b></p>	<p>Em anexo, encontram-se:</p> <p>1. O documento <b>“Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações - Detalhamento do Plano de Pesquisa por Eixo Temático”</b> (121 páginas, ilustrado, em formato PDF).</p> <p>Acesse:  <a href="https://drive.google.com/file/d/1hRjo1TmagP7a6BvZggqNBRX05RxK02aa/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1hRjo1TmagP7a6BvZggqNBRX05RxK02aa/view?usp=sharing</a></p>
--	--

2. O documento “**Pontos fortes, conquistas e desafios**”, de caráter avaliativo, cuja autoria é coletiva, de Antonio Nilton Gomes dos Santos, Samuel Oliveira Gomes, Suzenilson da Silva Santos, Alexandre O Gomes.

Acesse:

[https://drive.google.com/file/d/1LlnYNQIJyhitF2VSzMUdw-zb\\_QAquchHG/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1LlnYNQIJyhitF2VSzMUdw-zb_QAquchHG/view?usp=sharing)

Em acordo com o que foi apresentado pela pesquisa e sua importância, neste e nos relatórios anteriores, tanto do professor mediador quanto dos pesquisadores, sugerimos para os/as gestores/as do CCBJ que:

**1. Seja criada uma linha/programa de ação, incentivo e apoio especialmente dedicada para pesquisas em artes dos povos indígenas, de caráter transversal e multilinguagens, que fomenta a experimentação e a fusão de formas de expressão, com atenção para a presença e as artes indígenas em centros urbanos e composta por, pelo menos, dois projetos contemplados para cada edição do laboratório.**

**2. Nos demais programas do CCBJ, em especial, nos Eixos Formativos e nos Programas Permanentes, seja dada uma atenção especial e diferenciada aos povos indígenas do Estado do Ceará, estimulando a sua presença e participação de modo contínuo e diverso em todas as ações do CCBJ.**

Ademais, agradeço fortemente à toda a equipe do CCBJ pela parceria nestes 5 meses, em especial, ao Diêgo Barros e ao Joaquim Araújo.

*Vida longa ao CCBJ!*

*Vida e Saúde junto com os Povos Indígenas!*

Fortaleza, 11 de Março de 2021



## 5.12 CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS PERIFÉRICAS DAS JUVENTUDES DO GRANDE BOM JARDIM

*Integrantes:* Igo Aguiar, Ana Livia e Tadeu Lucas.

*Objetivo:* Práticas culturais dos coletivos juvenis da periferia do Grande Bom jardim (GBJ) em Fortaleza. Contempla o GBJ os bairros: Bom Jardim, Siqueira, Granja Lisboa, Granja Portugal e Canindezinho. Pergunta de Partida: Como são vivenciadas as práticas culturais dos coletivos juvenis na periferia do Grande Bom Jardim? Quais são as práticas culturais produzidas pelos coletivos juvenis? Como os coletivos juvenis legitimam uma identidade periférica? Campos investigativos: cultura juvenil e suas relações com os estudos decoloniais, estudos subalternos, interseccionalidade e estudos afrodiasporicos.

### Finalização do Projeto:

Para comunicar melhor a dimensão do processo de finalização da pesquisa do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, abaixo será reproduzido na íntegra o quinto e último Relatório de Atividades dos pesquisadores Igo Aguiar, Ana Livia Maciel e Tadeu Lucas Filho. O grupo teve como Professora Mediadora Edivânia Marques.

<b>Ação:</b> Laboratório de Pesquisa CCBJ 2020 – Segmento <i>Memória e Patrimônio Cultural</i>
<b>Nome do Projeto:</b> Cartografia Social de Práticas Culturais Periféricas das Juventudes do Grande Bom Jardim
<b>Período:</b> Fevereiro/2021



## **Relato do processo de pesquisa desenvolvida no período**

Durante o último mês deste processo de pesquisa, realizamos o trabalho de tabulação e análise dos dados da pesquisa, sejam do eixo I (formulário do Google Forms) e do eixo II (Grupos Focais). Também realizamos a devolutiva pública do processo de elaboração da cartografia social com os coletivos/grupos/movimentos sociais que participaram da atividade presencial no CCBJ no mês de Janeiro de 2021. Neste último mês, nos debruçamos em tratar os dados apurados, discussão das propostas de criação e veículos de distribuição dos produtos da pesquisa.

No primeiro momento, referente ao eixo I, tratamos de tabular os dados do formulário Google Forms. Com isso, realizamos reuniões de supervisão com capacitação sobre a manutenção metodológica do tratamento de dados para o software SPSS - versão 21. Este programa estatístico nos auxiliou na análise de medida descritiva básica e confecção dos gráficos de pizza necessários para entendermos os resultados deste eixo. Tivemos uma oficina com uma colaboradora, Depois da tabulação dos dados e processamento do software, inserimos as informações analíticas no E-book compondo, assim, o formato de um capítulo explicativo parcial do processo de pesquisa desenvolvido.

Em segundo momento, realizamos a finalização da transcrição das entrevistas de grupo focal referente ao eixo II, cujo início se deu no mês de Janeiro. Após isso, foram realizadas supervisões de apresentação das transcrições e discussão dos trechos selecionados que vão compor os capítulos sobre os coletivos/grupos/movimentos sociais referente ao processo analítico de escuta e correlação da cartografia social das práticas culturais executadas por estes coletivos. Estes encontros e momentos de análise foram importantes para gerenciar as informações relevantes e sistemáticas que, de alguma forma, são fundamentais para explicitar o processo de pesquisa, além de que constarão dentro do E-book artesanal, produto final da pesquisa.

Realizamos em Fevereiro a gravação do PODCAST da pesquisa pela Plataforma



do Google Meet. Participaram da pesquisa os pesquisadores Ana Livia, Igo e Tadeu; a professora mediadora Edivânia Marques; as colaboradoras da pesquisa representando o Grupo Vieses-UFC Gabriela Lemos e Carla Jéssica; além da participação do Joaquim Araújo representando o CCBJ. Neste momento de gravação, produzimos uma discussão de narrativa do processo de pesquisa desenvolvido, da colaboração e articulação com coletivos/grupos/movimentos e instituições, e sobretudo, a importância desta pesquisa para o CCBJ. A ideia foi produzir um enredo que fosse registro dos resultados da pesquisa, mas também uma memória audiovisual para o território do Grande Bom Jardim. Vale ressaltar que este produto foi pensado também como um documento de acessibilidade para a memória da pesquisa, complementando o E-book artesanal.

Logo depois, que finalizamos os tratamentos e sistematização dos dados da pesquisa do eixo I e eixo II, foram realizadas supervisões de condução da escrita e estrutura do E-book artesanal. A estrutura até então pensada para o produto é: Introdução: Visão de todos os coletivos que fizeram parte da pesquisa; Contextualização da pesquisa; Justificativa e objetivo da pesquisa; Localização geográfica dos coletivos (Endereço, Divisão); Capítulos sobre os 9 coletivos juvenis entrevistados nos grupos focais; Capítulo sobre os dados do formulário do Google Forms; Capítulo sobre a Construção da Cartografia Social; Considerações finais: contribuições dos coletivos juvenis para o território do Grande Bom Jardim. Este produto também foi pensado no critério de acessibilidade, e sobretudo, como um registro do processo de pesquisa e da condução de análises dos resultados significativos que poderão subsidiar novos estudos, pesquisas e discussões para as juventudes do território, CCBJ e demais coletivos/grupos/movimentos sociais e artísticos.

Fortaleza, 05 de Março de 2021



É possível acompanhar o livro digital com a sistematização completa do projeto **Cartografia Social de Práticas Culturais Periféricas das Juventudes do Grande Bom Jardim** por meio do link:

[https://drive.google.com/file/d/1tYhGyaLo2rxRX\\_16PSatqtr2li5-32cg/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1tYhGyaLo2rxRX_16PSatqtr2li5-32cg/view?usp=sharing)

### 5.13 SEMANA DE CULMINÂNCIA DO 3º LABORATÓRIO DE PESQUISA DO CCBJ

Os pesquisadores integrantes do eixo Laboratório de Pesquisa finalizaram seus processos junto ao CCBJ participando da Semana de Culminância do 3º Laboratório de Pesquisa do CCBJ, que recebeu como título: **Pensamento, Memória e Identidade: Imersões Criativas no Âmbito Da Pesquisa**. A ação ocorreu entre os dias 02 e 05 de março de 2021, com mesas compostas por projetos advindos de linguagens mistas. Essa estrutura buscou promover o debate entre fazeres e saberes distintos em arte e cultura, enquanto apresentava o panorama de ações desenvolvidas ao longo dos 5 (cinco) meses de execução do projeto (outubro de 2020 a fevereiro de 2021).

Os encontros ocorreram de maneira virtual e foram transmitidos ao vivo pela plataforma de vídeos Youtube. O material continua disponível na plataforma e pode ser acessado por meio do link <https://www.youtube.com/watch?v=9dGJXlRr-PQ&list=PLW3xks63f5xHBbInz8YKLl0z0zvr5pnjd>, que dá acesso à playlist contendo cada um dos 4 (quatro) encontros.

Apresentamos a seguir mais detalhes sobre a ação:



<b>DIA 1 - TERÇA (02/03)</b>	<b>Cena 1: Visualidades da Cena</b>
<b>PROJETOS PARTICIPANTES</b>	<p><b>Abayomi: Poéticas possíveis de uma realidade presente.</b> (Teatro)</p> <p><b>Acrobacia na palma da mão: Eu, tu e nós.</b> (Circo)</p> <p><b>E aí, população?!</b> (Dança)</p>
<b>MEDIAÇÃO</b>	<b>Tatiana Valente<sup>23</sup></b>
<b>RELEASE</b>	<p>Formas, poéticas, corpo e periferia. Nessa miscelânea de afetos e atravessamentos, o laboratório de pesquisa do Centro Cultural Bom Jardim apresenta seu primeiro dia de mostra de processos com os Projetos: “Abayomi-Poéticas possíveis de uma realidade presente” (laboratório de teatro), “Acrobacia na palma da mão: Eu, tu e nós” (laboratório de circo) e “E aí, população?!” (laboratório de dança). Este encontro será mediado por Tatiane Valente e transmitido pelo YouTube do CCBJ.</p>

<b>DIA 2 - QUARTA (03/03)</b>	<b>Cena 2: Corpo, Memória e Liberdade pela Reconfiguração do Mundo</b>
<b>PROJETOS PARTICIPANTES</b>	<p><b>Liberta</b> (Audiovisual)</p> <p><b>Quantos silêncios compõem um corpo de guerra?</b> (Dança)</p> <p><b>Arte afro-presente</b> (Música)</p>

23 Tatiana Valente – é graduanda em Licenciatura em Teatro – IFCE; Formada pelo curso Técnico em dança, 2006 pelo IACC – SENAC – SECULT; Idealizadora da Cia PONTO; Facilita AULAS DE TECIDO ACROBÁTICO desde 2009; Formação Básica no Método Pilates pela VOLL; Ministrou Aulas de pilates solo e Bola no Espaço Galpão da Vila e no APÊ cultural; Ministrou aulas de técnicas acrobáticas aéreas no CUCA CHE GUEVARA, AYO Fitness, Café TEATRO das Marias; Integrou a gestão “tempo forte” da PRODANÇA 2017-2019; Atualmente facilita Aulas de Dança Acrobática no Centro de Artes de Maracanaú; Estuda técnica de Pole Dance fixo e pendular.

<b>MEDIAÇÃO</b>	<b>Labelle Rainbow<sup>24</sup></b>
<b>RELEASE</b>	A cena 2 de nossa semana do Laboratório do CCBJ traz inquietações e rupturas acerca de imposições de lugares sociais fixados e violentos para determinados corpos, se debruçando sobre perspectivas múltiplas da forma de existência e resistência de cada ser na reconfiguração de si e do mundo. Os projetos <i>Liberta</i> , <i>Quantos silêncios compõem um corpo de guerra?</i> e <i>Arte afro-presente</i> conversam sobre suas pesquisas e perspectivas nesse encontro mediado por Labelle Rainbow, pelo canal do youtube do CCBJ.

<b>DIA 3 - QUINTA (04/03)</b>	<b>Cena 3: Influência e Impactos de Produtos Culturais Sobre Educação e Identidade</b>
<b>PROJETOS PARTICIPANTES</b>	<p><b>Questões acerca da construção e do consumo de imagens de corpos negros no cinema brasileiro (Audiovisual)</b></p> <p><b>Teatro e o fortalecimento da identidade de crianças negras (Teatro)</b></p> <p><b>Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações (Cultura Digital)</b></p>
<b>MEDIAÇÃO</b>	<b>Denise Ferreira da Costa Cruz<sup>25</sup></b>
<b>RELEASE</b>	Neste terceiro dia da mostra de processos oriundos da 3a edição dos Laboratórios de Pesquisa do CCBJ, os projetos “Questões acerca da construção e do consumo de imagens de corpos negros no cinema brasileiro” (Audiovisual), “Teatro e o Fortalecimento da Identidade

<sup>24</sup> Travesti, Negra, estudante de comunicação social, designer, ativista dos movimentos sociais. Coordena o For Rainbow Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual e de Gênero desde o ano de 2008 de forma ininterrupta. Em 2016 foi estrela do documentário "Labelle".

<sup>25</sup> Denise da Costa é professora da Unilab Ceará, negra antropóloga e negra escritora. Pesquisadora de estudos africanos da estética, do cinema e das artes corporais.

	de Crianças Negras” (Teatro) e “Programa de Pesquisas Colaborativas Virtuais do Museu dos Kanindé: 25 anos educando gerações” (Cultura Digital) puxam o debate sobre o entrelaçamento entre Identidade e Produtos Culturais, “botando o deles” nas discussões sobre a força das operações conceituais e técnicas, produzidas por grupos socialmente minorizados, no combate a práticas racistas ainda vigentes em nossa época.
--	--

<b>DIA 4 - SEXTA (05/03)</b>	<b>Cena 4: Margens, Trajetórias, Existências e Reexistências Sociais</b>
<b>PROJETOS PARTICIPANTES</b>	<b>Cartografia social das práticas culturais periféricas das juventudes do Grande Bom Jardim</b> (Memória e Patrimônio)  <b>Imagem</b> (Fotográfico)  <b>Mulher, conta tua história</b> (Música)
<b>MEDIAÇÃO</b>	<b>Romário Bastos<sup>26</sup></b>
<b>RELEASE</b>	Chegamos à Cena 4: Margens, Trajetórias, Existências e Reexistências Sociais. Nesse último dia de apresentação de pesquisas e de compartilhamento e troca de experiências e saberes, o Laboratório de Pesquisa do Centro Cultural Bom Jardim convida a comunidade a conhecer os caminhos trilhados nos projetos: “Cartografia social das práticas culturais periféricas das juventudes do Grande Bom Jardim” (Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural), “Imagem” (Laboratório de Fotografia) e “Mulher, conta tua história” (Laboratório de Música). Este encontro será mediado por Romário Bastos e transmitido pelo YouTube do CCBJ.

26 Romário Bastos é Historiador, Professor da Rede Estadual de Ensino do Ceará, Doutorando em História Social (UFC), Membro do Plebeu Gabinete de Leitura e do Fórum de Cultura do Grande Bom Jardim.



UFC

FECOP

SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÔNIO



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR

ceará cultura SICUT



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

## 6 ATELIÊS DE PRODUÇÃO

Os Ateliês de Produção do Centro Cultural do Bom Jardim são espaços de formação nas áreas técnicas da arte, onde as alunas e alunos passam por um processo que mescla teoria e prática possibilitando uma capacitação técnica de cada ofício.

Em 2021, os Ateliês de Produção, chegam na sua segunda edição com cursos pensados para um público específico: aqueles que não estão nos cursos básicos dos programas da Escola de Cultura e Artes do CCBJ; que não têm o aprofundamento necessário para cursar as turmas dos Extensivos e Técnicos de Teatro, Dança, Audiovisual, Música e Cultura Digital; que já terminaram o ensino fundamental e médio formal; que estão fora do mercado de trabalho; que tem interesse nas áreas técnicas da arte.

Após um longo estudo feito a partir dos dados da Escola de Cultura e Artes do CCBJ e foi constatado que existia uma parcela de jovens que já tinham concluído o ensino fundamental e médio, que não tinha interesse imediato por aprofundar os estudos nos aspectos de criação, produção e fruição de obras artísticas, que estava fora do mercado de trabalho, mas que em algum momento da vida tinha desenvolvido alguma ação ligada às artes. Essas/esses jovens estavam em lugar que o CCBJ ainda não alcançava, mas que precisava alcançar. Por isso, em 2019, foram lançados os primeiros Ateliês de Produção, com os cursos de Produção de Eventos, Audiovisual, Fotografia, Comunicação, Educomunicação e Figurino, que aconteceram de outubro a dezembro de 2019.

Cada turma contava com 15 alunes, que recebiam uma ajuda de custos de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) e ao fim do Ateliê foram incorporados na equipe



de produção e realização da Mostra das Artes do Centro Cultural do Bom Jardim daquele ano, onde puderam ter uma experiência prática, com o acompanhamento das professoras e professores, dentro de um grande evento.

Durante a Mostra das Artes, eles acompanharam os profissionais de produção, fotografia, registro audiovisual, formação e todos os outros que estavam envolvidos na realização. Esse momento foi de grande valia dentro das turmas, pois além de terem a experiência de trabalhar na Mostra, as alunas e alunos puderam conhecer e trocar saberes com vários profissionais da cidade, fazendo com que alguns fossem convidados para trabalhar em outros eventos ou equipamentos, cumprindo assim um dos objetivos dos Ateliês, a colocação de profissionais no mercado de trabalho.

Após a experiência bem positiva das primeiras turmas, começamos 2020 com uma avaliação do processo do ano anterior e a discussão de novas possibilidades e necessidades de ajustes para as novas turmas, mas a pandemia da COVID-19 fez com que os Ateliês de Produção tivessem uma pausa, pois a necessidade da presença para a realização de ações práticas inviabilizava o seu início.

No fim de 2021, a Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim, com a melhora considerável no quadro de pandemia e a autorização do Governo do Estado do Ceará para que algumas ações presenciais pudessem acontecer, volta a discutir a possibilidade de lançamento de novas turmas dos Ateliês de Produção. Dentro dessa nova discussão, precisamos rever alguns pontos, pois a liberação do Governo do Estado ainda era bem cautelosa, então se pensou que os Ateliês poderiam acontecer de forma mesclada, metade presencial e metade no formato online. Assim, não teríamos a presença de muitas pessoas no CCBJ.

Com o avanço na discussão sobre o formato das aulas, passamos a deliberar quais



os Ateliês seriam lançados. Após muitas análises e conversas entre as Coordenações dos Programas e a Gerência de Formação, que levaram em consideração demanda da comunidade, possibilidades do mercado, interesse do público, entre outros vários pontos, chegou-se aos cinco Ateliês de Produção de 2020/2021, que são: Assistência de Câmera, Iluminação Cênica, Produção Sustentável em Moda, Produção Cultural para as Artes Cênicas e Montagem e Manutenção de Computadores.

Em 23 de dezembro de 2020, foi lançada a chamada pública dos Ateliês de Produção, da Escola de Cultura e Artes, do Centro Cultural Bom Jardim. A chamada convocava as/os interessadas/os em participar em um dos cinco cursos do Eixo dos Ateliês de Produção, com prioridade para os que contemplassem as políticas públicas de ações de afirmativas, como mulheres, povos originários, quilombolas, pessoas com deficiência- PcD, comunidades periféricas e áreas de baixos IDH- índice de desenvolvimento humano. Cada pessoa poderia fazer parte de uma das turmas e receberia uma ajuda de custos no valor de R\$ 900,00 (novecentos reais), que poderia ser paga em até três parcelas. De início, as aulas começariam no dia 18 de janeiro, mas por questões de atrasos na liberação do dinheiro do projeto, o calendário foi repensado para que as aulas começassem no dia 1º de fevereiro de 2021.

O período de inscrições se encerrou e a seleção foi feita pelas coordenações e assistência pedagógica dos programas de Teatro, Música, Dança, Audiovisual e Cultura Digital. Foram selecionados 15 alunes bolsistas para cada curso. Além disso, foi feita uma lista de suplentes para caso de desistência. Com os alunes selecionados, começamos os encontros dos Ateliês de Produção do CCBJ no dia 1º



de fevereiro de 2021.

As aulas dos Ateliês de Produção do CCBJ começam e na edição 2020/2021, ela conta com a presença de, além das professoras e professores das turmas, um professor orientador dos processos, Henrique Gonzaga, que foi responsável pelo acompanhamento de todas as turmas, dando suporte às professoras e aos professores, fazendo acompanhamento pedagógico das alunas e monitores e em diálogo com as Assistentes Pedagógicas, Coordenações de Programas e Gerência de Formação, acompanhando as necessidades dos Ateliês.

Além do professor orientador, os ateliês contaram com uma equipe de cinco monitores de turma, ex-alunos do CCBJ e estudantes da UFC- Universidade Federal do Ceará, que se destacaram nos cursos que fizeram no CCBJ ou nas suas graduações e passaram a desempenhar a função de monitoria.

Os monitores eram responsáveis por dar suporte às professoras e professores em sala de aula, ajudando nas questões técnicas, criando link das aulas, organizando relatório das turmas e acompanhando os planejamentos das aulas.

## **6.1 OS ATELIÊS DE PRODUÇÃO DO CCBJ E SUAS EXPERIÊNCIAS**

### **6.1.1 Assistência de Câmera**

O Ateliê de Assistente de Câmera, busca formar profissionais aptos a trabalhar com filmagem de obras audiovisuais na equipe da fotografia, adquirindo conhecimentos técnicos de montagem, configuração, manutenção, cuidados e operação de câmeras de filmagem e seus respectivos acessórios. A utilização da câmera e a composição da imagem em movimento de modo a materializar ideias



que construam junto aos demais departamentos a narrativa da obra.

O processo foi conduzido pelo professor Leandro Gomes, atualmente morando em São Paulo-SP, realiza trabalhos em Direção de Fotografia e 1º Assistente de câmera, além de promover oficinas de audiovisual pelo Brasil. Iniciou seus estudos em audiovisual em 2002 na ENCINE - Organização Não-Governamental, que trabalha com Formação em Artes, em Fortaleza-CE. Lá, formou-se como Realizador em Audiovisual, focando seus estudos em fotografia. Realizou diversos curtas-metragens como aluno e foi Operador de Câmera do Programa de Televisão Megafone entre 2003 e 2005, veiculado na TV Ceará.

O curso que, inicialmente, foi pensado para que acontecesse parte online e parte presencial, aconteceu às segundas, quartas e sextas, de 18h às 21h e tinha como público alvo pessoas a partir de 16 anos, de preferência que tivessem noções básicas de fotografia.

O curso começou com a estrutura para acontecer parte online e parte presencial, mas com os avanços nos casos da COVID-19, ainda em fevereiro, foi determinado o fechamento total do prédio do Centro Cultural Bom Jardim, fazendo com que as aulas passassem a acontecer totalmente no formato virtual. De início, acreditamos que a situação da pandemia iria melhorar e nós conseguiríamos realizar as aulas presenciais que estavam previstas, mas não foi essa a realidade.

O número de casos continuou aumentando e, no dia 04 de março, o Governo do Estado do Ceará decretou *lockdown* e ficamos sem previsão de aulas presenciais. Com essa situação posta, foi feita uma reunião entre o professor Leandro Gomes, o professor orientador, Henrique Gonzaga, a coordenadora do Programa de Audiovisual, Lívia de Paiva, a assistente pedagógica, Nayana Santos, e o gerente de



formação, Joaquim Araújo, para encaminhar o andamento do curso.

Como o planejamento inicial contava com as aulas presenciais, mas a nossa realidade não permitia o encontro, passamos a discutir como o ateliê poderia se readequar para continuar com as suas atividades, agora de forma totalmente online. A partir de uma análise da turma, o professor Leandro Gomes sugeriu que o ateliê se aprofundasse nas questões de direção de fotografia, pois a turma vinha lançando discussões sobre o tema e assim ele teria como direcionar todo o planejamento pedagógico para essas discussões.

Assim, com esses ajustes no conteúdo feito em diálogo com a equipe de formação da Escola de Cultura e Artes, e com as alunas e alunos, conseguimos dar prosseguimento ao ateliê de Assistente de Câmera, mantendo a presença, participação e dedicação das 15 alunas e alunos da turma.

### 6.1.2 Iluminação Cênica

O Ateliê de Iluminação Cênica é um espaço de formação que visa desenvolver potencialidades formativas em iluminação artística e profissional. O curso é direcionado para a formação de profissionais nas artes da iluminação cenotécnica (aplicando os conhecimentos em espetáculos musicais, teatrais, de dança, performance, transmissão-web e audiovisual). No percurso formativo serão abordados temas, como estudo de iluminação, composição de iluminação cenográfica, noções básicas sobre eletricidade, uso de equipamentos, construção de mapa e rider de luz, lightdesigner, sensibilidade e criatividade técnica, dramaturgia cênica na iluminação, aparelhos luminotécnicos e desenvolvimento de aparatos para a construção de iluminação artesanal.

O Ateliê de Iluminação Cênica foi conduzido pelo professor Leandro Mateuzo, que é



técnico, pesquisador e iluminador atuante desde 2008 na concepção, montagem e execução de trabalhos na área de iluminação para teatro, dança, música e artes visuais, com pesquisa em dramaturgia da luz e psicologia da cor.

O Ateliê de Iluminação Cênica acontecia às segundas, terças e quintas, de 14h às 17h e tinha sido pensado para acontecer de forma híbrida, parte online e parte presencial. A ideia inicial era que as alunas e alunos pudessem ter acesso aos equipamentos de iluminação do Centro Cultural Bom Jardim, assim como, de outros equipamentos como o Cineteatro São Luis e Theatro José de Alencar, para conhecer as diferentes realidades das aparelhagens, além de todo um trabalho de produção de artesanias de luz, mas com o agravamento da pandemia, tivemos que manter todas as aulas no formato online.

Foi discutido a readequação do planejamento com o professor Leandro Mateuzo, o professor orientador, Henrique Gonzaga, o coordenador do Programa de Música, Eric Barbosa e o gerente de formação Joaquim Araújo, onde pensamos em possibilidades para que o ateliê continuasse as suas atividades, sem prejuízos para a turma.

O professor sugeriu que fosse aprofundado os aspectos de concepção de iluminação, a psicologia das cores e a história não contada da iluminação, que traz, principalmente iluminadoras de várias épocas, que não são reconhecidas pelos seus feitos. Além disso, o professor propôs que o processo de artesanias de luz acontecesse com um acompanhamento especial das alunas e alunos, onde a partir de materiais que elas tenham em casa iriam ser criados artefatos de iluminação.

O ateliê de Iluminação Cênica teve uma participação massiva da turma no processo de ensino-aprendizado, onde a turma, de forma ativa, foi colaborando em todos os



processos necessários para que as aulas continuassem da forma mais interessante e segura para todos.

### 6.1.3 Produção Sustentável em Moda

O Ateliê de Produção Sustentável em moda visa trabalhar de forma criativa e sustentável o desenvolvimento de produtos de moda com base em economias alternativas como a economia solidária, criativa e circular, entendendo de forma crítica a intrínseca relação entre moda, economia, sociedade e política, promovendo vivências de experimentações guiadas pelos seguintes temas: Cultura, Arte, História e Sociologia da moda, identidade da moda autoral local, artesanato, processos de inspirações, pesquisa, tendências, novas relações de consumo, modelos de negócios sustentáveis, comunicação, empreendedorismo, técnicas de produção sustentáveis como Upcycling e modelagens limpas, buscando o desenvolvimento de produtos de qualidade. O curso busca, assim, ampliar as possibilidades de repertórios técnico, referenciais e experienciais, viabilizando alternativas para essa nova realidade vivenciada no setor da moda.

O Ateliê de Produção Sustentável em Moda a partir de parceria estabelecida/continuada com a instituição Giro Social, que se dispôs a acolher as atividades presenciais do curso. As atividades ocorreriam sempre às segundas, quartas e sextas, das 14h às 17h, sob direcionamento da professora Anna Caroline Outono, estilista, figurinista e produtora cultural. Ela trabalha na área de Economia Criativa e Economia Solidária desde 2009 produzindo e gerindo projetos de desenvolvimento social, econômico e artístico por meio de assessorias, oficinas, cursos e produção de feiras em centros culturais e ONGs, fomentando o fortalecimento de pequenos empreendimentos da cidade de Fortaleza.



A turma foi composta por idades, habilidades e experiências diversas, contando com alunos faixa etária desde os 16 anos aos 63 anos, elencadas a partir de seleção aberta ao público.

Em fevereiro, o Ateliê de Produção Sustentável em Moda, inicialmente assumido pelo Programa de Dança, iniciou suas atividades de maneira presencial em parceria com a instituição Giro Social. Tal como os demais cursos que iniciaram suas ações de maneira presencial, logo teve suas ações transferidas para o sistema remoto, das as atuais circunstâncias pandêmicas. Vem sendo estudado, junto com a professora e setor de Infra Estrutura do CCBJ, a criação de kits individuais a serem enviados aos alunos e alunas, contendo materiais que possibilitem a prática exigida pelo curso. Para tanto, foi realizado levantamento dos alunos que já têm ou não disponibilidade de materiais em casa e o que falta para complementação.

#### 6.1.4 Produção Cultural para as Artes Cênicas

O Ateliê de Produção para as Artes Cênicas tem como finalidade proporcionar aos estudantes uma experiência profissionalizante dentro da área de Produção Cultural que compreende elaboração de projeto, prestação de contas e produção de eventos. O participante passará por um aprofundamento técnico acerca de cada área. Dessa forma, ele poderá aplicar as ferramentas estudadas na execução de um trabalho voltado para a produção cultural, de modo que o aprofundamento estético, com aspectos profissionalizantes, o aproxima do contato profissional da área vivenciada.

Conduzido pela professora Vanessa Gomes, atriz, pesquisadora em teatro, artista do Grupo Teatro de Caretas. Formadora teatral e produtora. Mestre em Artes (IFCE). Cientista Social (UECE). Participou de Laboratórios Teatrais com Augusto



Boal, Centro Teatro do Oprimido, RJ - 2007, e com Grupo Yuyaschani 2015 e 2018 (Peru).

O processo que tinha sido pensado para acontecer de forma híbrida, metade no formato online e metade no formato presencial, teve que ser revisto em decorrência do agravamento da pandemia da COVID-19. Mesmo com a necessidade do formato online, o ateliê de Produção Cultural para as Artes Cênicas teve uma transição tranquila, pois os conteúdos abordados foram adaptados para o formato sem grandes prejuízos para a turma.

A professora trabalhou os diferentes aspectos da produção cultural, desde a captação de recursos até a produção executiva. A turma, respondeu muito bem aos conteúdos lançados, trazendo grande envolvimento com o ateliês, criando os seus próprios projetos, que mesmo durante o curso iam sendo enviados para editais que eram lançados.

#### 6.1.5 Montagem e Manutenção de Computadores

O Ateliê de Montagem e Manutenção de Computadores tem a proposta de apresentar e ensinar noções básicas, teóricas e práticas de montagem, instalação e manutenção de computadores desktop (computadores de mesa) e também de notebooks. Também explanar a grande diversidade da área de atuação de um técnico de informática nos dias atuais.

Conduzido pelo professor Felipe Barros, analista de suporte técnico, graduado em redes de computadores (FATENE), atua como suporte técnico em TI há 9 anos, prestando serviços de manutenção, instalação e consultorias em equipamentos de informática, sistemas de segurança eletrônica e digital, redes wireless, sistemas



operacionais Microsoft e GNU/Linux e sistemas de automação comercial.

Dentro da ideia inicial do Ateliê de Montagem e Manutenção de Computadores, as aulas aconteceriam de forma híbrida, parte online e parte presencial. No caso desse Ateliê especificamente, tínhamos uma importância ainda maior nas aulas presenciais, pois existe uma parceria entre o Centro Cultural Bom Jardim e algumas escolas estaduais do Grande Bom Jardim, onde as escolas cedem computadores danificados para que sirvam de material de estudo das turmas de manutenção de computadores. Durante o curso, as alunas e alunos aprenderiam as técnicas de montagem e manutenção com os equipamentos cedidos pelas escolas e com isso eles são consertados, após o fim do curso eles são entregues novamente às escolas, agora funcionando.

No ateliê de Montagem e Manutenção de Computadores foi fechada mais uma parceria, agora com a Escola Estadual Senador Osires Pontes e mais uma vez as alunas e alunos teriam o material para aprender na prática, mas com o agravamento da pandemia da COVID-19 e os decretos mais rígidos de isolamento social, fizeram com que as aulas práticas não acontecessem, e o formato do curso fosse totalmente online.

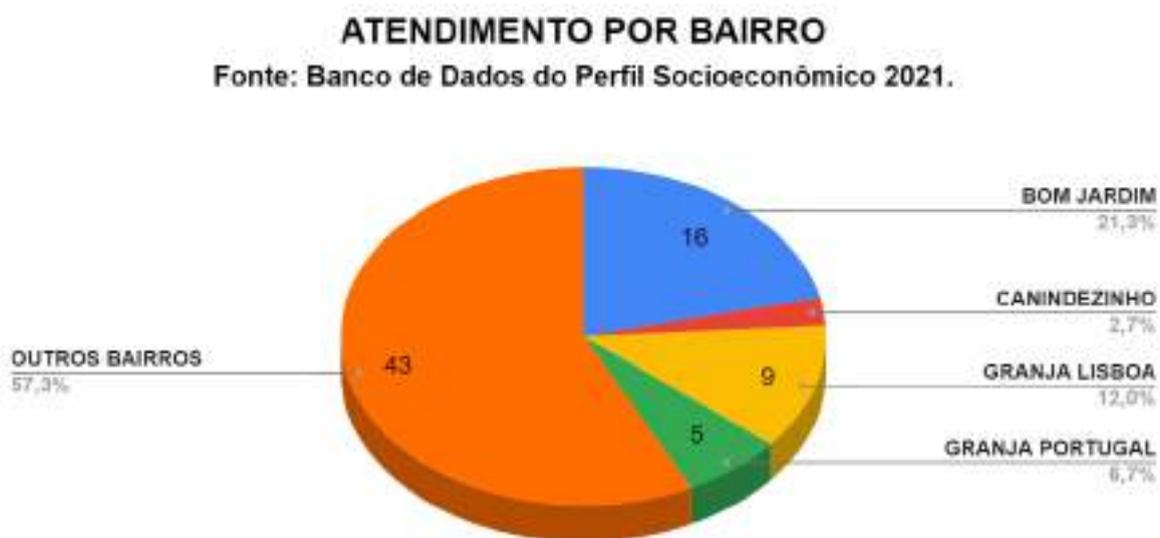
A partir de uma análise cuidadosa do professor Felipe Barros, todo o cronograma foi repensado para que a turma não perdesse o conteúdo trabalhado. Foi feita uma pesquisa em programas e aplicativos utilizados de forma virtual que simulam a montagem e manutenção de computadores. Com esses aplicativos e programas, o professor conseguiu fazer com que a turma tivesse acesso ao conteúdo de uma forma bem dinâmica e o mais próximo do real.

O trabalho feito pelo professor Felipe Barros é mais um exemplo do quanto todos



professores que estão neste momento em sala de aula têm feito para conseguir trazer para seus alunos a melhor experiência formativa possível. São dias e dias de muita pesquisa, experimento, dedicação e estudo para trazer novas formas de se relacionar com o processo educacional em tempos de pandemia e isolamento social.

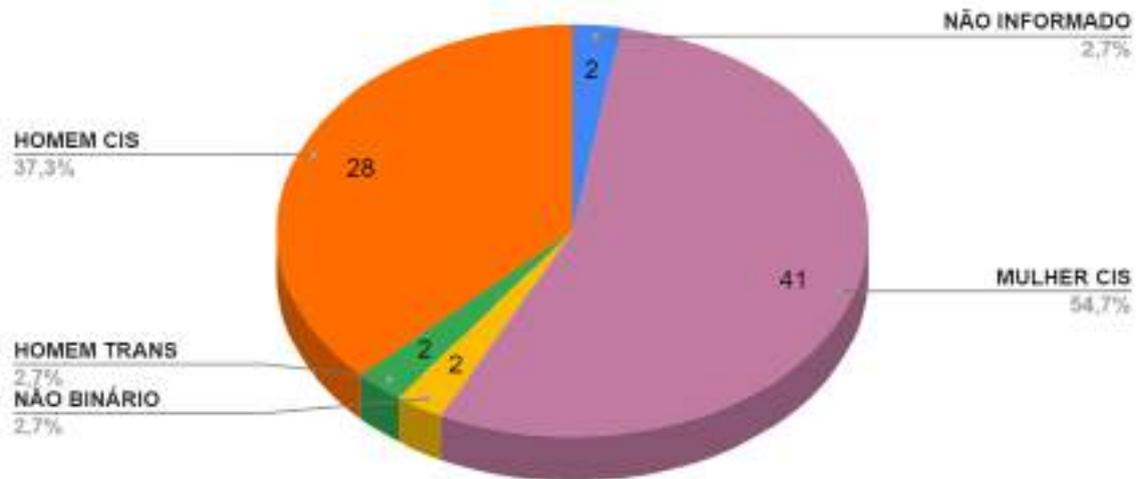
## 6.2 GRÁFICOS DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ALUNAS E ALUNOS DOS ATELIÊS DE PRODUÇÃO DO CCBJ 2020/2021



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## IDENTIDADES DE GÊNERO

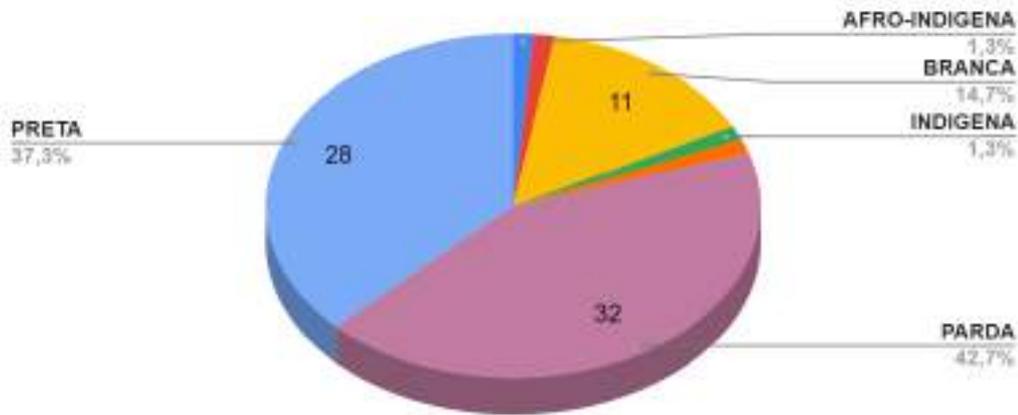
Fonte: Banco de Dados do Perfil Socioeconômico 2021.



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## RAÇA/COR

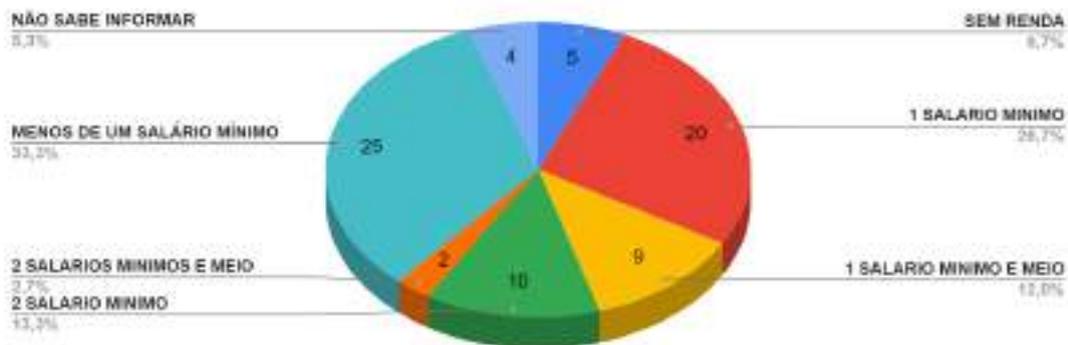
Fonte: Banco de Dados do Perfil Socioeconômico 2021.



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## VALOR DA RENDA MENSAL APROXIMADA

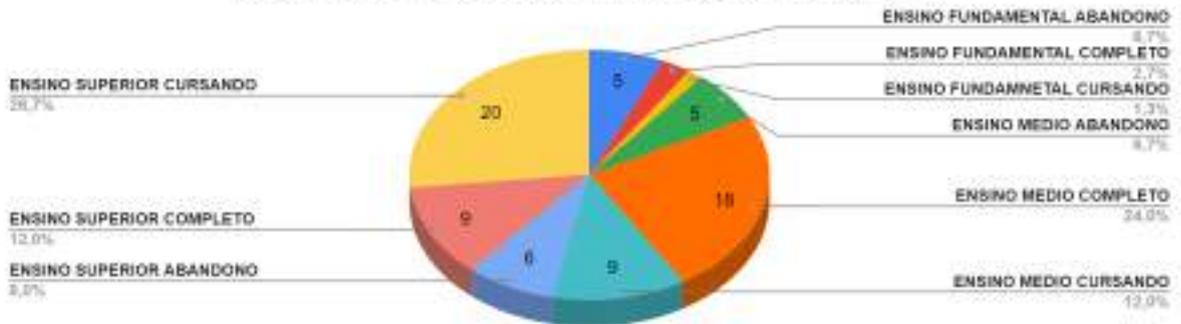
Fonte: Banco de Dados do Perfil Socioeconômico 2021.



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## ESCOLARIDADE

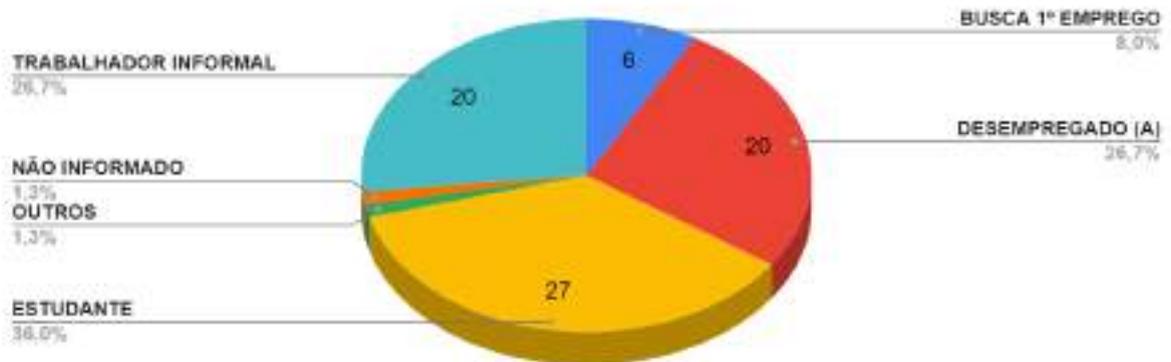
Fonte: Banco de Dados do Perfil Socioeconômico 2021.



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## PERFIL PROFISSIONAL

Fonte: Banco de Dados do Perfil Socioeconômico 2021.



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de alunos matriculados nos Ateliês de Criação 2021: 75 alunos. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do FECOP 2021 (Janeiro 2021 a Março de 2021)

## 7 FORMAÇÃO EM ACESSIBILIDADE

A Formação em Acessibilidade da Escola de Artes do Centro Cultural Bom Jardim está cada vez mais atenta ao objetivo de construir pensamentos e ações efetivas em prol da democratização do acesso ao espaço físico e virtual da escola por todas, todos e todes de forma consistente e coerente com o contexto sócio-político-cultural atual.

Sendo assim, damos continuidade à construção do Eixo de Acessibilidade em 2021 e, para que a Acessibilidade e a Formação em Acessibilidade aconteça de forma transversal e transdisciplinar nas diversas instâncias da escola (Coordenação, Produção, Assistência, Técnica, Monitoria, Docência entre outros), estamos estabelecendo ações transversais para construção de um território acessível que nos traz um campo de conhecimento específico e que só é gerado a partir da convivência. Portanto, a Escola de Artes do CCBJ se propõe a ter em sua equipe profissionais que possuam alguma deficiência para que, paralelamente, possamos através da convivência e da formação em acessibilidade, alcançar o público de alunos, artistas e pesquisadores interessados e atuantes das mais diversas linguagens.

Compreendemos que a força política da cultura DEF precisam estar asseguradas pelas políticas públicas e pelos equipamentos culturais e educacionais, uma vez que, segundo os dados do IBGE de 2010, 24% da população têm alguma deficiência (cerca de 45 milhões de pessoas) no Brasil, sendo 70% dessas pessoas residentes na periferia do Brasil. Em Fortaleza, essa porcentagem cresce para cerca de 38%, ou seja, 646.493 pessoas com deficiência. A Cultura DEF, como qualquer outra cultura, é um modo de sobrevivência, de falar, de vestir, de andar, de se relacionar, de dar aula, de manifestar artisticamente e até de tomar decisões. Vale



ressaltar também que a Cultura DEF é uma cultura que possui uma língua, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Começamos partindo desses valores, dados e princípios para assegurar a existência e a sobrevivência dessa cultura na Escola de Cultura e Artes do CCBJ.

Propomos assim, um espaço de pesquisa, criação e invenção que parta de um pensamento transdisciplinar da arte, da cultura e da acessibilidade, como também um modo e área de conhecimento e atuação. Não é ressaltando a divisão, a separação e segregação de gêneros artísticos e de pessoas que iremos conseguir romper essas fronteiras capacitistas. É tão somente a partir da convivência entre pessoas diferentes, dissidentes e singulares, que destacaremos a multiplicidade contemporânea de poéticas, políticas e do pensamento em arte e cultura. Apostamos então na construção de dois percursos metodológicos: Protagonismo e Recepção.

### O protagonismo

Para começar falando do protagonismo neste 3º Diagnóstico, ressaltamos aqui a importância de ter um professor surdo ministrando o curso de LIBRAS. Eis que aqui adentramos tanto no protagonismo como também na formação em acessibilidade que, principalmente, neste caso, precisam caminhar juntas.

Para muitos, a possibilidade de um professor surdo não existe ou (quando existe) existe de uma forma complexa e complicada. É preciso que essa percepção complexa e complicada caia por terra, pois não há profissional melhor qualificado para o desenvolvimento metodológico do ensino da Língua Brasileira de Sinais do que um protagonista dessa cultura: uma pessoa surda capacitada e habilitada para



isso. A Escola de Cultura e Artes do CCBJ compreende que o ensino dessa Língua vai muito além do ensino de Sinais e do vocabulário da LIBRAS. Estudar LIBRAS é estudar tudo que envolve uma Língua e, com isso, os seus aspectos históricos, políticos e culturais dessa pauta, causa, comunidade e cultura. Sendo assim, a nossa formação é técnica no aprendizado da LIBRAS, mas também tem o intuito de promover a convivência entre pessoas com e sem deficiência para que haja uma melhor compreensão da cultura surda, como ela opera no nosso entorno e também para que sejam potenciais multiplicadores da Língua Brasileira de Sinais e da “normalização” da cultura def entre pessoas bípedes, videntes e ouvintes.

Estamos também caminhando para que esse eixo se torne uma Coordenação, pois compreendemos a obrigatoriedade dessa pauta dentro do setor cultural e educacional. Para isso, estamos contando com Jéssica Teixeira, multiartista, produtora e pesquisadora, Licenciada em Teatro e Mestre em Artes pela Universidade Federal Ceará para a construção desse eixo e dos procedimentos metodológicos a serem cumpridos por essa Coordenação. Contamos também com a assistência do monitor Elvis Alves, Publicitário, Analista de Marketing, cineasta, roteirista e educador social. Jéssica e Elvis adentram como protagonistas dessa causa para a construção do eixo e seus procedimentos metodológicos, para formação interna dos profissionais da Escola de Cultura e Artes e acompanhamento e avaliação do curso de LIBRAS.

Para que os protagonistas desse eixo estejam conosco, e a acessibilidade enfim aconteça, assumimos um compromisso de uma atenção sensível e orçamentária específica para a construção da nossa acessibilidade arquitetônica e comunicacional. Compreendemos também que a coexistência de profissionais com e sem deficiência atuando no mesmo território de trabalho traz para a acessibilidade outros olhares, escutas e tatos. Podemos chamar esses outros



olhares, escutas e tatos de uma intimidade acessibilizadora, que se constitui a partir da convivência e da singularidade de cada relação.

Sendo assim, o percurso transversal do Eixo Acessibilidade da Escola de Cultura e Artes do CCBJ é do Protagonismo à Recepção. Primeiro, protagonizamos. E só então, a partir da convivência entre profissionais com e sem deficiência, é que conseguiremos chegar a uma intimidade acessibilizadora para receber cada vez mais profissionais, pesquisadores, espectadores e alunos com deficiência.

### A recepção

Para receber funcionários, servidores, alunos e/ou um público de pessoas com deficiência, muitas vezes, é preciso um atendimento singular e específico e para isso tivemos a ciência neste início de 2021 sobre lei orçamentária de 10% destinada para ações efetivas em acessibilidade. Portanto, estamos num planejamento onde se fazem duas urgências: a construção de uma equipe que ampare essa recepção; e a segurança que teremos 20% da programação e das aulas da formação tenham recursos específicos para acessibilidade comunicacional (LIBRAS, Audiodescrição e Legenda), acessibilidade arquitetônica (rampas de acesso, portas largas, barras nos banheiros, pisos táteis) e também uma sensibilidade para os tratos dessa recepção onde a intimidade acessibilizadora se dá a partir da convivência entre corpos diferentes e dissidentes (a intimidade acessibilizadora envolve desde o tratamento com esses profissionais e/ou alunos e público até possíveis assistências singulares para demandas específicas de locomoção, comunicação e compreensão).

Por fim, a última ação que está sendo trabalhado pelo Eixo de Acessibilidade da



Escola de Artes é a publicação de uma cartilha informativa e sensibilizadora para que as pessoas com e sem deficiência tirem suas dúvidas e deixem os mistérios e os tabus de lado, para compreendermos melhor os lugares de existência e saber o que significa uma deficiência e como devemos tratar e receber as pessoas com alguma deficiência nos nossos espaços de convívio profissional e pessoal.



# ANEXOS



# ANEXO I

## O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia

Autoria de Cristiane Faustino, Franciscana Souza e Beatriz Fernandes (Instituto Terramar)



UFC

FECOP

FEDERAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DE CULTURA E TURISMO



INSTITUTO  
DRAGÃO  
DOMAR



CEARÁ  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DE CULTURA

## *O racismo ambiental no campo e na cidade em tempos de pandemia*

Cristiane Faustino<sup>27</sup>  
Franciscana Souza<sup>28</sup>  
Beatriz Fernandes<sup>29</sup>

### **Apresentação**

Este texto busca articular alguns pontos de análise da pandemia da Covid-19, inspirados nos debates ocorridos durante uma formação sobre racismo ambiental, que consistiu na realização de um curso de trinta horas, *Injustiça e Racismo Ambiental no campo e na cidade: estudos introdutórios*, e uma live temática *Racismo Ambiental e os Conflitos Socioambientais: um olhar desde os povos*, ocorridos entre março e abril de 2021, numa parceria entre o Instituto Terramar e o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ).

O Instituto Terramar é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos de caráter socioambiental. Seu objetivo social é contribuir para a justiça ambiental na Zona Costeira do Ceará. Sua atuação está voltada, principalmente, para a garantia de direitos coletivos e individuais de comunidades tradicionais costeiras do Ceará, em especial os direitos ao meio ambiente, ao território, à diversidade cultural, ao trabalho e ao exercício político. Já o CCBJ é um equipamento de política pública vinculado à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – SECULT e situado num território periférico que abrange cinco bairros de Fortaleza. O CCBJ promove e movimenta sujeitos das artes e da cultura, acadêmicos, mestres e educadores populares, e engaja crianças, adolescentes, jovens e adultos, acumulando pedagogias voltadas para a ruptura com ciclos de violência e construção de uma cultura de direitos humanos.

Desde 2020, essas duas instituições vêm dialogando sobre uma formação conjunta que se consolidou em 2021. A pedagogia envolveu, de forma virtual, representantes de comunidades negras urbanas, povos indígenas, comunidades pesqueiras, quilombolas, de terreiro, comunidades camponesas, estudantes universitários, organizações de mulheres,

---

<sup>27</sup> Membro da Coordenação Colegiada do Instituto Terramar. Presidenta do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Ceará (2019-2021). Conselheira da Justiça Global (RJ) e Membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

<sup>28</sup> Travesti negra. Bacharel em Humanidades (UNILAB). Pesquisadora na área dos estudos de gênero com uma perspectiva interseccional e Assessora de Processos Internos do Instituto Terramar.

<sup>29</sup> Oceanógrafa em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC), Assessora de Campo do Instituto Terramar.

juventudes, LGBTI+, pesquisadores, intelectuais e educadores populares de diferentes estados e regiões do país.

A construção do conteúdo programático e das aulas trouxeram a dimensão sociopolítica do conceito de racismo ambiental e as injustiças ambientais, dialogando com os contextos socioculturais do campo e da cidade, construindo uma perspectiva da práxis política como fundante da transformação social. Considerando o contexto da pandemia do coronavírus, seus impactos sobre a realidade social atravessaram todos os debates, seja pelas novas emergências geradas e sua brutal incidência no cotidiano das pessoas, seja por escancarar os escandalosos déficits da democracia e da cidadania brasileira, para com a maior parte da população do país.

O texto que se segue é fruto desta parceria e desse diálogo entre vozes diversas, adere às perspectivas coletivas de produção de conhecimento contra hegemônicos que potencializam a busca por um mundo melhor como devir ético e justo, sendo para “ontem” o enfrentamento das desigualdades estruturais e seus sistemas de violências, dentre as quais o patriarcado branco racista e heterocisnormativo é fundante. Desejamos partilhar fatos e pensamentos, denúncias e vivências que atravessam corpos e territórios, desde o campo às cidades e contribuir para a reflexão crítica que favoreça estratégias sobre viver, lutar, proteger os bens ambientais e os direitos dos povos.

## **1. Racismo Ambiental: uma leitura sobre degradação ambiental e privilégios brancos**

Racismo ambiental é uma ideia construída a partir das lutas do movimento negro pelos direitos civis, em específico de origem afro-americana (EUA) na década de 1960, que pelos idos de 1970 e 1980 visibilizou a relação entre o racismo estrutural e a questão ambiental que atravessam aquela realidade, uma vez que eram os territórios negros os destinos recorrentes de lixo tóxico e atividades altamente poluentes. No começo dos anos 2000, o debate chega ao Brasil e ganha impulso, especialmente, com a fundação da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA), e no âmbito da mesma, formou-se o Grupo de Trabalho Combate ao Racismo Ambiental, que buscava jogar luzes na dimensão racista dos conflitos socioambientais, e no seio do próprio ambientalismo.



No Brasil, historicamente o poder de decisão sobre o meio ambiente, a terra e os territórios, assim como a riqueza produzida desde sua exploração, se concentram nas mãos das elites brancas. Mas, os resultados negativos dessa lógica recaem sobre os povos negros e indígenas, ou que deles descendem, como as comunidades quilombolas, de periferias das cidades, e outras tradicionais camponesas e urbanas. Os sujeitos historicamente subalternizados na construção da democracia e da cidadania, são - não por coincidência, mas pelas heranças coloniais escravistas - os grandes impactados e vulnerabilizados pelos modelos econômicos historicamente predominantes na realidade brasileira, sendo que, parte considerável desses mesmos povos constrói modos de vidas associados à conservação e proteção ambiental.

O racismo ambiental hierarquiza os significados das relações sociedade - natureza, onde predominam aqueles que negam e violentam a diversidade sociocultural, desumaniza os sujeitos vistos como diversos e desqualifica formas de convívio com a natureza que estão fora dos padrões e das necessidades dos brancos. Como uma expressão do racismo estrutural brasileiro, o racismo ambiental se apresenta nas disputas sobre o que são as questões ambientais, sobre conflitos socioambientais, violações de direitos e vulnerabilidades, que atingem todos os povos não-brancos no campo e na cidade. Setores econômicos, empresas e o Estado que são, em nosso país, de pertencimento branco prejudicam, no plano individual, comunitário e institucional, a legitimidade e os direitos das populações e povos locais em sua diversidade étnica e racial, ou outras referências de identidades e modos de vida não-brancos.

Essa diversidade, também, não está devidamente compreendida e reconhecida pela maior parte da sociedade brasileira, cujas referências de desenvolvimento, progresso e poder estão assentadas em bases racistas. Como exemplo, podemos citar a naturalização das expropriações dos territórios habitados ancestralmente, resultadas de decisões em espaços ocupados pela branquitude, como os governos e o sistema de justiça. A supremacia das elites brancas e seus herdeiros é alheia e indiferente às realidades locais, ou as reduzem às oportunidades mercadológicas, gozando de privilégios para executar e impor seus interesses de lucro a todo e qualquer custo.



Mas, a prática do racismo ambiental não é uma exclusividade de empresas ávidas por lucro, tendo, inclusive, se evidenciado nas políticas econômicas dos chamados governos populares na América Latina (AL) na década de 2000, que aderiram ao desenvolvimentismo e consolidando uma economia primária, baseada na superexploração da natureza para geração de commodities para exportação, atendendo aos interesses de grandes corporações. Desse modo, as existências de comunidades e modos de vida foram, e continuam, atravessadas pela instalação de mega empreendimentos devastadores e poluidores nos seus territórios originários e tradicionais.

A atual ascensão da extrema direita marcada pelas políticas econômicas entreguistas e associadas a um empresariado primitivo (fazendeiros, garimpeiros, indústria armamentista, mercado da violência, grilagem de terras, especulação imobiliária, etc) agrava o modelo colonial ao tensionar estruturalmente a legislação ambiental e privilegiar as piores práticas: violência no campo, contra povos indígenas e comunidades tradicionais, despenalização de crimes ambientais e autorização ideológica de extermínio dos povos.

Nesses termos, o racismo ambiental que marca historicamente as políticas intervencionistas nos territórios, se radicaliza e consolida um absoluto desamparo aos povos e comunidades impactados pela degradação socioambiental. A militarização das políticas ambientais e fundiárias e a necropolítica que atravessa a atual gestão pública federal, passam a ser regras institucionalizadas, ao passo em que se corroem as conquistas democráticas e se busca eliminar, de uma vez por todas, os sujeitos dissidentes no campo e nas cidades. Tal situação só se faz possível mediante o recurso radical ao racismo individual, estrutural, institucional e ambiental.

## **2. Pandemias e os projetos da branquitude para o meio ambiente**

A partir de março de 2020, a crise sanitária da pandemia do coronavírus trouxe graves desafios e expôs de forma dramática as vulnerabilidades históricas em todos os territórios do país, justamente num período de aprofundamento de outras múltiplas crises: social, política, econômica e ambiental; dos valores éticos, e no seio da própria democracia e das instituições públicas. À crise sanitária conjugou-se o crescente aumento da pobreza e do desemprego, de perdas materiais e simbólicas de direitos, e das tensões e violências



influenciadas por uma, suposta, polarização ideológica, conduzida pelo poder das elites sobre as massas; pelo descontrole das *fake news*; pelas práticas de violência política e de falso moralismo; pela suscetibilidade das populações discriminadas devido à naturalização da tortura e da morte dos corpos rejeitados e humilhados pelo patriarcado branco racista e heterocisnormativo.

O mito da democracia racial (ideia de que no Brasil não existe racismo e que racista é quem denuncia o racismo) é ecoado quando a verbalização da frase “seremos todos atingidos pela pandemia da mesma forma” se torna um discurso que situa todos os sujeitos no “mesmo barco”. A população brasileira é 54%<sup>30</sup> composta por pessoas negras, e com o processo histórico do racismo e seus desdobramentos na sociedade, esses sujeitos são marginalizados no acesso digno aos direitos básicos como saúde, saneamento básico, educação, etc. Podemos até estar no mesmo “maremoto”, mas não estamos no “mesmo barco”.

Não é uma surpresa, pois, que os mais impactados por essas crises de grandes dimensões sejam quem são: comunidades negras urbanas e rurais, povos originários, comunidades tradicionais, camponesas, mulheres, LGBTI+. Em relação à pandemia é fundamental a sua compreensão em perspectiva interseccional, no mínimo, de gênero, raça, classe, sexualidades, território e identidades, para que possamos ter uma dimensão mais contextualizada das minorias sociais, “desuniversalizando” a narrativa de que, nessa crise humanitária, todos estão no “mesmo barco.”

Para começar, além de consequências, as pandemias do nosso tempo também são rastros do pensamento Antropoceno<sup>31</sup> sobre as relações sociedade - natureza, as quais predominam no modelo socioeconômico capitalista. Imposto historicamente por projetos e interesses dos brancos elitistas e eurocêntricos, tal modelo é baseado na exploração dos seres e dos bens naturais, entendidos como entes subordináveis às necessidades humanas, em especial às necessidades dos homens brancos, a quem caberia dominar todos os outros entes, incluindo as mulheres, as crianças e os outros homens. Esta exploração tem como método primordial a

---

<sup>30</sup> Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Fonte:

<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>

<sup>31</sup> Antropoceno quer dizer a “época dos humanos”, onde a atuação hegemônica e colonizadora da humanidade influencia diretamente nos processos e ciclos da natureza, causando um desequilíbrio ambiental.



UFC

FECOP

CONSEJO DE  
COORDENADORES  
DE CURSOS  
E FACULDADES



INSTITUTO  
DRAGÃO  
DOMAR



CEARÁ  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DE CULTURA

apropriação privada e uso exaustivo e predatório de corpos humanos, dos ecossistemas e da biodiversidade, e dos bens comuns como a terra e a água, gerando, ao mesmo tempo, degradação ambiental e dizimação e dominação sobre os povos.

Apesar dos avanços tecnológicos e das possibilidades de construir sociedades de direitos, preocupadas com a sobrevivência ambiental, esse pensamento e prática, propiciam o desequilíbrio ambiental, o surgimento de epidemias de zoonoses<sup>32</sup>, e a propagação destas por todo o globo terrestre. Ao propagar-se em sociedades marcadas pelas desigualdades estruturais dos sistemas socioeconômicos racistas e heteropatriarcais predominantes no planeta, a pandemia do coronavírus, por exemplo, tem escancarado a incapacidade das sociedades e Estados garantirem o básico direito à vida das pessoas.

No Brasil, as populações vulnerabilizadas historicamente pelo racismo são as mais afetadas pelas pandemias, enfrentando os mais altos índices de mortalidade e desamparo, ao passo em que o abuso e a violência contra as mulheres e meninas se tornam cotidiano nos ambientes domésticos e na política. Contudo, em pleno período pandêmico e de tragédias ambientais, quando se deveria aumentar as preocupações institucionais em relação ao desmatamento, o próprio ministro do Meio Ambiente é alvo de busca e apreensão feita pela Polícia Federal, acusado de crime de corrupção, advocacia administrativa, prevaricação e facilitação de contrabando de madeira ilegal na Amazônia. Por sua vez, a Câmara de Deputados aprovou um Projeto de Lei (hoje em tramitação) contra a regularidade e rigor de um cuidado elementar de prevenção e precaução, que são os licenciamentos ambientais.

Em suma, os impactos da destruição ambiental e a vulnerabilização social rigorosamente inerentes aos sistemas de exploração socioeconômica e, de violências legitimadas são agravados pela pandemia, sendo essa, por sua vez, consequência da própria exploração da natureza e dizimação da diversidade socioterritorial. Ou seja, os projetos e anseios da branquitude acumulam poder e riqueza ao destruir e promover o adoecimento e morte da natureza-humanidade. Portanto, para compreender esta realidade racializada é importante refletir criticamente sobre as relações de causa-consequência entre os projetos políticos, econômicos e culturais capitalistas brancos, a pandemia e as consequências na

---

<sup>32</sup> Zoonoses são as doenças transmitidas dos animais para os seres humanos, como o Covid-19.

vida da população não branca, mas também os privilégios brancos, responsáveis pela produção e reprodução de iniquidades.

### **3. Pandemia e pressão socioambiental: violência e oportunismo da branquitude**

A famosa expressão “passar a boiada”, dita pelo atual ministro do meio ambiente, Alexandre Salles, sugeria aproveitar o contexto para acabar com as restrições à exploração ambiental. A afirmação em reunião ministerial de 22 de abril de 2020, onde o então ministro da Educação Abraham Weintraub disse que odeia povos indígenas, ocorreu num período em que o Brasil contabilizava mais de 6000 mortos e, estava em curva ascendente da pandemia. O episódio evidencia como o contexto político-sanitário vem sendo apropriado pelos homens brancos e suas famílias. Mesmo durante a pandemia megaprojetos e empreendimentos privados - poluidores e devastadores - atuam fortemente no poder público, buscando amparo jurídico e administrativo para efetivar seus interesses, enquanto crescem o ódio e violência contra os indígenas e quilombolas.

Atualmente, com 450 mil mortos, enquanto a CPI da Covid no Senado brasileiro desvela os detalhes de uma política genocida do Governo Federal, a Câmara Federal busca acelerar o passo dessa “boiada” no parlamento nacional, com a atuação das bancadas ruralistas e governistas para esvaziar a legislação ambiental, buscando eliminar as exigências mínimas para o licenciamento ambiental. Do mesmo modo, a militarização dos órgãos ambientais e das instituições públicas, representa retrocessos na democracia ambiental e redução da presença e participação da sociedade civil na incidência social e política sobre tomadas de decisões. Enquanto isso, os conflitos socioambientais e fundiários e a violência nos territórios se agravam, numa crescente naturalização de uma cultura de ódio e instigação à perseguição, à tortura e à morte.

A negligência do Governo Federal atinge patamar genocida, de modo que, já são mais de 100 pedidos de impeachment do presidente da república, que cotidianamente esbanja os recursos públicos em passeios, carreatas, festas e aglomerações sem quaisquer cuidados sanitários, descumprindo cinicamente todas as normas de prevenção e proteção e incentivando o uso de medicamentos sem comprovação de eficácia. Por razões ideológicas negacionistas, no segundo semestre de 2020 o Governo Federal rejeitou 11 ofertas de

vacinas, não empreendeu esforços para evitar que mais de 30 pessoas morressem asfixiadas sem oxigênio na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

A Covid-19 expõe e agudiza as violações de direitos as quais as comunidades tradicionais e os povos originários são submetidos, com seus territórios ancestralmente ocupados, visados e assediados pelos interesses de lucro do capital branco, o qual se impõe acima da dignidade e do direito à vida para os povos não-brancos e da conservação ambiental. Se os maiores índices de letalidade da Covid-19 nos centros urbanos afetam os territórios de maioria negra, no campo as populações originárias e tradicionais, étnica e racialmente excluídas, são as mais afetadas, como o que vem acontecendo com a Comunidade Quilombola do Cumbe, no Ceará, a quem tem sido negado o direito à vacina, e com o povo Yanomami, em Roraima, massacrado por interesses privados de garimpeiros<sup>33</sup>, e que numa missão do próprio Ministério da Saúde, supostamente de combate à Covid, recebeu cloroquina, que além de não ter efeito no tratamento, expõe os pacientes a riscos de outros adoecimentos e mortes. Nos territórios tradicionais pesqueiros, indígenas e quilombolas, as vulnerabilidades se expressam também na insuficiência das políticas setoriais em relação à saúde pública, à educação infanto juvenil e às políticas socioassistenciais. Os impactos da pandemia no cotidiano aumentam a sobrecarga de trabalho das mulheres e os riscos da violência doméstica, e a dependência socioassistencial. Soma-se a isso, a carestia e a insegurança alimentar, assim como a expansão da violência afetando diretamente a vida das juventudes, crianças e adolescentes.

No Estado do Ceará, por exemplo, nas comunidades pesqueiras, durante a segunda onda de contaminação, enquanto há um grave e preocupante aumento no número de casos de Covid-19, a branquitude usando seus privilégios se desloca para os territórios litorâneos como turistas em férias, desobedecendo as medidas sanitárias estaduais de isolamento social, e expondo as comunidades ao adoecimento e óbito, visto que essas possuem menor acesso às políticas e equipamentos de saúde e segurança sanitárias. Outra questão relevante para essas comunidades é a insegurança econômica com a queda parcial ou total da renda das famílias, realidade que corrobora com outro forte impacto que é a compra e venda

---

<sup>33</sup> Para além dos agravos no acesso à saúde e alimentação pelo contexto pandêmico, o povo Yanomami vem sofrendo ataques com arma de fogo. Fonte: <https://www.ecodebate.com.br/2021/05/12/novo-ataque-contra-o-povo-yanomami-revela-omissao-do-estado/>

ilegais de terras. Além disso, a intensificação da especulação imobiliária gera conflitos intracomunitários e inseguranças sobre a preservação desses territórios e dos modos de viver e produzir a eles associados.

Em espaços virtuais de diálogos e trocas de saberes<sup>34</sup>, as comunidades tradicionais, os povos indígenas e quilombolas, denunciam e apontam a reprodução do racismo ambiental no contexto pandêmico em múltiplas formas. Entre elas destaca-se a aceleração nos processos de licenciamento ambiental para megaprojetos, e, em contraponto, a lentidão nos processos de titulação, demarcação e regularização fundiária para as comunidades.

A imposição da virtualidade, assim como o baixo acesso à comunicação e à internet, e onde sequer se pode confiar no Ministério do Meio Ambiente e nos órgãos públicos, agravam-se também as desigualdades de acesso às políticas e poderes públicos, à comunicação, ao sistema de justiça e à outras condições objetivas para enfrentar os oportunistas que se aproveitam do contexto de morte e luto para cometer violências e crimes contra o meio ambiente e os direitos dos povos.

#### **4. Pandemia e Racismos nas periferias urbanas**

Ao se disseminar nos centros urbanos, a pandemia gera impactos cumulativos e sinérgicos sobre este meio ambiente, encontrando ambientes altamente degradados do ponto de vista socioambiental, ou em linha vertical de degradação, como o são as grandes metrópoles e as cidades médias em processo de urbanização e industrialização. A intervenção de grandes projetos econômicos que demandam vastas terras, provocam mudanças estruturais nos territórios, sendo uma delas a urbanização racialmente segregada, marcada pelos privilégios dos sujeitos e territórios brancos, ou cobiçado para especulação, exploração e/ou gentrificação de seu uso e ocupação.

Fato é que, nos territórios urbanos o poder de decisão e a riqueza gerada nas formas de ocupação e uso da terra, dos ecossistemas e a biodiversidade, assim como os privilégios na distribuição do acesso aos bens comuns como água, moradia, saúde e saneamento, e no direito à qualidade ambiental, também se concentram em sujeitos de pertencimento brancos.

---

<sup>34</sup> Como, por exemplo, a live “Racismo Ambiental e Conflitos Socioambientais: um olhar desde os povos” realizada pelo Instituto Terramar e promovida pelo Centro Cultural Bom Jardim dentro da Mostra pela Vida, dia 23 de março de 2021. Disponível no link [<https://youtu.be/-WgO72chjgs/>]

Setores da construção civil e infraestrutura, transporte público, imobiliário, turístico, industrial e outros poderes políticos e econômicos incidem de forma desigual e bastante desleal sobre o Estado e a política, em relação às comunidades periféricas de maioria negra, às quais enfrentam os despejos forçados, as iniquidades das políticas públicas e as tragédias da criminalização, encarceramento e extermínio.

O sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS), se desdobra no menor acesso às políticas de saúde por pessoas negras. Dificultando, assim, a garantia de um direito básico em tempos de crise sanitária e humanitária. Há, também, o não preenchimento do pertencimento étnico-racial relacionados a casos confirmados ou óbitos por covid - 19<sup>35</sup>. O racismo institucional negligencia a saúde da população negra e encobre os mais impactados. Apesar disso, existe a Portaria 344 de 2017 do Ministério da Saúde que torna essa ação obrigatória “*nos formulários dos sistemas de informação em saúde*”.<sup>36</sup>

Se os protocolos de biossegurança e medidas sanitárias de cuidados primários envolvem o acesso à água potável e condições de higiene, muitas populações, em específico negras, não possuem o acesso digno ao saneamento básico, o que ocasiona vulnerabilidades, tornando essas pessoas suscetíveis ao vírus e aos impactos em sua dimensão mais graves e profundas.

A população não-branca é a que tem menos acesso ao trabalho e serviço remoto, e é a que mais utiliza transportes públicos para seus deslocamentos. Na cidade de Fortaleza, em pleno contexto de pandemia, as frotas de ônibus foram reduzidas<sup>37</sup>, impossibilitando o mínimo de distanciamento social para a classe trabalhadora. Não é à toa que no país o número de óbitos por função empregatícia indicam que motoristas de transporte coletivo,

---

<sup>35</sup> População negra e periférica é mais vulnerável à pandemia, diz estudo. Fonte:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/covid-19-populacao-negra-e-periferica-e-mais-vulneravel-a-pandemia-diz-estudo/>

<sup>36</sup> Ministério da Saúde - Portaria nº 344, de 1 de fevereiro de 2017. Fonte:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344\\_01\\_02\\_2017.html#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%20344%2C%20DE%201%C2%BA,sistemas%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20em%20sa%C3%BAde.&text=Nos%20casos%20em%20que%20n%C3%A3o%20campo%20denominado%20ra%C3%A7a%2Fcor](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%20344%2C%20DE%201%C2%BA,sistemas%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20em%20sa%C3%BAde.&text=Nos%20casos%20em%20que%20n%C3%A3o%20campo%20denominado%20ra%C3%A7a%2Fcor)

<sup>37</sup> Em Fortaleza, motoristas de ônibus protestam e exigem a vacinação e retorno de 100% da frota. Fonte:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/04/20/terminal-de-onibus-do-papicu-e-fechado-em-protesto-de-motoristas-pedindo-vacina-e-circulacao-de-100percent-da-frota-em-fortaleza.ghtml>



UFC

FECOP

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO



caixas, frentistas e vigilantes, estão entre os que mais morrem de covid-19<sup>38</sup>. No entanto, apesar dos dados evidenciarem o risco de morte devido à exposição a aglomerações e contatos sociais associados às suas funções, os trabalhadores e trabalhadoras dessas atividades essenciais não são prioridades para a vacinação. É importante destacar que essa exposição nunca é singular, mas quando um trabalhador e uma trabalhadora são expostos, toda sua família é exposta junta.

Nesses tempos, o uso da tecnologia da informação e comunicação se tornam ferramentas necessárias para a manutenção das medidas protetivas e de distanciamento social, sendo indispensáveis para o andar educacional, no campo e na cidade. Mas, muitas pessoas não possuem/dispõem de um acesso democrático a essas tecnologias, embora que, democratizar o acesso a elas e dispor de estruturas mínimas para o ensino remoto seja imprescindível na garantia do direito à educação em tempos de pandemia.

Quando refletimos sobre o processo educacional, para além da negação ao direito à educação, visto que as pessoas não-brancas são quem menos estão tendo - ou não estão tendo de forma alguma - acesso ao sistema educativo, há ainda a sobrecarga no trabalho das mulheres, seja em territórios urbanos ou camponeses. Fruto de uma divisão injusta e sexual do trabalho, as mulheres acumulam funções. Sobrecarregadas historicamente com os trabalhos de cuidados, domésticos e convencionais, a pandemia agudiza a sobrecarga física e mental das mulheres. São elas que cuidam dos adoecidos, acompanham as crianças em suas tarefas escolares, promovem o acesso à alimentação, e assumem outras diversas responsabilidades atribuídas de forma naturalizada e invisibilizada.

A afetação no sistema de educação pública tem dimensões de altas proporções comunitárias, familiares e individuais nos territórios mais empobrecidos, que são de maioria negra, como a maior exposição e impossibilidades de autodefesa em ambientes domésticos violentos onde há práticas de violência sexual contra crianças e adolescentes, violência contra as mulheres e pessoas LGBTI+.

A violência urbana e o genocídio da juventude negra não recuou durante a pandemia, sendo a violência letal, considerada por importantes especialistas, como uma pandemia

---

<sup>38</sup> Estudo realizado por Lagom Data para o Jornal El País. Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-05/caixas-frentistas-e-motoristas-de-onibus-registram-60-a-mais-de-mortes-no-brasil-em-meio-ao-auge-da-pandemia.html>

paralela. Não é à toa que vimos em plena pandemia um crescente conflitos armados abertos e violência letal contra territórios, comunidades e pessoas. Os cemitérios e prisões seguem enchendo-se de jovens negros das periferias, com os agravos dos níveis de letalidade impostos pelo próprio Estado e sua inércia em enfrentar os problemas.

## **5. Sobre viver e re-existir para além do racismo e da pandemia**

Seja na atual conjuntura, seja nas práticas e concepções históricas, a visão reducionista de mercantilização das terras/territórios e de bens naturais/ambientais, tenta esvaziar o significado histórico e sociocultural das territorialidades ocupadas ancestral e tradicionalmente por diferentes populações que possuem suas próprias formas de viver e de ocupar os territórios. Contudo, em contrapartida ao sistema capitalista e seus modos de reinvenção ao longo dos tempos que nos demonstra mais sobre propriedade privada, desumanização dos corpos e destruição dos bens ambientais como projeto hegemônico de morte, outros sujeitos sociais, em específico os que foram racializados pela branquitude e impactados pelos megaprojetos, nos demonstram narrativas e maneiras de cuidar, proteger e garantir a resistência ancestral.

Essa diversidade de corpos e modos de vida são, inclusive, potencializadoras de novas formas de relações entre as pessoas e a natureza. A importância de evidenciar o debate sobre o Racismo Ambiental no contexto da pandemia da Covid-19, se dá, também, por visibilizar a existência de outras possibilidades de se relacionar com a terra, mais saudáveis do que o imposto econômica e culturalmente pela branquitude. Precisamos voltar nossos olhares e nossa escuta atenta aos povos originários, comunidades quilombolas e tradicionais, às comunidades negras das periferias urbanas que resistem construindo solidariedade coletiva e cotidiana para a sobrevivência. A diversidade e os saberes ancestrais precisam ser devidamente respeitados se queremos um mundo melhor e mais justo.

A branquitude ocidentalista egóica se vê desvinculada e superior à natureza, por isso mata e destrói, ao passo em que a diversidade dos povos e modos de viver e de produzir encontra potências transformadoras. Esses povos estão na linha de frente na preservação dos



bens comuns e naturais, protagonizando a luta contracolonial, na resistência e defesa de suas existências, sendo assim, os verdadeiros guardiões da vida - humana e não humana - na Terra.

Diante de tantos desafios e verdadeiros genocídios sociohistóricos que permanecem e são agudizados nesse contexto político brasileiro, a resistência sobre viver acontece justamente na auto-organização comunitária, na luta contra o racismo, desvelando as relações de poder e propondo novas formas de construção de uma sociedade igualitária e antirracista. Vale lembrar que na ausência do estado — que na verdade se faz presente ao violar direitos e coordenar uma necropolítica — são as chamadas minorias, e sobretudo, as mulheres nelas presentes que, entre seus lutos e suas lutas, conduzem os processos históricos de enfrentamento e resistências constantes para a garantia do direito à vida. Essa experiência também carrega sinais de esperança.



# ANEXO II

## Gráficos do Perfil Socioeconômico (Por Matrícula)

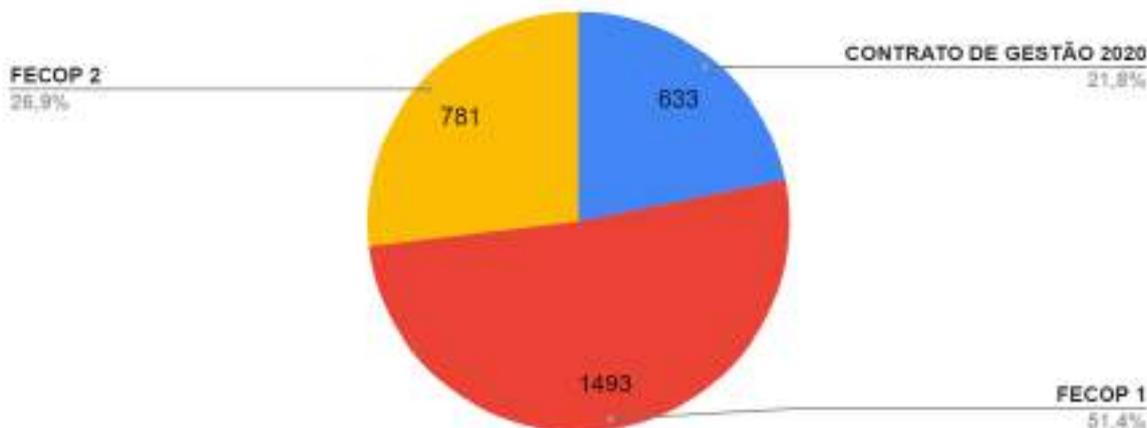
Matrículas do Contrato de Gestão 2020 e FECOP (Janeiro 2020 a Março de 2021)



## Gráficos do Perfil Socioeconômico - Matrículas do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

### MATRÍCULAS POR PROJETO

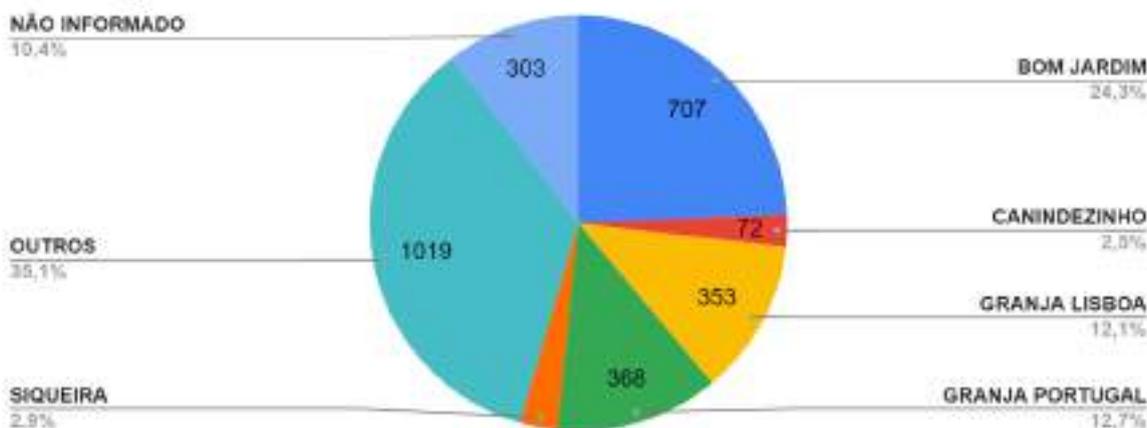
Número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

### ATENDIMENTO POR BAIRRO

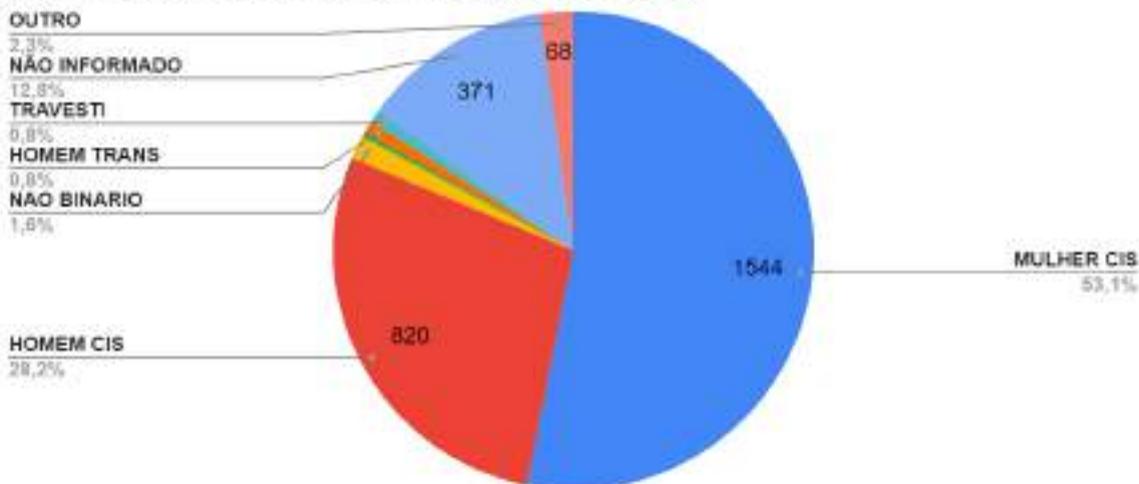
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## IDENTIDADES DE GÊNERO

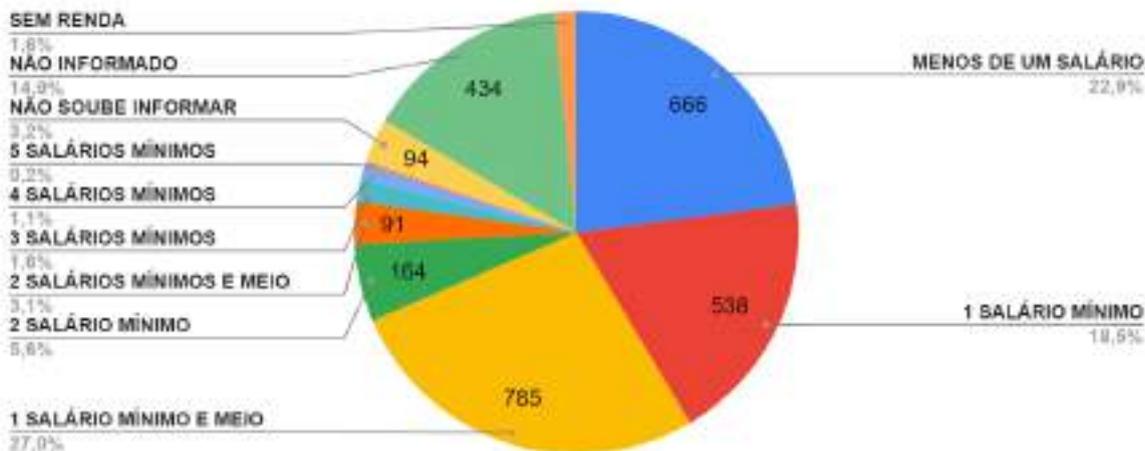
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## VALOR DA RENDA MENSAL APROXIMADA

Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)



FECOP

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA



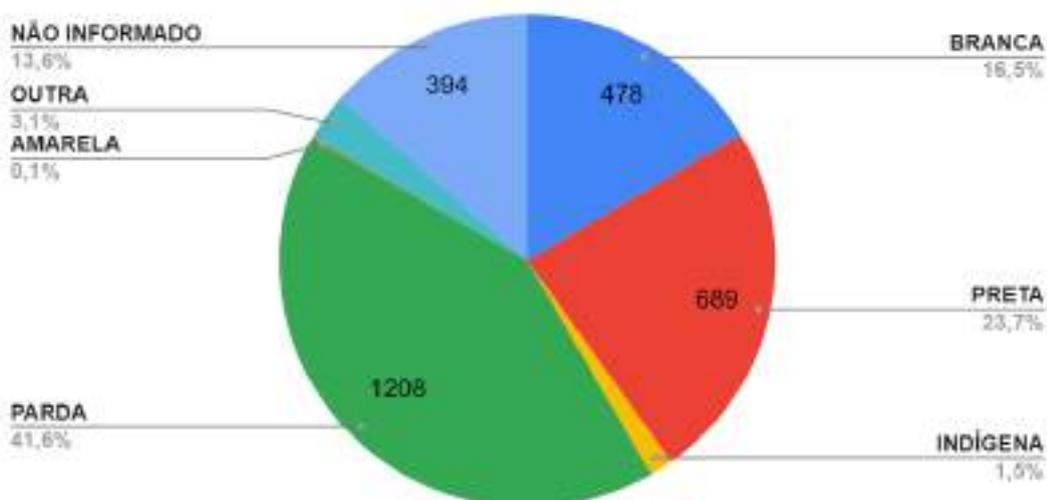
INSTITUTO DRAGÃO DOMAR



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

## RAÇA/COR/ETNIA

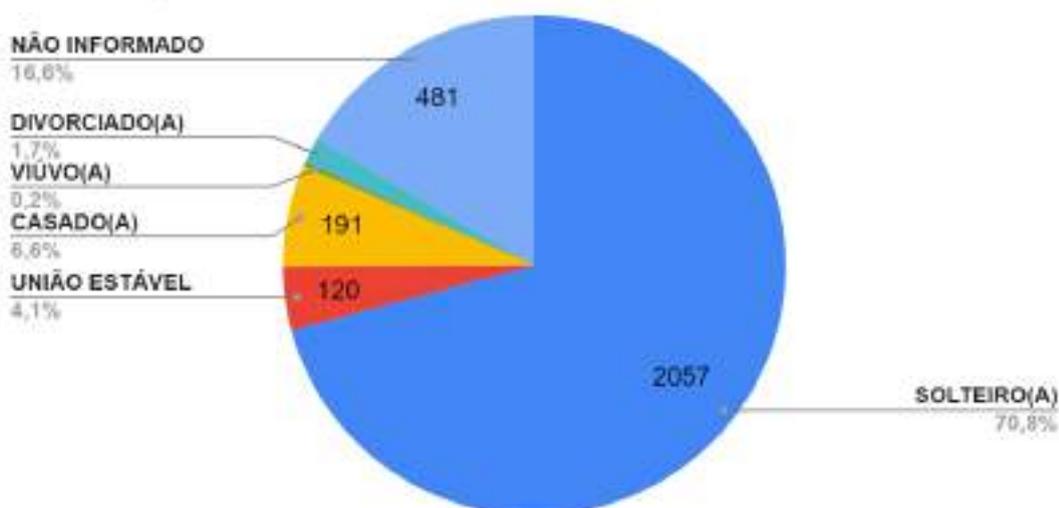
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## ESTADO CIVIL

Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)



UFC

FECOP

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA



INSTITUTO DRAGÃO DOMAR

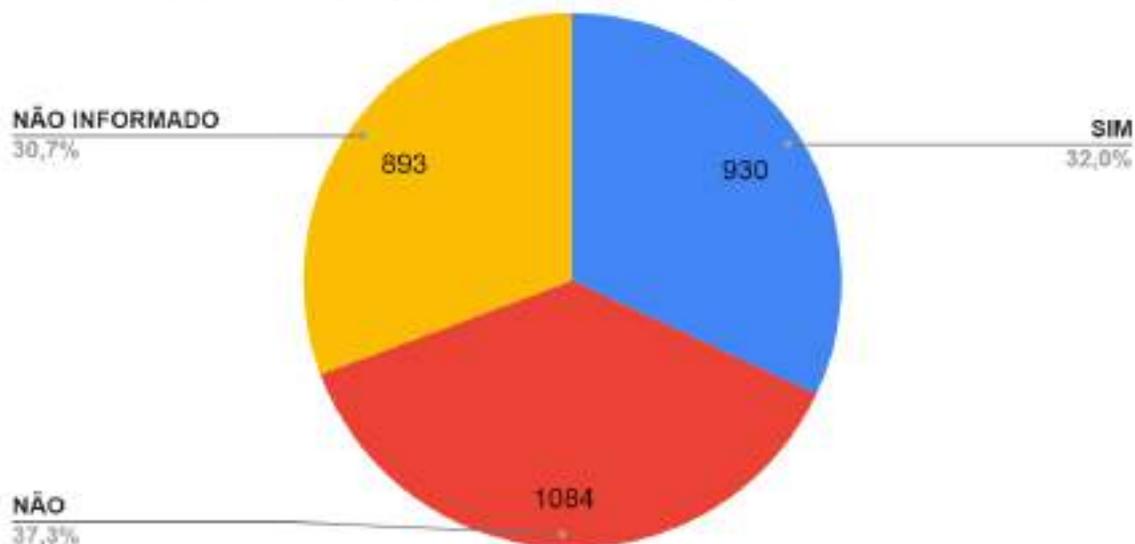
ceará cultura SICUT



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

## BENEFICIÁRIO DO BOLSA FAMÍLIA?

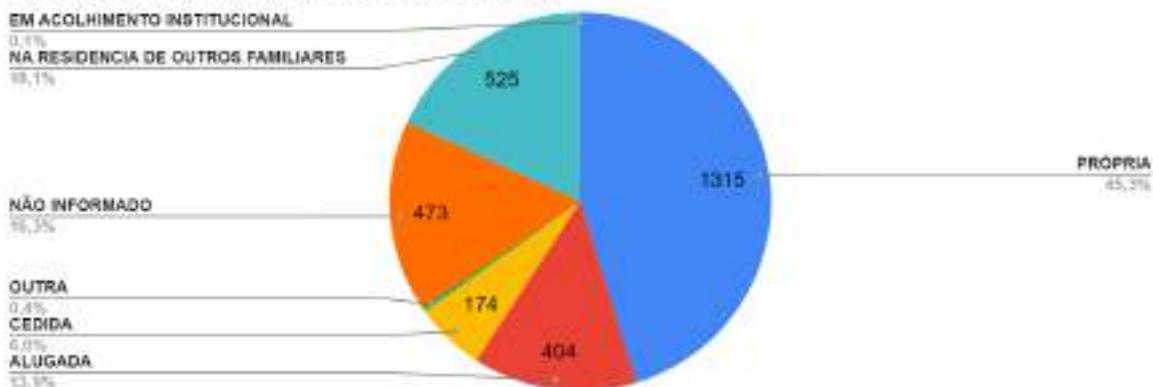
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## SITUAÇÃO DE MORADIA

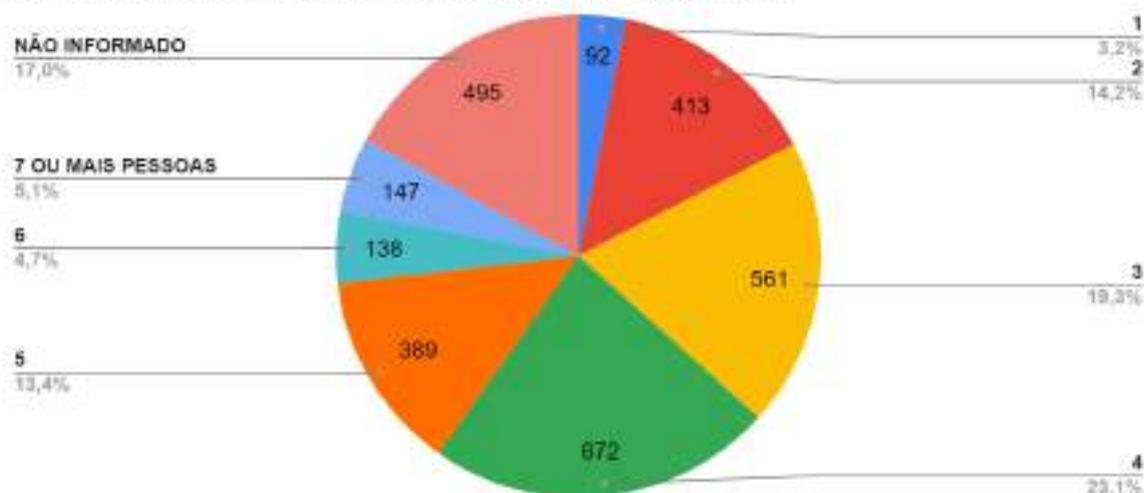
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA?

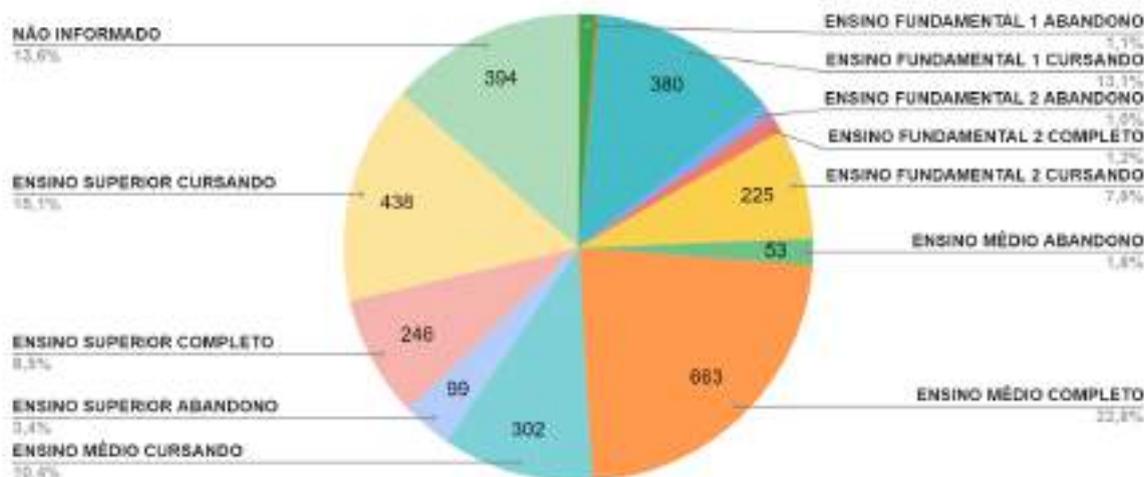
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## ESCOLARIDADE

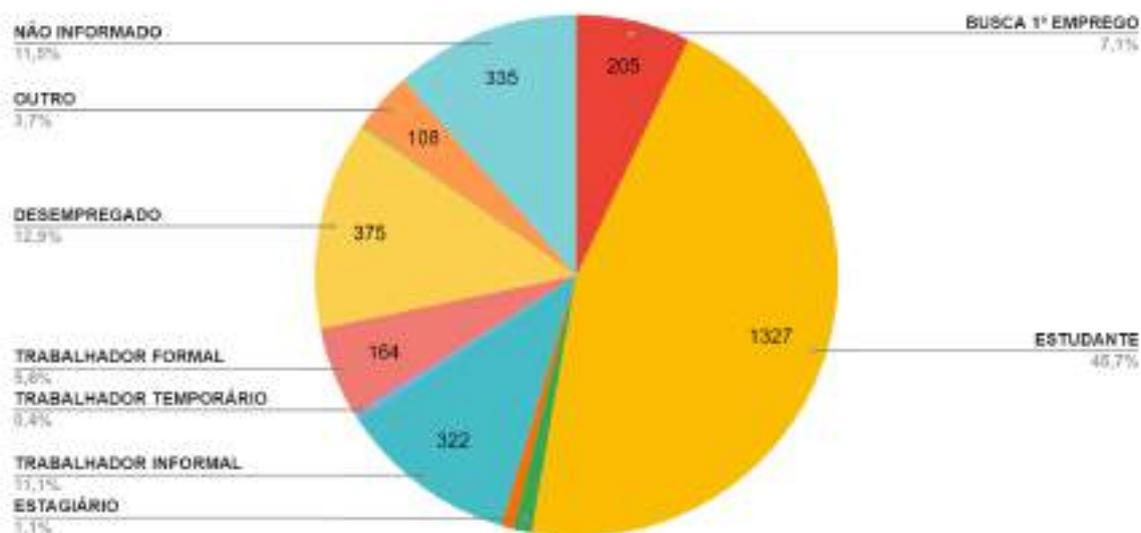
Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

## PERFIL PROFISSIONAL

Porcentagem sobre o número total de Matrículas: 2907



**Legenda:** Porcentagem calculada sobre o número total de matrículas realizadas nos projetos “Contrato de Gestão 2020” e “FECOP: Tempos de Cultura” : 2907 matriculados. **Fonte:** Banco de Dados do Perfil Socioeconômico - Alunos do Contrato de Gestão 2020 e FECOP 2020 (Janeiro 2020 a Março de 2021)

# ANEXO III

## Cartas ao Grande Bom Jardim

Cartas de Kelly Enne Saldanha, Livia de Paiva Rodrigues, Jéssica Teixeira, Nayana Santos, Diego Furtado Rodrigues e Marcello de Souza.



## CARTA À COMUNIDADE

Chegamos em meados de maio de 2021 e uma pandemia ainda devasta vidas, sonhos, continuidades... O projeto de extermínio da periferia ainda segue em curso e precisamos mais que nunca nos unir para vencer não só a doença do corpo, mas a da mente também. Vivemos tempos sombrios há muito, mas sempre acreditando na luz que surge no fim desse túnel.

Chegamos em meados de maio de 2021, mesmo dentro de uma estrutura que se repete há meses, prontos para recomeçar. Mas todo recomeço tem escolhas a serem feitas. E aceitar os desafios de continuar a trabalhar no Centro Cultural Bom Jardim, diante de todos os desafios que se multiplicaram nos últimos meses também é questão de saúde. Alguns amigos deixam de fazer parte do corpo CCBJ e passam a incorporar outros espaços. Esse movimento é natural e constante, mas nesse último ciclo foi adoeceador.

Chegamos em meados de maio de 2021 com a expectativa de ter novos companheiros nesta luta de formação artística dentro da periferia, luta essa que além de mediar e fomentar processos formativos, busca qualidade. É necessário entender a assistência social como braço na formação artística, em qualquer tempo que estivermos. E como tal, é primordial estabelecer responsabilidades mútuas para não sermos confundidos com filantropia, caridade.

Um novo ciclo se inicia e as expectativas são de fortalecimento do CCBJ, revendo suas precariedades e revisitando seus objetivos. Rever fluxos administrativos da ponta( CCBJ) até o IDM e desburocratizar os processos. Nosso desejo é de resposta imediata e solução pra ontem. É tudo pra ontem! Já perdemos tempo demais. Já perdemos demais. Precisamos sempre dar dez passos adiante de toda a



sociedade e isso se multiplica se somos mulheres pretas, bichas pretas, trans, indígenas, dentre outras que acumulam processos históricos de exclusão.

Somos um centro cultural de base comunitária. Somos um centro cultural. Somos base comunitária. Somos um mundo dentro de quatro letras (CCBJ) e nosso desejo é que possamos ser referência nacional neste trabalho. É TUDO PRA ONTEM!

Kelly Enne Saldanha | Coordenação de Formação em Teatro



**À comunidade, às instituições parceiras, aos alunos, professoras e professores,  
artistas e amigos do Grande Bom Jardim,**

algumas notas sobre sonhar junto,

Queria que eu pudesse falar em roda, como a gente sempre fez, fosse na biblioteca, na praça, no teatro, sentando perto de vocês. Não posso deixar de lamentar que eu fale ou vocês leiam isso aqui através de uma tela. Também não posso deixar de antes de qualquer coisa me solidarizar com todo mundo desta enorme casa que a gente forma, que tenha perdido alguém que nela morava, seja pela pandemia ou por essa epidemia de violência tão grave quanto a COVID.

Anuncio aqui oficialmente minha saída do cargo da Coordenação de Audiovisual. Queria ter avisado na reunião de gestão compartilhada na reunião de abril, mas foi época que eu peguei Covid. Dentre as tantas mudanças que a pandemia trouxe, esse encerramento de um ciclo pra mim foi uma delas. Atualmente retornei para o CCBJ para fazer a transição, acompanhar processo seletivo e passar a bola da forma mais ética e comprometida que eu puder com a bagagem desses últimos anos de estruturação da Escola de Cultura e Artes de que fiz parte.

O CCBJ existe de forma grandiosa na minha vida há 5 anos. Primeiro como aluna, depois professora, público das apresentações e desde 2019 como coordenadora. Sei que diante dos 16 é muito pouco, mas pra minha trajetória profissional, para minha formação social e política, foi das maiores escolas da minha vida. Destaco aqui algumas instâncias muito importantes para essa formação: o âmbito da



gestão compartilhada, com a presença essencial para a existência desse equipamento, monitoramento das políticas públicas e garantia da escuta e execução do que é melhor para comunidade segundo ela mesma. Foi e é uma aula de participação social sobre políticas públicas, e logo sobre transformação e potencialização comunitária, que a gente expande para todo estado do Ceará e além. A segunda instância foram meus colegas de trabalho, tanto professores que passaram quanto a equipe que se tornou família, convivemos maior parte do tempo nesse últimos anos, todos os dias, e sonhar junto é algo muito forte, e é de comum noção que o trabalho é muito e por vezes traz um peso de não conseguirmos escoar tudo que queremos ou mesmo que podemos por dependermos de estrutura maior, e a companhia de vocês tornou por tantas vezes, ainda assim, as coisas leves e sobretudo, muito, muito, muito potentes. Se o CCBJ se reinventou ano passado expandindo demais as fronteiras, sem nunca perder as raízes e frutos no bom jardim, foi porque tivemos uma luta histórica pelo aumento e garantia dos recursos pela comunidade, Fórum de Cultura do GBJ, esforço de gestões e também pela garra de quem está trabalhando e estudando como migrar, prosseguir, construir esse território virtual de uma forma que seja convidativa, inventiva, e acessível a despeito das desigualdades sociais que vêm atreladas às tecnologias de ensino e fruição remotas. Desafio que a gente ainda não venceu, e não vai ser só pela política cultural que vamos vencer, mas nunca será sem ela. Então a esses profissionais toda minha admiração e respeito. E a última instância de aprendizado, e não menos importante, foram os alunos. Alguns cheguei a conviver durante todo meu exercício do cargo de coordenação. A gente cresceu junto, absolutamente tudo que foi feito tem todas as mãos de quem passou pelo Programa de Audiovisual, pelo que questionou, pelo que sugeriu, pelo que fez dar certo, pelo que erramos, pela partilha de experiência, pelo encontro da diferença e,



mais uma vez, pela fé em sonhar junto. Fico muito feliz de ter participado da história da primeira turma do Extensivo em Audiovisual do CCBJ, dos mais de 80 cursos acompanhados ao longo desses anos, e a gente ainda vai ver frutos desse investimento público nessa formação. Sou suspeita para falar por ser a área que eu escolhi, mas minha fé no audiovisual vem dele tem uma capacidade imensa de transformar as nossas impressões sobre o mundo, de potencializar uma leitura social crítica e ampla sobre aquele recorte ali colocado diante da gente pelas imagens em movimento, de documentar, de romper com estigmas, e de criar referências para que todos os e as sujeitas se vejam parte do mundo, se vejam pertencentes e podendo ser o que quiserem. Que nosso CCBJ abra caminhos para que o Audiovisual seja cada vez mais mulher, mais criança, mais negro, mais indígena, mais nordestino, mais cuir e mais def, criando referências e mundo em que todos possamos (e queiramos!) morar.

Senti falta de termos tido um momento de avaliação do ciclo passado, porque tínhamos muito pra falar, ouvir e pensar o que podemos aprender desse primeiro ano de CCBJ virtual, de implementação do então maior orçamento que o Centro Cultural já teve nesses anos e poderemos também avaliar nosso diálogo para essa implementação. Não tendo tido, e sendo essa uma carta derradeira, (derradeira só de um ciclo), queria destacar, não deixar passar, dois pontos que considero a partilha com vocês muito importante. O primeiro ponto a gente já sabe, afinal contra ele lutamos junto, (o verbo lutar conjugamos no passado e no presente), mas fica o registro e que a gente sublinhe até que se modifique, que é a precarização do prestador de serviço no CCBJ, sem a mínima garantia de direitos, para qualquer que seja o setor, e que resvala em todas as ações que o centro desenvolve. Além da grande diferença de pagamentos em relação a outros



equipamentos culturais da mesma Secretaria, o que desvaloriza o equipamento, os profissionais e a comunidade, a implementação da pejetização vai na contramão da luta histórica pelos direitos trabalhistas. O segundo ponto, o que posso dizer que impactou na minha decisão, é que não conseguiria seguir realizando um fluxo como vinha acontecendo, e tem de tudo para mudar nesse ciclo, por não conseguir separar o que era meu trabalho, do que era resposta da instituição para o aluno(a) ou colaborador que prestava serviço, dedicava seu tempo, com toda responsabilidade e compromisso e muitas vezes não era respondido sobre seu direito de receber, nem perspectivado quanto a prazo para poder se organizar. Parte do meu papel era mobilizar pessoas para sonharem e construir junto com o programa de Audiovisual do CCBJ. Esse sonho muitas vezes era interrompido por uma realidade que não queremos para nossa comunidade, pois esses profissionais que dedicavam seu tempo e fé, não recebiam da outra parte o mesmo cuidado. Vejam que nem falo sobre efetivação de pagamento apenas, esse é sim o ponto crítico que sempre se conclui, mas o direito básico aqui em questão é o princípio de respeito mútuo de termos resposta sobre o acesso a essa informação do status e prazos de nossos processos. Adiciono a esse ponto a necessidade de mudança do pagamento aos bolsistas: se o valor de uma bolsa vem meses depois de concluído um processo formativo, não é ajuda de custo para que se consiga estudar, é prêmio para aqueles que puderam/tiveram condições estruturais de concluir um curso. Nesse caso, não é só o respeito a um prazo de pagamento, mas a importância de uma mudança dele, para que a política pública chegue para quem mais precisa, ainda mais em tempos mais difíceis como o atual. Sentimos as mudanças referentes a algumas instâncias que podem mudar esse quadro, sabemos de cor os motivos tecnológicos para um fluxo manual, complexo e demorado, mas os colaboradores, alunos e famílias terem resposta sobre prazo de pagamento, bem



como que os profissionais da casa tenham acesso a um protocolo evidente para saber qual resposta dar a uma família ou ao profissional que pede informação, e o administrativo ser melhor instrumentalizado para tal, é essencial para a transparência e solidez do equipamento. Ideal seria existir um canal de comunicação direto para informações sobre processos e pagamentos. Rápido, transparente e acessível. Não personalizo essa falha, mas que ela seja considerada falha, e que a gente não se tranquilize enquanto não resolver. Afinal - parafraseando o que Lincoln Péricles traz para o Audiovisual a partir do Sabotage - sonhar junto é compromisso.

Ao Joaquim toda admiração desse mundo pela sua dedicação ao trabalho nesse Centro Cultural, nesse grande Bom Jardim.

A cada um de vocês, minha gratidão. Vocês confiaram em mim e hoje são parte da minha história, da minha vida, todo meu respeito. Muito obrigada.

Seguimos sonhando juntos.

Lívia de Paiva Rodrigues



**Pra iniciar, essa carta, é importante que eu me apresente, já que vocês não estão me vendo. Sou Jéssica Teixeira.** Mas, à primeira vista, sou um corpo estranho que transitava por essa cidade com bastante frequência, e que agora habita com essa mesma frequência a cadeira de escritório preta localizada no meu quarto e a internet. Esse corpo estranho, que eu começo agora a contar pra vocês, é constituído também por uma pele clara, longos cabelos castanhos meio alourados, meio ondulados e com 13 dreads. Falta algumas coisas nesse corpo, como, por exemplo, algumas costelas e vértebras. Nasci também com uma genitália feminina, com longas pernas e um sorriso grande.

O que não dá pra ver, assim, de longe, é que eu sou artista, que tenta criar e inventar os próprios espaços de trabalho, mas que já precisou furar e forçar a entrada em alguns lugares. Escutei até uma vez sobre entrar chutando a porta. E respondi que chutei mesmo pra fazer dela uma rampa. Mas não é sobre rampas improvisadas que vim falar nessa carta. Enfim, voltando... precisei estabelecer meus próprios acessos aos trabalhos. Acho que esse é um ponto em comum que temos: precisar furar e chutar algumas portas pra acessar ou criar os próprios espaços.

E falando em comum.. ô coisa estranha e difícil: encontrar corpos comuns ao meu. Acho que é por isso que eu tenho tanta admiração pelas comunidades. Elas sempre foram uma realidade distante pra mim. A solidão é muito presente em corpos como o meu e talvez esse seja o nosso lugar comum, lugar das pessoas com deficiência.

Gostaria nessa carta de ressaltar a admiração e a satisfação de poder estar presente no Centro Cultural Bom Jardim de diversas formas desde 2018. Apresentando um espetáculo como atriz, dando aula, produzindo coletivamente, e



agora estando numa função que mexe tanto com as minhas entranhas: uma coordenação / supervisão em acessibilidade. O que é isso? Acessibilidade? Eu mesma não fazia ideia há alguns.

Os processos violentos e de exclusão que vivi durante toda a minha vida estiveram tão naturalizados em mim, que eu demorei bastante pra perceber que essas violências, eram de fato violências e opressões. Passei mais de 20 anos acreditando que eram processos normais da vida. Até porque eu cresci ouvindo me dizerem que “a vida é assim mesmo!” Não é. E não pode continuar a ser. Percebi que não dava pra ficar desviando das dores, nem muito menos baixando a cabeça pra elas. Chegou um momento que decidi colocar mais ainda a mão na massa e encarar de frente essas opressões. Depois dessa tomada de decisão, muita coisa mudou. Talvez não no mundo, mas na minha vida e no entorno em que eu habito, sim.

O lugar da acessibilidade que aqui colaborei e ajudei a construir juntamente com Joaquim e com a equipe do CCBJ é um dos lugares mais fortes e de experiências mais coerentes que já estive. Imaginem só! Quando eu assistia as pessoas falarem de acessibilidade, eram sempre pessoas bípedes, ouvintes e videntes (a gente chama assim pessoas que não tem deficiência). Quando me convidavam, antigamente, pra falar sobre isso, eu sempre respondia que nunca tinha estudado sobre acessibilidade, então eu não poderia fazer uma fala sobre esse tema ou construir algo em acessibilidade ou algo acessível. Que engraçado, né? Comecei a perceber que pra muitas pessoas (ainda que de forma inconsciente) era bom continuar com os excluídos e com os que sentem incapazes pra favorecer aqueles que queriam manter suas visibilidades e até seus lucros em cima desses nossos corpos.



Também era bom para o ego daqueles que insistem em continuar com o verbo “dar” nos seus vocabulários, quando a pauta é essa: “dar” acesso, “dar” visibilidade, “dar” oportunidade. Vocês que ainda é possível pessoas que acham que estão dando acesso pra alguém? Pois é. Acho que vocês já devem ter visto essa novela e essa cara de pau de várias formas e vários ângulos. Hoje, eu rio bastante e identifico fácil. Embora a luta seja pesada e difícil. Até porque sabemos, construindo um paralelo com outras causas, o quão incoerente é pautar racismo com pessoas brancas, pautar violência contra a mulher com homens, pautar transfobia com pessoas cis. Por que não pensar acessibilidade com as pessoas com deficiência que passam na pele e nos ossos por todos os processos de exclusão?

Na história, comecei a estudar que nossos corpos com deficiência (nossos bebês ancestralizados) foram jogados do penhasco, espetados pelas espadas de soldados, queimados vivos na fogueira, ou abandonados pela própria família na tribo, pois para a história da bipedia compulsória (um termo criado pelo amigo Edu O, trazendo um paralelo a heterossexualidade compulsória) não havia formas de existência para nós. Nossos corpos não chegaram nem na câmara de gás, porque morreram de fome ou foram eutanasiados antes. Hoje, é um fato que ainda não somos nem interesse para os números estatísticos, nem para a medicina. Embora sejamos 24% da população brasileira (cerca de 24 milhões de pessoas com deficiência) e 38% da população de Fortaleza (cerca de 646 mil pessoas com deficiência).

Talvez, a sociedade civil ainda nem perceba que não estamos nem nos ciclos de amigos. Talvez, não sejamos aqueles com os quais seja interessante se relacionar, apresentar para a família ou para amigos. A luta anti capacitista parte dos nossos desejos de aproximação e de convivência com esses corpos com



deficiência. Não haverá luta anti capacitista sem as pessoas com deficiência. Não haverá acessibilidade sem as pessoas com deficiência nos espaços. Nada sobre sem nós.

Hoje, eu olho pra essa caminhada de reflexões recentes e vejo os passos largos com pernas longas que o CCBJ já traçou dentro dessa luta. Construímos ações a partir de pensamentos político-socio-econômicos e inclusive artístico. A prática artística, por ser uma prática, é uma ética. É importante lembrarmos também da força que o CCBJ é para a formação e a pesquisa: dois lugares poderes de uma mudança nas práticas de todos envolvidos e do seu entorno. E isso foi o que mais trouxe vida e força. A mão na massa de uma prática constante de sobrevivência e a adaptação. A adaptação é inerente a humanidade, não esqueçamos disso. Assim como também é o aprendizado. Adaptação e aprendizado andam juntos, senão não vale a pena ser humano e estar aqui.

A Escola de Artes do CCBJ é um exemplo constante de aprendizagem e adaptação. É uma formação mútua. É via de mão dupla. Por isso, agradeço demais a toda a equipe, pela acolhida cada vez mais intensa das nossas estranhezas e diferenças. Obrigada por tudo.

Fortaleza, 21 de maio de 2021.

Jéssica Teixeira



## Carta para a comunidade do Bom Jardim

Saudação a quem acompanha, viveu, vive e viverá o que é este Centro Cultural.

“Vocês mudam e continuarão a mudar vidas” essa frase foi dita pelo aluno Samuel Morais da primeira turma de extensão em Audiovisual do CCBJ. Tive a alegria e o prazer de ver o processo da turma depois de iniciado e finalizar junto com eles meu ciclo como Assistente Pedagógica do Programa de Audiovisual em 2020. Poder chegar ao fim de um ciclo e me sentir parte atuante na formação de crianças, adolescentes e adultos na linguagem do Audiovisual me fez com certeza perceber como o projeto da Escola de Cultura e Artes dentro do único Centro Cultural na periferia do estado é de fundamental importância para o desenvolvimento humano. Acreditar no que o CCBJ fez e faz é a principal força que os colaboradores deste espaço tem para continuar. Nunca foi fácil, não é simples, a palavra luta é dita constantemente e quando você está dentro consegue incorporá-la no corpo e entender o que ela realmente significa. Quando falamos que o CCBJ é escola de formação para vida, é que dentro desse lugar todo mundo aprende algo novo para sua própria vida. Junto com o CCBJ aprendi que o que é importante pra gente e que impacta de forma efetiva na vida dos outros precisa ser mantido e melhorado, aprendi sobre valentia para defender o que é justo, aprendi sobre trabalho em equipe da maneira mais acolhedora e construtiva, trabalhei diretamente com profissionais excelentes, chegamos conhecidos e saímos todos amigos com a certeza que um sempre vai poder contar com o outro. Meu agradecimento a toda a equipe que compõe a Escola de Cultura e Artes, por confiarem no meu trabalho, por me acolherem desde minha chegada como estagiária e perceberem os



caminhos que poderia trilhar dentro do setor no campo da Assistência Pedagógica, com vocês sou uma pessoa melhor no que considero como cidadã e pessoa artista no mundo. Agradeço a comunidade por acreditar e participar no que propomos, agradeço aos demais colegas que fazem com que a engrenagem do CCBJ não pare, esse lugar é nosso, nós temos que fazer com que ele seja vivo e exista por aqui. Pra cima, pra frente, agradeço e agradeço.

Nayana Santos



**À comunidade, às instituições parceiras, aos alunos, professoras e professores, artistas e amigos do Grande Bom Jardim,**

Participar da experiência do Ciclo Formativo 2020-2021 da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim (ECA/CCBJ) foi uma das experiências profissionais mais desafiadoras e mais enriquecedoras que tive durante minha trajetória de vida. Enquanto morador desse território, tive o prazer de estar no CCBJ como aluno e como colaborador, e nas duas condições, terminei os ciclos formativos e de trabalho uma outra pessoa, com bagagens e aprendizados novos que se somam para toda a vida.

Ao longo desse percurso, tive que lidar com diversos desafios novos, entre o mais inesperado, trabalhar com arte, educação e cultura em um contexto adverso, marcado por uma pandemia que afetou e ainda afeta todas as pessoas desse planeta de alguma forma. Os desafios que vieram com o contexto virtual foram muitos, afinal, era tudo novo para todos, tanto colaboradores, como alunos, professores, artistas. Vivenciar tudo isso, toda essa nova realidade não foi nada fácil.

Acredito que tudo isso nos ensinou bastante de várias formas, pois além de entender o contexto virtual novo que surgia para nossos afazeres, era preciso compreender também o contexto pandêmico e o impacto dele sobre as pessoas. A pandemia afetou além de qualquer coisa o emocional das pessoas, seja pelo medo ou seja pela dor de uma perda, algo que infelizmente se tornou comum em nossa realidade brasileira, fruto do descaso do governo federal no que tange o enfrentamento da pandemia. E trabalhar em um Centro Cultural é acima de tudo



trabalhar com a vida, e isso exigiu de nós colaboradores uma delicadeza ainda maior na forma em que lidamos com cada aluno(a) ou professor(a), e inclusive nossos colegas de trabalho.

É importante aqui ressaltar nossa preocupação no que se refere a vida dos colaboradores do Centro Cultural Bom Jardim. E cabe aqui também colocar que coisas precisam ser melhoradas dentro dessas relações de trabalho. Desde muito tempo a classe trabalhadora se mobiliza e trava lutas contra a precarização do trabalho, a ausência de direitos, e percebemos que com as fragilidades e contradições do sistema capitalista em seu momento atual, essa luta precisa ser ainda mais constante. Foi isso que nos levou a mobilizar em busca de compreensões e mudanças referente às nossas condições de trabalho no Centro Cultural Bom Jardim neste último ciclo. Acredito que nossa caminhada por melhorias para esse equipamento não pode para. Pode parecer utópico, mas sonhamos com o dia em que todos os colaboradores desta casa sejam funcionários efetivados e com carteira assinada. Ter uma carteira de trabalho que garantisse direitos mínimos à classe trabalhadora brasileira também foi uma utopia durante muito tempo até o início do século XX. Por isso precisamos continuar caminhando no sentido dessa mudança.

Sinto muito orgulho de fazer parte dessa História do Centro Cultural Bom Jardim, é um lugar que eu amo, assim como o território do Grande Bom Jardim onde moro e vivo desde o meu nascimento. Nasci e me criei aqui nas ruas da Granja Portugal, hoje me faço e me refaço a partir de vivências com outras ruas e outras trajetórias de vida que o CCBJ proporciona a ter contato dentro do GBJ. É isso que dar sentido para a minha existência e para o meu trabalho no Centro Cultural, não só conhecer



outras trajetórias de vida, mas de alguma forma ajudar na mudança e transformação dessas pessoas.

Assistir uma turma concluir um processo formativo de algum curso do campo da Arte, se capacitando, e trilhando caminhos de esperança, é ver acontecer através da Cultura, a resistência de uma comunidade que sempre foi deixada às margens pelos poderes públicos. Comunidade essa que nunca abaixou a cabeça e sempre teve disposição e garra para lutar e mudar a realidade. O Centro Cultural Bom Jardim nasce e ainda existe por conta desse desejo de mudança, e é com isso que saldo nesta carta todos os nossos antepassados do Grande Bom Jardim que construíram esse território de lutas e resistências. Que eles possam nos transmitir a força necessária para continuar causando essas transformações sociais na vida de cada morador deste território, dentro dessa comunidade, e para transformar nossas utopias em realidade.

*“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.*

*Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”*

*Eduardo Galeano.*

Diego Furtado Rodrigues

Assistente Pedagógico do Centro Cultural Bom Jardim



## Carta à Comunidade do Bom Jardim

Olá,

Meu nome é Marcello de Souza, e eu estou hoje como a pessoa a frente do sistema digital de aprendizagem, o sistema que os alunos e professores utilizam para ter acesso às aulas no CCBJ.

A minha história no Centro Cultural Bom Jardim começou em 2018, onde tive a oportunidade de lecionar em uma disciplina de edição de vídeos. O convite feito pela pessoa do Diêgo Barros me deixou muito feliz, eu tive a oportunidade de apresentar novas perspectivas de software para os alunos e os mesmo tiveram, sem exceção, a oportunidade de editar seus trabalhos.

O que eu relatei acima é considerado o processo normal de qualquer atividade de aprendizagem, mas cabe aqui um parêntese, devido às particularidades do CCBJ, entre elas uma infraestrutura de tecnologia da informação e comunicação legada, constituída na ilha digital de máquinas antigas, algumas muito antigas na época, e como o trabalho com a edição de vídeos exige mais do equipamento, alguns alunos, em anos anteriores, não conseguiam editar.

O cenário que vem aos poucos se transformando, foi um impeditivo para que a turma do mesmo curso no ano anterior, 2017, não pudesse realizar de forma plena a edição de seus trabalhos.

Esse caso merece muita atenção, uma escola é libertadora, ela amplia, eleva,



expande visões e capacidades dos indivíduos que por ela passam. A tecnologia, notadamente as de informação e comunicação, tem efeito semelhante, o virtual ou melhor dizendo o digital, expande as capacidade e por que não dizer a presença no mundo do indivíduo que dele faz uso. E assim deve ser.

Para que isso aconteça deve existir no digital uma união, não perfeita, mas equivalente entre hardware e software, entre o equipamento e o programa a ser usado, sem essa união estável e harmoniosa, as tentativas de se fazer algo se transformam em frustração. Soma-se a lista o ambiente, o digital, o virtual, a informática, são utilitários, os meios e não o fim em si, deve-se pensar em uma solução tendo como primeiro quesito o ambiente, as condições onde essa solução será aplicada.

Pensar dessa maneira nos força a buscar soluções para o nosso cenário, soluções para que os alunos possam usar sem a necessidade de investir em uma compra de programas ou instalar programas pirateados que possam colocar em risco o seu computador.

A liberdade de pensamento e expressão que a Escola de Cultura e Artes do CCBJ entrega à comunidade, encontra na tecnologia um parceiro, que fornece uma quantidade muito satisfatória de ferramentas ou programas entre vários outros recursos.

Recursos esses, que foram criados para serem usados livremente, sem custo, pensando nos que possuem computadores menos potentes e na evolução de cada dia, com a contribuição de literalmente milhares de pessoas no mundo. Mas não se



enganem, o fato desses programas serem construídos de forma livre, colaborativa e descentralizada não os tornam menos eficientes ou ruins, eles fazem o mesmo que programas pagos e conhecidos fazem, e algumas vezes, fazem melhor.

Usar programas livres proporciona economia e autonomia tecnológica, conceitos importantes para o futuro e muito mais para o presente. Permite que o aluno e a comunidade tenham oportunidade de produzir, criar e desenvolver soluções. Os programas livres ajudam a equilibrar a diferença, permitindo que se trabalhe bem mesmo em um computador lento.

A tecnologia hoje permeia tudo, está em todos os lugares, faz parte da nossa vida e da grande maioria dos momentos vividos, através dela se registram nascimentos, festas, momentos de alegria e dor, ela tem a capacidade de nos manter informados e desinformados, antenados e alienados. Na mesma proporção em que é usada para iluminar a vida das pessoas, a tecnologia tem também pode ser usada para jogá-la nas trevas, na escuridão do achismo e do radicalismo.

Tomar o controle, estudar e conhecer a tecnologia pela ótica dos programas livres ajuda a entender, a criticar e a questionar de forma sensata a sociedade em que vivemos, levando para discussão a nossa posição no mundo, muito além do que a fornecida pelo GPS.

Essas ações nos colocam no cenário não mais como usuários ou espectadores, mas sim como atores, como agentes da nossa transformação e da transformação daqueles e do ambiente no qual vivemos. A tecnologia empodera.



Façam uso das tecnologias da informação e comunicação, tomem posse, transformem, subvertam, informem, esclareçam, iluminem. Usem as redes digitais ou físicas e sociais, para trocar e compartilhar conhecimento. Assim como a Escola de Cultura e Artes do CCBJ é um farol para a comunidade, sejam vocês um farol para os seus. Mais do que uma carta, o texto é um convite e um desafio, para que possamos usar todas as possibilidades e recursos da tecnologia a nosso favor.

Desenvolvimento e Suporte de Tecnologia Aplicada

Marcello de Souza

